



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
CÁTIA MELISSA SILVEIRA RODRIGUES

**AS RELAÇÕES DISCURSIVAS NO MEIO ACADÊMICO E AS INFLUÊNCIAS
DECORRENTES DO USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO:
UMA ANÁLISE DO *E-MAIL***

Palhoça
2009

CÁTIA MELISSA SILVEIRA RODRIGUES

**AS RELAÇÕES DISCURSIVAS NO MEIO ACADÊMICO E AS INFLUÊNCIAS
DECORRENTES DO USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO:
UMA ANÁLISE DO *E-MAIL***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dra. Marci F. Martins

Palhoça
2009

R61 Rodrigues, Cátia Melissa Silveira, 1975-
 As relações discursivas no meio acadêmico e as
 influências decorrentes do uso das novas tecnologias de
 comunicação : uma análise do e-mail / Cátia Melissa Silveira
 Rodrigues. – 2009.
 138 f. : il. ; 30 cm

 Dissertação (mestrado) – Universidade do Sul de Santa
 Catarina, Pós-graduação em Ciências da Linguagem.
 Orientação: Profa. Marci F. Martins.

 1. Semântica. 2. Lingüística. 3. Análise do discurso. 4.
 Internet (Redes de computação). 5. Correio eletrônico. I.
 Martins, Marci F. II. Universidade do Sul de Santa Catarina.
 III. Título.

CDD 401.43

CÁTIA MELISSA SILVEIRA RODRIGUES

**AS RELAÇÕES DISCURSIVAS NO MEIO ACADÊMICO E AS INFLUÊNCIAS
DECORRENTES DO USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO:
UMA ANÁLISE DO *E-MAIL***

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 27 de julho de 2009.

Professor e orientador Marci F. Martins, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Suely D. Fragoso, Ph. D.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Solange L. Gallo, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

São tantos os agradecimentos e muitas as pessoas, que ao longo dessa caminhada passaram, pararam e colaboraram com este trabalho... amigas, amigos, parentes,..., por isso, não seria justo citar alguns. Portanto, obrigada a todos!

Destaco apenas nomes daqueles que colaboraram, diretamente para a realização de mais esta etapa vencida: Luís, pela tolerância e presença; à querida Marci, por diferentes razões, mas especialmente pelo carinho e afinho de sua orientação.

E, finalmente: Obrigada, meu Deus!!

“A alegria não está nas coisas; está em nós.” (Goethe).

RESUMO

Este trabalho busca analisar como, tanto o discurso da escrita, como as práticas discursivas das instituições de ensino, estão sendo afetados e deslocados, a partir do uso das novas tecnologias, considerando o modo como o sujeito se posiciona no uso dessa linguagem. Com base nisso, esse estudo busca compreender essa relação entre os discursos acadêmico/pedagógico e o discurso da internet, bem como suas conseqüências sobre a posição dos sujeitos envolvidos nesse processo, considerando o uso da ferramenta *e-mail*. Para isso, o *corpus* de análise deste estudo contemplou a mensagens de e-mails (diálogos) compartilhados entre os sujeitos do discurso - professor e alunos - do ensino superior, nas modalidades do EAD e do ensino presencial, realizados na mesma Instituição, a luz da Análise do Discurso. Uma análise preliminar sugere que o uso de novas tecnologias da comunicação na educação vem ocasionando alterações nessas práticas discursivas, e conseqüentemente vem provocado discussões e ‘modificações’ no meio acadêmico. Essas modificações têm provocado ‘certo’ deslocamento, isso porque o uso de *e-mail*, assim como fóruns, salas de bate-papos, entre outras ferramentas tecnológicas, têm proporcionado certa ‘flexibilidade’ no uso da linguagem no discurso da escrita (estabelecido e institucionalizado).

Palavras-chave: Internet. Discurso da escrita. Discurso pedagógico/acadêmico.

ABSTRACT

This study examines how written discourse and the discursive practices employed by educational institutions are affected and dislocated as new technologies are used, taking into consideration how participants position themselves concerning language usage. Based on these assumptions, this work investigates the discursive relations between teacher and student(s) in the discursive practices that take place at educational institutions, focusing on e-mail messages. The corpus analyzed in this study consisted of e-mail messages (dialogs) exchanged among the discourse participants – college teacher and students – from both distance learning and face-to-face courses offered by the same institution. Discourse Analysis was used to examine the corpus (Pecheux, 1969, 1975). The results indicate that the use of new communication technologies in the field of education has affected discursive practices in the area, leading to discussions and transformations. These transformations produce a sense of strangeness because the use of e-mails, as well as forums, chat-rooms and other technological tools, have allowed for a certain degree of ‘flexibility’ in language usage.

Keywords: Internet. Written discourse. Pedagogic/academic discourse.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 O SUJEITO DO DISCURSO	13
3 DISCURSO PEDAGÓGICO/ACADÊMICO	16
4 DISCURSO DA ESCRITA E DA ORALIDADE	21
5 ENSINO A DISTÂNCIA	24
6 DIALOGISMO BAKHTINIANO & O <i>E-MAIL</i>	30
7 A INTERNET	37
7.1 GEOGRAFIA E TEMPORALIDADE DA/NA INTERNET E SEUS EFEITOS NA FORMA DA LINGUAGEM	43
7.2 O <i>E-MAIL</i> (CORREIO ELETRÔNICO)	45
8 A MATERIALIDADE DISCURSIVA DA FERRAMENTA <i>E-MAIL</i>	50
8.1 ESPAÇO UNISULVIRTUAL DE APRENDIZAGEM (EVA) E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	52
8.2 ‘COMPORTAMENTO’ ELETRÔNICO & FORMAÇÕES DISCURSIVAS	56
8.3 ANÁLISE	58
9 CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS	87
ANEXOS	92
ANEXO A	93
ANEXO B	99
ANEXO C	105
ANEXO D	110
ANEXO E	114
ANEXO F	119
ANEXO G	123
ANEXO H	128
ANEXO I	133

1 INTRODUÇÃO

Para muitos, a Internet é uma ferramenta ‘revolucionária’ no processo das relações comunicativas na atualidade, sobretudo se considerarmos os seus recursos técnicos e informacionais que resultam em serviços como o *world wide web* (www), bate-papo (*chat*), recuperação de informações, comércio eletrônico (*e-commerce*), Intranet, jogos, e o correio eletrônico (*e-mail*), este último o objeto de estudo deste trabalho.

Inserido nesse processo de intensa relação comunicativa, como o próprio nome já diz, o correio eletrônico (ou *e-mail*), assume a responsabilidade de troca das informações/correspondências entre os ‘internautas’, e por isso é considerado um dos mais importantes serviços da rede. Bremmer (1988: 12) ao descrevê-lo diz que “...usando o e-mail, pode-se enviar uma mensagem a qualquer outra pessoa, a qualquer hora do dia, em qualquer lugar do mundo”.

Um outro resultado do desenvolvimento das ferramentas comunicacionais tecnológicas é a educação a distância. Segundo estudiosos da área, como Barreto¹, há dois fatores estreitamente associados que podem ser citados como as características principais da EAD: a sua “vocação democrática e tecnológica”. Segundo ela, a vocação democrática pode ser evidenciada pela “adoção do princípio da abertura do ensino às massas de população, até então impossibilitadas de acesso a uma formação de nível superior [educação formal], o que oferece, entre outras, uma opção ao elitismo universitário tradicional.” O outro fator é (...) a vocação tecnológica, que por sua vez, envolve, basicamente, “a incorporação de modernas técnicas da Ciência da Informação e Comunicação, principalmente para a produção de material instrucional”. Segundo Barreto, a vocação tecnológica é “decisiva como elemento mediador necessário ao processo de auto-aprendizagem ou da aprendizagem independente.”

Evidentemente, juntamente ao atrativo do baixo custo (decorrente da redução nos custos com infra-estrutura), essas tendências direcionam o EAD como uma alternativa para o público presencialmente ‘comprometido’. De fato, o termo ‘a distância’ significa efetivamente a distância física e/ou temporal entre o professor e o aluno e, também, dos alunos entre si. De tal modo, em razão da ausência física do professor, o EAD desenvolve e demanda habilidades intensas, e muitas vezes, diferenciadas de ensino-aprendizagem.

¹ Coordenadora do Programa Universidade Virtual da Universidade de Brasília, pertencente a ABMES (Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior).

A fim de suprir a distância espacial, lança-se mão de instrumentos e meios que se pretendem adequados para que todos os envolvidos participem ativamente do processo educativo, com o objetivo da troca de conhecimentos e experiências de forma mais integrada e qualificada. Moran (2000: 47) refere-se a mudanças do papel do professor diante dessa nova modalidade de ensino-aprendizagem, dizendo que o papel do docente deve ser aquele de “...gerenciador do processo de aprendizagem, de coordenador de todo o andamento, do ritmo adequado, o gestor das diferenças e das convergências”. Isso faz com que este docente tenha que se adaptar a esse novo meio ‘virtual’, e suas possibilidades de interação (ferramentas), a fim de adequar sua metodologia de ensino-aprendizagem, explorando-a ainda mais, segundo o autor, devido às potencialidades da rede mundial de computadores.

A relação entre professor e alunos, hoje, em razão dessas mudanças no ensino e aprendizagem, também se transformou. Com o advento das tecnologias digitais o local ‘físico’ de encontro, o reconhecimento pessoal, e a empatia visual se fazem muitas vezes ausentes, fato esse característico do ensino a distância. O ambiente de ‘sala de aula’ onde o sistema conhecido – em que o professor presente ministra sua aula, em um espaço físico - alterou-se para o ambiente virtual.

Contudo, quando falamos no ambiente virtual de ensino e aprendizagem, percebemos que ainda há muito a ‘aprender’, independente da posição assumida nesta relação – seja pelo professor, seja pelo aluno.

Muito embora se possa reconhecer a tecnologia da EAD como apoio à metodologia de ensino, se reconhece também problemas estruturais tais como o excesso no número de alunos nas ‘salas de aula virtuais’, produção seriada de material didático que impõe um modelo pré-determinado dos conceitos e ferramentas utilizadas pelo professor ‘tutor’, que não tem controle sobre o material que utiliza. Além disso, não se pode excluir a existência, ou melhor, a repetição de erros cometidos na metodologia tradicional de ensino presencial, como a valorização de modelos normatizados e autoritários.-

A necessidade de aprender a usar essa nova metodologia é observada ao notarmos ainda certa resistência no uso de algumas ferramentas eletrônicas/digitais, e no uso da ‘nova’ linguagem digital. Além disso, poderia se fazer referência a própria subutilização dessas ferramentas disponíveis ‘livremente’ por essa nova metodologia de ensino-aprendizagem. Exemplo disso seria a potencialidade do hipertexto, que se mostra como espaço altamente ‘democrático’, onde diferentes textos se inter-relacionam, rompendo com a estrutura linear costumeira, proporcionando construção, desconstrução, debates, análises, etc.

De qualquer modo, a linguagem virtual proporciona aos sujeitos, desde afinidades de relacionamento interpessoal, até situações-problema, como a dificuldade na forma de escrever digitalmente, e conseqüentemente no entendimento nessa interação. Uma das possíveis causas dessas situações-problema seria decorrência dos diferentes ambientes discursivos em que se manifestam essas linguagens, já que o uso de ferramentas digitais de comunicação é variado. Ao destacar o *e-mail* como ferramenta de interação dialógica originária do discurso da internet, percebe-se sua usabilidade regular, tanto em circunstâncias profissionais, quanto pessoais ou acadêmicas, o que levaria a necessidade de adaptações em seu ‘formato’, de acordo com o propósito de seu uso, e a formação discursiva ao qual está inserido (circulando).

Isto posto, a discussão envolvendo as novas tecnologias de linguagem, especificamente a Internet e o uso das novas ferramentas de comunicação, como o *e-mail*, abre muitos questionamentos. Entre eles, está especialmente o tema deste estudo, que tratará acerca do modo como, tanto o discurso da escrita, como as práticas discursivas das instituições de ensino, estão sendo afetados e deslocados, a partir do uso das novas tecnologias, considerando o modo como o sujeito se posiciona no uso dessa linguagem. Baseado nisso, será investigado como está se dando a relação discursiva, entre o professor e o(s) aluno(s), nas práticas discursivas das/nas instituições de ensino, considerando o uso da ferramenta *e-mail*.

Pensando nas práticas discursivas das instituições de ensino, trazemos para a discussão, inicialmente, a noção de discurso pedagógico proposto por Orlandi (2003), que tem sua ‘validação’ reforçada pelo uso do discurso da escrita, do ‘dizer legítimo e institucionalizado’, produzido através de um modelo de língua entendido como único, o qual a escola reproduz. Uma análise preliminar sugere que o uso de novas tecnologias da comunicação na educação vem ocasionando alterações nessas práticas discursivas, o que vem, dentre outras coisas, provocado discussões e ‘modificações’ no meio acadêmico. Essas modificações têm provocado ‘certo’ estranhamento, isso porque o uso de *e-mail*, fóruns, salas de bate-papos, os sites como blogs, orkut, têm proporcionado uma ‘flexibilidade’ no uso da linguagem no discurso da escrita (estabelecido e institucionalizado).

O discurso da internet, assim parece estar ‘influenciando’ o discurso da escrita. De fato, no caso do *e-mail*, observa-se algumas ‘normas’ que orientam para o uso de uma linguagem mais coloquial, que comporta, muitas vezes, até “erros” lingüísticos triviais (como ausência de acentos, supressões, uso de símbolos, etc.) abreviaturas dos termos, além de estruturas lingüísticas que trazem marcas de oralidade, principalmente por sua provisoriidade. Sinka (2001) tratando sobre o tema diz que o *e-mail* possibilita uma escrita informal, onde

“sugere-se uma linguagem cotidiana, coloquial, com a preocupação de não extremar à vulgaridade nem erudição”, em razão do caráter informal e instantâneo da comunicação eletrônica.

Essa coloquialidade permitida no meio digital é contestada no ambiente de ensino-aprendizagem, que busca manter seu caráter de autoridade, com a manutenção de um discurso da escrita, que tem por característica a formalidade, a reprodução, a normatização e o fechamento. Este por sua vez, reconhecido como discurso legítimo e institucionalizado, mantém e é mantido pelas práticas discursivas das instituições.

2 O SUJEITO DO DISCURSO

A base teórica deste estudo está fundamentada pela Análise do Discurso (AD) de orientação pecheutiana, que se desenvolveu a partir de um tripé constituído por áreas distintas, mas complementares: o materialismo histórico, a lingüística e a psicanálise lacaniana.

Saussure ao desenvolver seus estudos sobre língua buscava estabelecer um “verdadeiro objeto para a ciência língua, ou melhor, para a ciência lingüística” (SAUSSURE, 1977). Para tanto, sua organização estrutural do signo lingüístico foi o marco no desenvolvimento da língua como ciência. O estudo enfatizou o aspecto estrutural da proposta, e nesse sentido sua análise obteve como consequência a binariedade, onde o valor de um signo é dado pela relação com outro dentro do sistema, e da relação sem falhas entre o significado e significante, o que implica na possibilidade de reduzir o signo a um sentido único/original. Dessa forma, para Saussure, a língua é um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos, fazendo com que o significado seja considerado dentro de um contexto lingüístico. O que mais tarde mostrou-se um grande limitador para o estudo da língua, já que esta sofre constante influência do meio social e histórico onde se desenvolve e circula.

Seguindo a linha estruturalista de Saussure, Jakobson (2003) propõe um conceito de comunicação definindo-a como um sistema constituído de um remetente que envia uma mensagem ao destinatário, através de um canal, onde os códigos são comuns, e o contexto a que se refere é compreensível pelo destinatário. A comunicação, segundo este autor, tem sua atenção voltada para o contexto de enunciação imediato, ou seja, não leva em conta os atravessamentos da historicidade e da ideologia o que produz uma comunicação sem falhas.

Já a AD entende a comunicação como processo discursivo, constituída por um contexto histórico-ideológico. A língua não é entendida apenas como um código, mas como algo que está além do expresso pela estrutura, ela é a materialidade do discurso. Esse direcionamento parte da leitura do materialismo histórico relido por Althusser (1971) ao tratar da ideologia, pois este destaca que o termo ‘Ideologia’ é o mecanismo responsável pela reprodução das relações de produção, e onde as condições materiais, ideológicas e de política, e exploração são produzidas e reproduzidas na sociedade. Assim, diferentemente da proposta de Marx “A ideologia deixa de ser algo inerente a um grupo/classe, e passa à elemento constitutivo da sociedade em geral.” (ALTHUSSER, 1971: 85).

A partir dessa visão sobre o tema ‘materialidade’, segundo o próprio Althusser, a ideologia se mostra também no uso da linguagem. Para ele, segundo a interpretação de Brandão (2004: 24) “a ideologia é a maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, e essa relação é necessariamente imaginária”, pois essas relações imaginárias seriam como o homem/sujeito atua e relaciona-se com as condições reais de vida. Seguindo esse direcionamento, a materialização dessa ideologia se faria por meio de atos concretos desse sujeito, que é interpelado e constituído por essa ideologia. O que demonstra que esse sujeito ‘não é livre’ em seu dizer, mas sim constituído a partir do meio social e cultural, e o lugar que ocupa na formação social.

Neste momento, ao finalizar a tríade da formação da AD, se reconhece o sujeito como o resultado da relação entre a linguagem e história, mas também como resultado da sua relação com o outro, como inconsciente, já que se considera a subjetividade pela perspectiva da psicanálise desenvolvida por Lacan. O autor desenvolveu sua teoria relendo Saussure, contudo, distancia-se dele, pois considera a existência do sujeito que se estrutura pela linguagem do inconsciente. Para ele este sujeito é clivado, pois está dividido entre o consciente e o inconsciente, onde ele só se define em relação ao Outro, e pela ‘diferença’ que se constitui. Essa visão da subjetividade é assumida pela AD ao trabalhar com este sujeito, que mesmo ‘estruturado’ pela linguagem, só tem sua posição de sujeito legitimada, quando reconhecida (pelo Outro).

Dessa forma, segundo interpretação de Mussalin (2003: 110),

“o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras”.

O que nos leva a crer que um sujeito só diz aquilo que sua posição como sujeito dentro de uma função social o permite dizer, sem que tenha uma consciência clara disso. O sentido, portanto, tem relação com o que é dito, mas também com o que não é dito, mas está igualmente determinando o sentido.

A partir dessa junção (complementaridade e adaptações), Pêcheux (1995) desenvolve a Análise do Discurso. O autor não via na lingüística a solução para entender a língua (tanto que não assumiu totalmente a proposta Saussureana), pois esta não considerava questões como as condições de produção do sujeito no uso da linguagem, nem sequer a subjetividade. Ao tratar da ideologia, Pêcheux entendeu que essa funciona como elemento determinante de sentidos que se fazem presentes no discurso. O sujeito está, dessa forma, assujeitado tanto ao

inconsciente quanto à ideologia, e essa ‘forma-sujeito’ responde a uma ‘forma de produção’ de uma formação social, que também sofre transformações. O assujeitamento, ao qual se refere Pêcheux (1995) é o ‘movimento’ dessas transformações, onde o sujeito se inscreve e onde a linguagem se ‘adapta’ de acordo com a forma-sujeito sempre-já-lá e a posição-sujeito adotada, que por sua vez é mais flexível que a forma-sujeito. Seria a partir de ‘esquecimentos’, denominados por ele como sendo da ordem inter e intradiscursivos, que este sujeito se constitui e é constituído, o que, segundo sua classificação das ‘ilusões constitutivas do sujeito’, reconhecemos como ‘esquecimento n.º 1’, ou esquecimento ideológico (no nível do inconsciente), ou seja, do nível do interdiscurso, e ‘esquecimento n.º 2’, que é da ordem de enunciação, ou seja, o intradiscurso.

Para a AD um texto é uma unidade de sentido dada pelas condições de produção, e esta compreende, fundamentalmente, o sujeito e o evento em que ocorre o discurso. Nessa construção de sentido avaliam-se duas situações: num primeiro momento percebe-se o contexto imediato, a circunstância da enunciação, ou seja, a ‘imagem’ que o sujeito tem dele mesmo, do lugar em que ele se inscreve para formular o enunciado, a imagem do seu interlocutor. Orlandi (1999) relaciona esse momento ao intradiscurso, onde estaria funcionando o esquecimento n.º 2 (COURTINE, 1984, apud ORLANDI, 1999) em que o sujeito é pré-consciente, onde há uma naturalização dos sentidos a partir de uma ‘estrutura’ que já o constitui. Essa estrutura seria a complementação da situação que constitui as condições de produção e que tem um sentido mais amplo. Inclui o contexto histórico e ideológico, o que, segundo a autora, denomina-se interdiscurso. Este interdiscurso relaciona-se ao ‘esquecimento n.º 1’ e tem uma função estruturante, pois é parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. São essas relações de sentido que constituem o discurso, pois não há discurso que não se relacione com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 1999).

Para tanto, é fundamental a compreensão do papel e o reconhecimento do sujeito nessas definições. Como se pode observar, o Sujeito seria como um resultado dessa relação que há entre a linguagem e a história (práticas sociais e ideológicas), e por essa razão dependente de sua relação com o Outro (Lacan). Dessa forma, nossa condição de sujeito é sempre relativa, cada situação ‘exige’ um modo de inscrição do sujeito (e o espelho do Outro), pois a linguagem adequa-se de acordo com a forma-sujeito (sempre-já-lá), e a posição-sujeito adotada a partir dos diferentes atravessamentos ideológicos e históricos vivenciados.

3 DISCURSO PEDAGÓGICO/ACADÊMICO

As relações dialógicas viabilizam a construção e o desenvolvimento do sujeito como o resultado de um conjunto de relações sociais. A escola, com seu lugar nessas relações sociais, embora tenha como propósito o desenvolvimento desses sujeitos-cidadãos, tem desde sua formação (originada nas escolas pré-socráticas) a forte característica de dominação e manutenção de regras sociais que estabelecem padrões ideológicos e econômicos. Nesse direcionamento, Bourdieu (1974 apud ORLANDI, 2003: 28) formulava o sistema de ensino como sendo “a solução mais dissimulada para o problema da transmissão de poder, ao contribuir para a reprodução da estrutura das relações de classe mascarando sob aparência da neutralidade o cumprimento da função”. Embora com o passar do tempo essa prática se mantenha, a busca pelo aprimoramento de técnicas e metodologias, só faz demonstrar o aparente foco desenvolvimentista dessa instituição, ocultando seu papel de instituição mantenedora.

Nesse sentido, observa-se o desenvolvimento de instrumentos e métodos objetivando inclusive o aprimoramento das práticas de ensino, e nesse ínterim, a tecnologia da informação e da comunicação tem assumido papel estratégico na diversificação dos meios interacionais, e nas relações comunicativas entre professor e aluno. Observando essa conjuntura, identifica-se a junção entre tecnologia – educação – relação comunicativa, que entre outros resultados proporcionou o surgimento e desenvolvimento do ensino a distância. Embora haja discordâncias entre autores sobre a eficiência e eficácia desse novo modelo de ensino e aprendizagem, vê-se essa alternativa ganhar espaço nas práticas de educação. Nessa direção, esse estudo busca compreender essa relação entre os discursos acadêmico/pedagógico e o discurso da internet, bem como a posição dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Dessa forma, observa-se que a escola tem sua função definida histórica e ideologicamente como ‘formadora’ do sujeito aluno, a partir de um pré-construído em que o professor é o detentor do conhecimento e a posição do aluno é apenas de ‘repositório’ deste saber/conhecimento. Orlandi (1999: 31) define pré-construído como o que “chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer [...], o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”.

Buscando compreender as práticas discursivas das instituições de ensino, será resgatada a tipologia proposta por Orlandi (2003) para a classificação de discursos. Segundo a autora os discursos podem ser classificados de lúdico, polêmico e autoritário e “essa

classificação é feita, entre outras coisas, com base no grau de reversibilidade entre os interlocutores” em que se analisa a forma com que os sujeitos (interlocutores) fazem uso da linguagem para tratar sobre um referente (tema). Para Orlandi, a distinção dos três tipos de discurso tem como base o objeto de discurso e os seus interlocutores. No discurso autoritário, o referente está “ausente”, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida - “o exagero é a ordem no sentido em que se diz ‘isso é uma ordem’, em que o sujeito passa a instrumento de comando” (ORLANDI, 2003: 15-16).

Destaca-se, inicialmente, o discurso pedagógico (DP) como um o discurso autoritário, pois os sujeitos – professor e aluno – ‘reforçam’ sentidos que demonstram marcadamente a hierarquia presente nesta relação entre sujeitos. Orlandi (2003), ao analisar o discurso pedagógico, afirma que este discurso se constitui predominantemente de forma autoritária na relação que se estabelece entre as posições de professor e aluno, onde há uma “aceitação e exploração das representações que fixam o professor como autoridade, e a imagem do aluno representando o papel do tutelado” (2003: 31). Ela diz ainda, que

essa relação entre aluno e professor aponta para a cristalização de sentidos no discurso pedagógico, em que o professor, determinado pela hierarquia escolar, é a autoridade detentora do saber legítimo, e aluno o ‘depositário desse saber autorizado.

O Discurso Pedagógico, a partir dessa perspectiva, como qualquer discurso, constituído pela ideologia, organiza uma relação do sujeito com a linguagem, colocando-o numa relação imaginária com suas condições materiais de existência. De fato, na visão de Althusser (1971), a ideologia deve ser reconhecida por “ter existência material, ou seja, devem ser estudadas não como idéias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção (materialismo histórico)” (MUSSALIN, 2003: 103). O autor firma sua análise destacando que essa conduta se sustentaria com o ‘apoio’ de ‘Aparelhos Ideológicos do Estado’, onde as ‘Instituições’ (como a escola), formariam/‘moldariam’ os sujeitos de acordo com as formações discursivas vigentes. As formações discursivas (FD), segundo Orlandi, “permitem compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades do funcionamento do discurso” (1999: 43).

Esse funcionamento do discurso pedagógico resulta num apagamento da interação ou transformação necessária para o ensino/aprendizado, ocorrendo então um ‘simulacro’ de transmissão do conhecimento. Nesse funcionamento, o referente, que é a ciência, está

apagado, dominado pelo discurso do professor. A voz do professor é única, homogeneizando o sentido da ciência.

Por sua vez, analisando as práticas discursivas das instituições de ensino, Taschetto (2002) traz sua conceituação para o discurso pedagógico que ela denomina “acadêmico”. Segundo ela é

um discurso sem sujeito (como um efeito de sentido, pois este ora esconde-se, ora desvela-se, através de recursos lingüísticos), fechado em normas rígidas de apresentação para chegar a mostrá-lo como um discurso argumentativo e persuasivo. É nele que a heterogeneidade do sujeito se mostra, mesmo que atenuada, velada pelo uso da norma, numa submissão consentida ao rigor científico. (TASCETTO, 2002: 10)

Isso, porque, segundo a mesma autora,

“encontramos um sujeito tentando apagar sua presença, dividido entre o uso da norma, previamente acordada, e a sua própria subjetividade, marcada no uso de recursos lingüísticos como a voz passiva, os pronomes se e nós, os modalizadores de autoridade e o discurso citado como forma de trazer o outro/tu-outro para legitimar e autorizar o seu discurso, na tradução do discurso do cotidiano para o científico através do uso de aspas, de itálico e de estrangeirismos” . (TASCETTO, 2002: 10)

Taschetto ao desenvolver sua análise, apropria-se do conceito de heterogeneidade, delineado nos trabalhos de Authier-Revuz (1990), que desenvolve o conceito de heterogeneidade discursiva, que trata da relação do sujeito com o “outro” no discurso.

Importante destacar que a autora parte dos princípios bakhtiniano de dialogismo na construção do conceito de heterogeneidade. Segundo Bakhtin “(...) pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (1997: 123), possibilitando assim a presença de outras ‘vozes’ na construção do discurso.

Authier-Revuz analisa essa relação dialógica, “questionando uma concepção homogeneizadora da discursividade, que elege o sujeito como origem, fonte autônoma de um sentido que ele comunica através da língua” (AUTHIER-REVUZ, 1982, apud BRANDÃO, 2004). A heterogeneidade, constitutiva de qualquer discurso, se dá de diferentes formas, e se mostra no enunciado do sujeito através da contradição, da dominação, do confronto e da aliança e/ou complementação com os dizeres do(s) outro(s). Authier-Revuz distingue a heterogeneidade constitutiva e a mostrada, esta última, referenciada por Taschetto ao analisar o Discurso Acadêmico (DA). Para a autora, a heterogeneidade constitutiva está no nível do inconsciente, em que todo sujeito ‘esquece’ daquilo que determina os sentido de seu dizer, e em razão desse ‘esquecimento’ (apagamento), coloca-se na origem do dizer, conforme postula Pêcheux quando formula o ‘esquecimento numero um’. Já a heterogeneidade mostrada

(marcada ou não marcada) é identificada pela autora como sendo uma maneira de negociação do sujeito com a heterogeneidade do primeiro tipo, a constitutiva, na forma de denegação. Na marcada a relação com outro é visível na materialidade lingüística e na não marcada essa heterogeneidade não se materializa linguisticamente pelo discurso relatado, por exemplo. A ironia é um exemplo da heterogeneidade mostrada não marcada.

Ao relacionarmos essa concepção de heterogeneidade com DP vemos que o professor (na maioria das vezes) apaga a voz do cientista/pesquisador ‘apropriando-se’ do referente, e a heterogeneidade nesse caso, é também apagada. No discurso acadêmico, da perspectiva de Taschetto vemos uma outra situação interlocutiva, já que se observa uma heterogeneidade mostrada, em que mesmo tentando apagar sua presença, o sujeito através do discurso relatado traz o outro/tu-outro para corroborar a sua voz, seja pela citação direta ou pela indireta. Essas outras vozes compõem a voz do autor, que é um cientista além de professor. Essa negociação com o outro caracteriza o discurso acadêmico nos termos de Taschetto, como um discurso polêmico em sua formação. De fato, essa negociação com as outras vozes que compõe o discurso do sujeito professor, mesmo “escondendo” uma tentativa de homogeneização do sujeito, já que, segundo Authier-Revuz, ao dar lugar para o outro no seu discurso, o sujeito busca construir um lugar que é somente seu no discurso, acaba por produzir um efeito de heterogeneidade. Além disso, essa heterogeneidade que coloca o professor/cientista numa relação dialógica com outros professores/cientistas pode estabelecer posições de sujeito aluno/professor menos autoritárias do que aquelas vistas no discurso pedagógico.

Neotti (2007) em sua proposta de análise, diferencia o discurso pedagógico do acadêmico apontando que no discurso acadêmico o professor não apaga a voz do cientista que ‘produz’ a ciência. Nele se mantém a presença do referente (tema) administrado pelos sujeitos interlocutores. Para Neotti, enquanto o discurso pedagógico é autoritário, o discurso acadêmico é polêmico. No entanto, para se entender a proposta de Neotti, convém apontar sua conceituação para discurso científico. Em sua definição a autora trata do discurso científico a partir de duas perspectivas. Numa delas, compreendendo o discurso científico na sua relação com os outros discursos, propõe que ele tem características autoritárias:

É autoritário, pois está no campo da certeza, da manifestação de um saber supremo. Convence o outro a aceitá-lo como verdade, já que por meio de resultados empíricos e dados estatísticos cria-se um efeito de verdade, limitando a possibilidade de dúvidas. (NEOTTI, 2007: 31)

De outra perspectiva, contudo, o mesmo discurso pode ser visto com o polêmico. Nesse caso, a autora está observando o discurso científico intradiscursivamente, já que a relação entre os interlocutores é marcada por um grau menor de irreversibilidade: nessa ótica

os interlocutores (o cientista e seus pares) procuram dominar o referente, dando-lhe uma direção, indicando perspectivas. Seguindo esse direcionamento, pode-se, então, observar tanto a autoridade do discurso científico sendo validada e mantida nas instituições de ensino, visível por meio de um conjunto de paradigmas científicos já constituídos que representam a verdade e o poder, quanto a possibilidade de maior ‘flexibilidade’ dessa autoridade quando as relações interlocutivas se dão entre pares, em que o pesquisador demonstra mais autonomia ao tratar o referente. O discurso acadêmico para Neotti (2007), então, é o resultado da relação do discurso pedagógico, com o discurso científico na sua forma mais polêmica:

Dessa forma, Neotti (2007: 34) conceitua o discurso acadêmico, como

um tipo de discurso polêmico em que se mantém a presença do referente (a ciência não está oculta) sendo que os participantes procuram dominar esse referente, “dando-lhe uma direção, indicando perspectivas particularizantes pelas quais se olha e se diz, o que resulta na polissemia controlada (o exagero é a injúria) (ORLANDI, 2003: 15). Este modo singularizado de construir o referente em que cada participante busca dominá-lo se mostra enunciativamente através de marcas explícitas de heterogeneidade: os enunciadores são marcados nos textos (através do discurso direto e indireto) como num paper. Desse modo, o sujeito professor do discurso acadêmico não se apropria da voz do cientista sem explicitar o seu lugar de mediador.

Essa conceituação se faz importante, pois ambas as autoras sinalizam para uma variação polissêmica dos discursos, decorrente das produções de sentido dos sujeitos envolvidos. Essa ‘relativização’ poderá auxiliar na compreensão do efeito de sentido produzido e percebido nas mensagens eletrônicas de *e-mail* analisadas nesta pesquisa, e seu enquadramento tipológico de acordo com o sujeito interlocutor.

4 DISCURSO DA ESCRITA E DA ORALIDADE

A discussão que envolve as novas tecnologias de linguagem, especificamente a Internet, o ensino a distância, e o uso do *e-mail* como ferramenta de relação comunicativa (diálogo) possibilita uma série de questionamentos. Entre eles, está um ‘olhar’ sobre o papel do professor, que não pode, de acordo com sua posição nas práticas discursivas da escola, ignorar uma transformação do modelo normativo de escrita. É importante lembrar que o surgimento da ferramenta *e-mail* se deu num ambiente externo ao acadêmico, sendo por isso determinado pela formação discursiva (FD) da internet, com suas características e particularidades. Dessa forma, a reflexão adotada nesta pesquisa compreende que a relação entre os discursos pedagógico/acadêmico e da internet, tende a afetar o discurso da escrita, que segundo Gallo (1995), é legitimado pelo discurso pedagógico.

O discurso da escrita, de acordo com Gallo (1995), caracteriza-se pelo modo como se constitui o uso da escrita numa sociedade como a nossa. Para a autora, trata-se do discurso institucionalizado e legitimado, que se mostra materializado pelas leis, regimentos, contratos, rituais, etc., O discurso da escrita, assim, se constitui produzindo “fechos” e um efeito de sentido único.

De acordo com Orlandi (1993: 77) autoria

é uma função de todo sujeito e que este assume enquanto produtor de linguagem, sendo a dimensão discursiva do sujeito que está mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico), ela está mais submetida às regras das instituições.

Contudo, Orlandi (1999) afirma que não basta falar para ser autor, o sujeito precisa “apreender” a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica. É o que a autora (1999: 76) chama de assunção de autoria:

A assunção de autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição no contexto-histórico-social. Apreender a se representar como autor é assumir, diante das instâncias institucionais, esse papel social na sua relação com a linguagem: é mostrar-se como autor.

Assim, o efeito de fechamento e coerência do texto se dá por uma assunção de autoria pelo sujeito, ou seja, pela sua inserção em um discurso legitimado, institucionalizado, fazendo parecer coincidente a historicidade do dizer com sua própria historicidade, identificando-se aí.

O discurso da oralidade, por sua vez, de acordo com Gallo (1995), não se constitui de forma institucionalizada e legítima. O sujeito assim é constituído pelo que a autora denomina não fechamento, o que produz para a oralidade um efeito de provisoriedade:

Espero que tenha ficado clara a relação entre o Discurso da Oralidade e Oralidade, e Discurso da Escrita e Escrita, que, como vimos, não é uma relação direta, mas sim uma relação que se explica através da história e através dos processos ideológicos. Assim, se inscrevem no Discurso da Oralidade, textos produzidos oralmente ou por escrito, e igualmente para o Discurso da Escrita. (GALLO 1995: 63)

O que significa dizer que a produção oralizada de um sujeito pode estar inscrita no discurso da escrita e um texto, por sua vez, pode ser resultado do discurso da oralidade. Contudo, o que a autora quer destacar é que diferentemente do discurso da escrita, a oralidade não é um discurso legítimo. Assim, para Gallo (2001) a autoria pode ser observada em dois níveis: no nível enunciativo-discursivo e no nível discursivo por excelência. O primeiro nível (enunciativo-discursivo) diz respeito à função de autor, que estabelece a condição de todo sujeito enquanto produtor de texto; já o segundo nível (discursivo por excelência) refere-se ao efeito-autor, um efeito do discurso da escrita que afeta o sujeito aí inscrito.

No que diz respeito a relação entre as formações discursivas da escrita e pedagógica vemos que se estabelece aí uma aliança, ou seja, a escrita legítima é trazida para a Escola e aí simula validar as posições-sujeito do discurso pedagógico, já que essa escrita “institui um único sentido, verdadeiro e cabal”, e “caracteriza-se por sua inscrição no Discurso da Escrita, aquele que produz o efeito-autor”². No entanto, em contraponto a ele, o discurso da oralidade, segundo a mesma autora, “dificilmente ganha contornos definitivos, unidade, efeito de fim, embora a função-autor se marque fortemente” (GALLO, 1995: 49). Para Gallo (2007), então, no discurso da oralidade a função-autor seria caracterizada pelo ineditismo, pela não coincidência com uma historicidade legitimada, um efeito de autoria, ou seja, um efeito de distinção na autoria que “tem na base critérios relacionados à filiação de sentidos à anotação, ao instantâneo, ao descartável, o ‘não fecho’” e conseqüentemente à um efeito-autor que tende a zero. Assim, a escola apenas apresenta a ‘forma’ do discurso da escrita, para que essa seja reproduzida numa ‘cópia’, sem chegar a trabalhar as suas reais condições de produção, inscrevendo o sujeito, de fato, no discurso da oralidade.

Para tanto, a autora faz uso da metáfora do ensino do tricô (1995: 59) que

É como se, para ensinar alguém a fazer tricô, se mostrasse lindas peças tricotadas (uma blusa, um casaco, um gorro, etc.) e se pedisse que o ‘aprendiz’ fizesse um quadradinho de tricô – para que se pudesse observar se ele já sabe tricotar – depois um círculo, e finalmente um retângulo. Então, se ele se mostrasse capaz de realizar estas tarefas, seria aprovado. Será que esse ‘aprendiz’, já fora da Escola, conseguiria produzir uma blusa de tricô, por exemplo, com mangas, gola etc., e que

² Autoria, segundo GALLO (2007) “caracteriza-se por [...] sentidos relacionados à historicidade do sujeito, por um lado e, por outro, sentidos relacionados à historicidade do discurso, no qual o sujeito se inscreve, em um evento discursivo”.

o colocasse no processo de produção e não servisse somente para que ele fosse 'observado'?

Dessa forma, seu texto, portanto, não produz o efeito-autor (participante do discurso da escrita) e não se legitima. Na Escola o sujeito não se mostra como autor (efeito) em razão da permanente provisoriedade do seu dizer.

5 ENSINO A DISTÂNCIA

Antes mesmo das tecnologias atuais, sabe-se que os filósofos gregos já se utilizaram de recursos de ensino-aprendizagem. Isso porque, ao discutirem os conceitos primavam pelo ensinamento dialético, em que o conhecimento era resultado de constantes questionamentos, em que não apenas se ensinava, mas também se produzia conhecimento.

Como um processo histórico e social, as estratégias de ensino e aprendizagem se transformaram se constituindo tanto por um pré-construído que remonta aos gregos, à escolástica, quanto por uma memória envolvendo as 'novas tecnologias digitais de ensino-aprendizagem' em que a referência é o desenvolvimento do ensino a distância via internet. Contudo, a primeira tecnologia a ser utilizada na modalidade a distância foi a escrita (manuscrita), a partir da qual desenvolveu-se o ensino por correspondência. Os instrumentos foram se aperfeiçoando e a seguir 'nasceu' o livro (uma das tecnologias mais importantes no ensino a distância, antes do aparecimento das modernas tecnologias eletrônicas, em especial as digitais). Segundo Struschiner a versão impressa, ou textual, prima pelo aspecto auto-instrucional³, caracterizado de forma clara e precisa, a fim de "estabelecer um diálogo com o aluno". (STRUCHINER, 2001: 12)

Séculos após o advento da imprensa surgiu o rádio, que permitiu que o som fosse levado a localidades mais remotas. Sua linguagem verbal, sob forma oral, permitiu a difusão instantânea de notícias e informações. Com a televisão todos os componentes audiovisuais foram incorporados à comunicação à distância. Em relação ao ensino a distância, é necessário destacar que, embora a flexibilidade (tempo-espço) da televisão seja de grande importância, faz-se também necessário, em consonância a seu uso, um complemento pedagógico de maior profundidade em conteúdo e de interação entre os públicos.

É ainda importante lembrar de equipamentos, como o telefone e o fax, etc., que possibilitam estabelecer a comunicação direta pessoal entre os agentes (professor - aluno).

Por fim, destaca-se o computador, ferramenta que "viabiliza a integração de diferentes meios de comunicação e formas de apresentação a uma série de sistemas e linguagens, o que

³ Auto-instrucional / auto-instrução: "Método de aprendizagem em que o aluno, utilizando material instrucional adequado, estuda sem participação direta de professor em conformidade com seu próprio ritmo ou disponibilidade." (FERREIRA, 1999: 235)

possibilitou a criação de sistemas de aprendizagem e programas educacionais multimídia altamente interativos." (STRUCHINER, 2001: 17).

O computador, quando conectado em rede, permite o acesso e envio de textos/mensagens a qualquer hora e lugar. O **correio eletrônico** (*e-mail*) e as **listas de discussões** possibilitam a comunicação assíncrona⁴, de forma ágil e fácil entre os sujeitos. As **salas de bate-papo** (*chats*) permitem a comunicação de forma síncrona⁵ entre várias pessoas, o que possibilita a conversa/troca direta de informações.

A introdução da *Web* possibilitou, além da agilidade do acesso a documentos textuais, também a distribuição de vídeos, animações, áudios, fotografias e gráficos em formato digital. Neste contexto o uso de videoconferências aparece como grande exemplo que permite a realização de seminários, trabalhos em grupo, discussões, etc., de maneira altamente dinâmica no processo de EAD.

Um fato de grande importância no uso da **www** para a aprendizagem a distância, é o acesso interativo e de forma não-linear, melhor caracterizado pelo **hipertexto**⁶.

Para o bom e qualificado uso de tantas ferramentas disponibilizadas pelo computador, faz-se essencial a elaboração de um planejamento de aulas de qualidade e didaticamente produtivo.

O planejamento, o desenvolvimento e a implementação de programas de EAD são um processo complexo que envolve uma série de necessidades organizacionais e materiais, atividades e conhecimentos de diferentes campos [o que gera diferenciações de acordo com o contexto de cada instituição]. (STRUCHINER, 2001: 19)

A mobilidade proporcionada pela tecnologia é uma tendência também vista na educação, onde se observa mudanças de metodologia e o uso de novas ferramentas de apoio a relação comunicativa entre os sujeitos. Em consequência a esses avanços tecnológicos que ocasionaram o desenvolvimento nos processos de ensino-aprendizagem surge o ensino a distância (EAD).

⁴ Interações assíncronas são aquelas que não são realizadas em tempo real.

⁵ Interações síncronas são aquelas em que todos os agentes estão *on-line* ao mesmo tempo.

⁶ Texto que inclui links ou atalhos para outros documentos, permitindo ao leitor 'pular', facilmente, de um texto para outro, de forma não-linear, mas que estejam relacionados. O termo foi criado por Ted Nelson, em 1965, para descrever documentos que expressam estruturas de idéias não lineares, em oposição ao formato linear dos filmes, dos livros e da fala. (FARIAS, 2002: 99)

Entretanto, é importante lembrar que esta modalidade não é recente no sistema de ensino, inclusive brasileiro. Inicialmente o EAD fora visto como uma modalidade popular, uma maneira de atender aos que iam ficando excluídos do sistema educacional presencial, e era voltado principalmente à alfabetização e à formação básica da população de baixa renda. Somente após o advento das redes corporativas e da Internet, conferiu-se novo status a esta modalidade de ensino.

A educação *on-line* vem sendo vista por empresas e instituições de ensino como uma forma nova de atender a outro tipo de excluído, não o excluído social, mas o excluído pela falta de disponibilidade de tempo ou pela distância em relação aos centros de excelência, uma elite gerencial, executiva, profissional que vem se dirigindo os mais recentes esforços em educação *on-line*. (AZEVEDO, 2001: 01)

É importante identificar claramente as implicações das diversas opções de denominação aplicáveis a essa nova modalidade de ensino. Ao buscar informação sobre o tema, percebe-se muita ‘confusão’ nas nomenclaturas. Expressões como ‘Ensino a Distância’, ‘Educação a Distância’ e ‘Aprendizagem a Distância’ são utilizadas, muitas vezes, em contextos que alteram seus significados.

Segundo Freire (2005: 47) ensinar

...não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (...) estar aberto a indagações dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa de ensinar e não de transferir conhecimento.

Freire (2005) completa que para ensinar, o professor deve ter a visão do humano como ser inacabado, e isso exige desse profissional o reconhecimento, respeito, humildade, apreensão da realidade, diálogo, entre outros atributos necessários para o sucesso nesse processo de produção e construção.

Dessa forma, observa-se que aprendizagem seria algo individualizado, ou seja, ela só acontece na pessoa do ‘aprendiz/aluno’ e pela pessoa do ‘aprendiz/aluno’. Para tanto, Freire (1983: 69) diz que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” Definição essa que é válida para as diferentes modalidades em que o processo de ensino-aprendizagem se apresenta: seja ela tradicional (presencialmente), ou virtual (EAD).

O **ensino a distância** não difere, em essência, do ensino presencial, contudo o termo ‘a distância’ significa efetivamente a distância física ou temporal entre o professor e o aluno e, também, dos alunos entre si.

De acordo com Silva, busca-se, na EAD uma prática docente que leve

...a socialização baseada na comunicação e no conhecimento em confrontação coletiva. É a possibilidade do sujeito diluído na subjetividade de suas escolhas descobrir-se com ser social na confrontação coletiva e não a partir de lições-padrão. (SILVA, 2002: 169)

O ensino a distância surgiu em resposta a um sistema de informação ágil e exigente, decorrência do acelerado desenvolvimento tecnológico e científico da sociedade. Em razão disso, e da quantidade e velocidade das informações, tornou-se fundamental a formação e atualização profissional, a fim de qualificar o perfil funcional dos trabalhadores. Isto fez com que o ensino a distância se desenvolvesse, não só em caráter empresarial, mas também para o ensino-aprendizagem de caráter formativo.

Em razão da ausência física do professor, o EAD desenvolve e demanda habilidades intensas de ensino-aprendizagem. A fim de suprir a distância espacial, lança-se mão de instrumentos e meios que se pretendem adequados para que todos os agentes envolvidos participem ativamente do processo educativo, com o objetivo da troca de informações e experiências de maneira integrada e qualificada. Dessa maneira, o ensino a distância “representa a oportunidade de disseminar o conhecimento, tanto em nível de capacitação profissional, quanto escolar, de forma abrangente, homogênea e a custos reduzidos.” (MOREIRA, 2001: 144)

É importante ressaltar que, devido à complexidade do trabalho, o envolvimento de uma equipe profissional multifuncional e multidisciplinar é fundamental. Mas, primordial para a qualidade no ensino, seja ele presencial ou a distância, é o professor, e seu posicionamento diante de todas as potencialidades que irá dispor com ferramentas de apoio ao processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, Silva (2002: 158), parafraseando Freire (1983) diz que o professor deve “promover a participação-intervenção, bidirecionalidade-hibridação e permutabilidade-potencialidade, aproveitando a confluência oportuna das esferas social, tecnológica e mercadológica...”.

No entanto, é importante destacar que a modalidade de ensino a distância se enfraquece como proposta quando encontramos salas de aula virtuais com um número excessivo de alunos - em torno de 100 alunos por turma, por professor. Essa condição traz como consequência a necessidade de um modelo de produção seriada de materiais didáticos, a padronização (ou engessamento) das práticas metodológicas docente em que há uma determinação para uso adequado das ferramentas digitais. Além disso, o ensino centrado no professor-‘tutor’, resgata um sentido para o professor que é o sujeito encarregado de tutelar

alguém, de ser o protetor, defensor. Na EAD o tutor é o sujeito que não tem o compromisso de preparar o conteúdo, pois o material didático já vem produzido e pronto pelo conteudista. Ao tutor cabe repassar esse conhecimento formatado para o aluno, que somado a isso é o único contato do aluno nas questões de natureza pedagógica e de avaliação de aprendizagem. Além disso, essa metodologia prima pela ausência de contato presencial aluno-professor, prática que elevaria o custo do programa, muito embora esse distanciamento físico leve a certa insegurança na prática do método, e conseqüentemente na problemática do diálogo entre os sujeitos do discurso.

Além disso, não podemos excluir a repetição das falhas cometidas na metodologia clássica do ensino presencial, como a reiteração da normatização e disciplinarização do conhecimento, resultado da determinação do discurso pedagógico autoritário. Nessa análise, observa-se que o formato planejado, delimitado e ‘formatado’ de algumas práticas da EAD, reproduz a fala da autoridade, da voz proeminente do professor-tutor diante do aluno-tutelado.

O discurso pedagógico cuja função primordial é o estabelecimento de certezas e verdades a serem seguidas, mantidas, naturalizadas e legitimadas no contexto escolar parece funcionar na EAD, em que se destaca o regime estruturado por uma metodologia que proporciona o desenvolvimento do ensino-aprendizagem mediado pela tecnologia. Além disso, essa proposta é determinada por um discurso administrativo, “em que as diretrizes de uma instituição responsável pela gerência de um modelo educacional institui seus sujeitos, dentro de uma hierarquização político-pedagógica, previamente estabelecida” (GOMES, 2008: 166). Com isso, ao se observar a proposta de algumas instituições para a EAD, vê-se a construção de materiais didáticos com roteiros pré-estabelecidos, plataformas de ensino que dispõem de ferramentas de interação com procedimentos e regras pré-determinadas pela instituição de ensino que desenvolve o projeto, que muitas vezes, é motivada por interesses financeiros.

Essas condições de produção demonstram certo autoritarismo do modelo, em que o uso normatizado das ferramentas digitais e o fortalecimento das posições-sujeito do discurso - onde o aluno nada sabe e o material didático e o professor são as fontes únicas de saber - denotam a grande similaridade deste ‘novo’ processo de ensino-aprendizagem, com ‘antigos’ métodos de ensino escolástico.

Neste momento, faz-se resgate da fala de Bourdieu (1974 apud ORLANDI, 2003) ao relacioná-la ao EAD, pois mesmo com a proposição de democratizar o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando o acesso daqueles menos favorecidos (seja de tempo, quanto

financeiramente) ao ensino superior, identifica-se a predominância e a materialização da autoridade do discurso pedagógico, que busca a validação de processos ideológicos de 'poder', mantido por meio de procedimentos automáticos como a reprodução do discurso da escrita.

6 DIALOGISMO BAKHTINIANO & O E-MAIL

Não se pode falar em relação dialógica ou comunicação discursiva sem fazer referência a Bakhtin, teórico russo precursor de uma das noções mais importantes na análise do discurso e dos gêneros do discurso: o dialogismo. É importante destacar que a concepção de Bakhtin para comunicação é bastante diferenciada da teoria de informação, proposta por Jakobson, por exemplo. Isso porque para Bakhtin, a teoria de Jakobson incorre em algumas falhas, como: i) a simplificação excessiva da comunicação lingüística; ii) a proposta de modelo linear que se ocupa preferencialmente pelo plano da expressão; e iii) o caráter mecanicista da proposta (BRAIT, 2005: 30). A concepção de comunicação de Bakhtin (apud BRAIT, 2005) é bastante diferenciada das propostas da teoria da informação. Para ele elementos como camada social, profissão, idade e região não podem ser desconsiderados quando da reflexão sobre a comunicação, o que segundo Brait (2005) direcionada para uma visão mais humanizante ou sociologizante da comunicação.

Seguindo esse direcionamento, Bakhtin afirmava que todo enunciado é dialógico, para tanto o caráter de responsividade e alteridade entre eles é princípio constitutivo, ou seja, todo enunciado é sempre uma resposta a um enunciado anterior, e, conseqüentemente, sempre busca por uma resposta. Por isso, ao se trabalhar com materiais que se constituem pela interação, incluindo aqui os meios tecnológicos de relação comunicativa como o correio eletrônico (*e-mail*), busca-se na proposta do dialogismo bakhtiniano auxílio para a sua compreensão:

“... toda compreensão plena real é ativamente responsiva... (os diferentes gêneros discursivos pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes)... todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” (BAKHTIN, 2003: 272)

Bakhtin, segundo interpretação de Fiorin (2006), compõe sua definição do conceito de dialogismo em estágios conceituais que se complementam, e se constituem. De modo seqüenciado e didático, o autor aponta como primeiro conceito fundamental para a compreensão do dialogismo: a relação constitutiva de um enunciado com o outro enunciado: “todos enunciados constituem-se a partir de outros” (2006: 32), o que, caracterizaria não

existência de um primeiro enunciado, e sim do resultado, uma relação de enunciados. Poderia se dizer que a construção de um enunciado, solicitaria naturalmente uma resposta (enunciado ainda inexistente), proporcionando o desenvolvimento de outro enunciado, e assim sucessivamente.

A partir dessa percepção, Bakhtin aponta para a heterogeneidade desses diálogos, caracterizada por Fiorin (2006) como o segundo estágio, que se compõem a partir de vozes de outras vozes no discurso, podendo se caracterizar pela maior ou menor ‘interferência’ na constituição de uma relação dialógica. Para o autor, há duas maneiras de inserir o discurso do outro no enunciado: pelo discurso alheio demarcado (objetivado), e por meio do discurso alheio não-demarcado (bivocal). Ambos demonstram a existência do ‘outro’ no desenvolvimento dos enunciados discursivos, com a diferença de que o primeiro se coloca de maneira ‘mostrada’, reconhecida pelo leitor, a partir a ‘visualização’, seja por uso do discurso direto, ou indireto, pela presença de aspas, ou mesmo a negação da fala do outro. O segundo, o discurso alheio não-demarcado, é ‘internamente’ dialogizado, em que a presença do ‘outro’ não é evidente, mas é reconhecida por meio do uso de paródia, polêmica, estilização ou por meio de discurso indireto livre.

Pêcheux já falando a partir do que se convencionou chamar de terceira fase da AD, mostra, através da aceitação do conceito de heterogeneidade, sua maior convergência com os conceitos bakhtinianos. Na discussão sobre relações entre a materialidade discursiva e o interdiscurso, desenvolvida por Authier-Revuz através de sua noção de heterogeneidade, reformula-se na AD francesa, e o conceito de formação discursiva (GREGOLIN, 2005: 46). No desenvolvimento de seu conceito, Authier-Revuz afirma que (1990: 27)

Nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu e vive sua existência socialmente sustentada’. O que Bakhtin designa por saturação da linguagem constitui uma teoria de produção do sentido e do discurso: coloca os outros discursos não como ambiente que permite extrair halos conotativos a partir de um nó de sentido, mas como um ‘centro’ exterior constitutivo, aquele do já dito, com o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso.

Dessa forma, a terceira fase da análise do discurso trata do abandono da idéia de formação discursiva fechada nela mesma. É a fase do ‘outro sobre o mesmo’. É neste período em que a formação discursiva é vista na sua relação interdiscursiva, ou seja, não tem limites precisos, já que estes passam a ser definidos na relação com outras formações discursivas.

E finalmente, seguindo a tríade de conceituação do dialogismo bakhtiniano proposta por Fiorin, é apresentado que “o princípio de constituição do indivíduo, é o seu princípio de ação; ou seja, o indivíduo se constitui em relação ao outro [...] onde o mundo exterior não está

nunca acabado, fechado...” (FIORIN, 2006: 55). Nesse direcionamento, Bakhtin afirma que o sujeito não é assujeitado, não é submisso às estruturas sociais, para ele o sujeito age em relação aos outros, e o indivíduo constitui-se em relação ao outro, ou seja, a subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito.

Contudo, esta abordagem teórica não será adotada nesta pesquisa, justamente por **nos** situarmos na análise discursiva que não considera o indivíduo particularizado, idiossincrático, mas sim um sujeito social determinado por questões históricas e ideológicas em sua constituição. O conceito apropriado da teoria de Bakhtin será sua teoria fundante da heterogeneidade, a presença – mostrada ou não – de ‘vozes’ do outro no discurso, conceito que proporcionou grande contribuição para a análise do discurso, especialmente para a terceira fase de estudos da linha francesa.

De acordo com os princípios bakhtinianos, a constituição das vozes e seu predomínio no discurso podem ser classificadas e avaliadas como centrífugas ou centrípetas, sendo que esta última, tem por característica a resistência a se relativizar, é mais impermeável, autoritária. As vozes centrífugas são mais permeáveis à impregnação de outras vozes no discurso, denotando maior hibridização, mais flexibilidade à mudança.

Essas características apresentam grande similaridade com a proposta para uma tipologia do discurso, de Orlandi (2003), que, como visto anteriormente, classifica os discursos como autoritário, lúdico e polêmico, a partir de critérios de interação entre os sujeitos e o grau de polissemia no discurso.

Relacionando duas propostas, podemos ‘equiparar’ as vozes centrífugas com o discurso polêmico, pois, em ambos os casos, há por parte dos interlocutores uma luta pelo sentido do referente, as vozes do discurso, onde cada uma delas, a seu modo tentam dominar o referente.

Já as vozes centrípetas no discurso podem ser relacionadas ao discurso autoritário em que não há reversibilidade entre os interlocutores, se reconhece apenas uma voz incondicional, não há relatividade no discurso, pois no discurso autoritário “o referente está ‘ausente’, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na *polissemia contida* (o exagero é a ordem) no sentido em que se diz ‘isso e uma ordem’, em que o sujeito passa a instrumento de comando”. (ORLANDI, 1999: 15-16)

Importante destacar que essa relação dialógica, proveniente da relação de sentido que se estabelecem entre enunciados, seja ele oral ou escrito, acontece exclusivamente entre sujeitos. Para tanto, Bakhtin (2003: 316) destaca que

“ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito (“Du”). Na *explicação* existe apenas uma consciência, um sujeito; na *compreensão*, duas consciências, dois sujeitos. **Não pode haver relação dialógica com o objeto**, por isso, a explicação é desprovida de elementos dialógicos (alem do retórico-formal). Em certa medida, a compreensão é sempre dialógica. (grifo nosso)

Bakhtin baseia seu conceito de dialogismo na relação que essa noção tem com o enunciado. Para ele “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele corpo de atividade humana.” (BAKHTIN, 2003: 261). É o que, na análise de discurso peuchetiana, se denomina condições de produção, que corresponde a

uma das formas pela qual a instância ideológica funciona é a ‘interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico’. Essa interpelação ideológica consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que até tome consciência disso, mas ao contrário, tenha a impressão de que é o senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social. (BRANDÃO, 2004: 46)

Para Orlandi, as condições de produção compreendem “fundamentalmente os sujeitos e a situação”, e neste sentido a memória faz parte dessa conceituação. A autora considera, para isso, o contexto imediato da enunciação, ou seja, a circunstância em que ela se materializa, e o contexto amplo ou sentido amplo, que considera e inclui o contexto histórico e ideológico, o pré-construído do discurso “o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. (ORLANDI, 1999: 31)

Segundo Bakhtin (2003: 261) “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros de discurso.” Pêcheux (1975) reconhece que os discursos também se constituem produzindo um imaginário de unidade e coerência, que se materializa numa formação discursiva, sendo

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob forma de arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). [...] diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (PÊCHEUX, 1995: 160-161).

O entendimento de que cada formação discursiva (FD) é determinada por suas condições materiais de existência, ou seja, por suas condições de produção, determinam que

os sentidos formulados pelo sujeito em uma FD dependem da conjuntura histórica, social e ideológica de que ela faz parte. Essa assunção remete também a proposta discursiva bakhtiniana que entende a linguagem como um fato social e ideológico.

Ambos os conceitos - gênero e discurso, este último visto a partir da perspectiva pecheutiana - buscam ampliar as perspectivas de estudo da linguagem compreendendo-a como uma prática social e ideológica. Esse posicionamento leva em conta a compreensão da linguagem em seu uso social e histórico, como uma prática social e ideológica. Não limita o estudo da língua enquanto forma, enquanto um sistema estrutural imanente. Assim, ao tratarmos dos enunciados que materializam as relações discursivas dos e-mails vamos levar em conta a relação interlocutiva proveniente da alternância dos sujeitos no discurso, em que um fala (escreve), e outro escuta (lê), e vice-versa, o que segundo Bakhtin trata-se da ação básica das relações sociais.

Essa alternância enunciativa, segundo Bakhtin, só é possível, a partir do momento em que o enunciado apresenta a característica de conclusividade específica, o que significa que ‘tudo’ foi dito naquela situação, dando então a possibilidade de resposta pelo outro (interlocutor), proporcionando então, o diálogo. Da perspectiva da análise do discurso essa conclusividade, fechamento e definição de um enunciado são imaginários, já que para Pêcheux, o sujeito do discurso se constitui por esquecimentos. Isso permitiria a esse sujeito pensar que ele estaria: i) na origem dos sentidos (cada palavra tem um sentido original) - é o esquecimento nº. 1 ou ideológico; e ii) que o que ele diz somente poderia ser dito daquela maneira (ilusão referencial) – que é o esquecimento nº. 2, também denominado enunciativo.

Segundo Bakhtin (2003), dentre as particularidades do enunciado tem-se a relação do próprio falante (autor do enunciado) com outros participantes da comunicação discursiva, que se caracterizaria por um determinado conteúdo semântico-objetual (peculiaridades estilístico-composicionais) ou por um elemento expressivo, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Para isso, o autor também contribui afirmando que

“Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, lexicográfica. Costumamos tira-las de **outros enunciados** e antes de tudo, de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero. O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma típica do enunciado; como tal forma, o gênero inclui certa expressão típica a ele inerente. No gênero a palavra ganha certa expressão típica.” (BAKHTIN, 2003: 292-293)

A partir disso, Bakhtin (2003: 263-264) difere os gêneros discursivos pela distinção de dois tipos de enunciados dialógicos (sejam orais e/ou escritos): gêneros discursivos primários e secundários. Segundo o autor, a classificação dos gêneros primários tem características mais simples, formando-se em comunicações discursivas imediatas, como um diálogo oral de salão, de círculo familiar, etc. Este poderia ser comparado a um discurso de cotidiano, características que não irão prevalecer nesta análise, pois esta contempla as relações dialógicas ocorridas em ambiente acadêmico, e com temas relacionados a esta área. O gênero discursivo secundários tem a particularidade de ser mais complexo, ocorrendo em situações de convívio cultural mais desenvolvido e organizado, como o meio artístico, científico e sócio-político. O autor destaca ainda, a complementariedade dos dois gêneros, especialmente o primeiro pelo segundo, que pode tomar um caráter mais especial ao desenvolver, por exemplo, uma réplica do diálogo de um romance, onde o conteúdo será romanesco.

Mesmo que se tenha observado regularidades entre as teorias bakhtiniana e pecheutiana, é importante destacar seus ‘estranhamentos’ no que diz respeito a questões importantes. Segundo Gregolin (2006: 37), as discordâncias entre esses autores baseiam-se na crítica de Pêcheux a i) não aceitação por parte de Bakhtin do ‘objetivismo abstrato’ de Saussure e ii) a inserção bakhtiniana em concepções ‘marxistas’ que, para Pêcheux, relacionam-se mais ao ‘sociologismo’ e ao ‘humanismo teórico’ do que ao materialismo histórico.

No que diz respeito à primeira crítica, observamos que para Pêcheux, a relação entre a lingüística saussureana e a teoria do discurso é fundante, pois segundo o autor, Saussure mostrou a língua como instituição social e como um sistema abstrato, em que o valor estruturador do sistema era relativo, ou seja, cada elemento do sistema não se constitui positivamente, mas pelo contraste, na sua relação com os outros elementos do sistema. Pêcheux e Gadet (apud GREGOLIN, 2006: 37) “procuraram evidenciar que a lingüística pós-saussureana obscureceu a idéia de ‘valor’ e centralizou-se na separação radical entre língua e fala”, o que levou a lingüística a abandonar o estudo da semântica, abrindo então as portas para o formalismo e o subjetivismo. Para Pêcheux, Bakhtin ao interpretar a seu modo os conceitos saussureanos, criticando o ‘objetivismo abstrato’ saussureano, acabou por apagar a grande inovação da descoberta do real da língua, distorcendo a significativa importância do estudo saussureano.

O segundo confronto, segundo Gregolin (2005: 39), é referente as diferentes maneiras de pensar a articulação entre o discurso, o sujeito e o social a partir do marxismo, isso porque

Pêcheux seguia a proposta althusseriana, em que se destacava o predomínio do social e do ideológico na determinação do sujeito. Diferentemente, as propostas de Bakhtin (que Pêcheux chamava de ‘sociologismo bakhtiniano’) entendiam a produção do discurso como fruto da relação indivíduo/sociedade, inscrevendo-o na esfera das relações individuais, ou seja, para ele o discurso era fruto da condição social e econômica (de classe) do indivíduo. O que para Pêcheux, não era aceitável, pois a produção de sentido não poderia ser pensada na esfera das relações interindividuais, e sim pela formação discursiva.

Dessa forma, este estudo leva em consideração para analisar a relação de ‘afinidade’ existente entre Pêcheux e Bakhtin, especialmente o estudo do dialogismo e da heterogeneidade discursiva (que corresponde a terceira fase de estudos da Análise do Discurso), ao reconhecer nos materiais coletados, a presença e a voz de ‘outrem’, que no discurso é determinante nos processos dialógicos.

7 A INTERNET

Quase paralelamente ao surgimento do computador, desenvolveu-se também a rede integrada de computadores, a Internet, que viria revolucionar o processo de informação e comunicação, e que seria de grande significação para toda a sociedade, pelo seu caráter democrático e livre na propagação e acesso à informação.-Nascida no final da década de 60, nos Estados Unidos, a rede era, inicialmente, de um Departamento de Defesa dos Estados Unidos e chamava-se ARPAnet⁷ (essa rede interligava campi universitários e instituições de pesquisa, mas seus fins eram sobretudo militares). Nessa época vivia-se o auge da Guerra Fria, período em que os cientistas procuravam desenvolver uma rede de dados que continuasse funcionando em caso de bombardeio, atuando sem um comando central. Com o tempo, a rede passou a ser usada, sobretudo para o trabalho das universidades e centros de pesquisa que a abrigavam, e se estendeu dos EUA a outros países, passando a ser chamada então de Internet. Em 1987, a Internet passou a ser utilizada comercialmente nos Estados Unidos, o que significou um grande impulso de popularização:

“Centenas de milhares de empresas e pessoas começaram a divulgar páginas na Internet com os mais diversos tipos de informações, fazendo com que a rede passasse a ser o maior acervo de informações disponível em todo o mundo.” (CAIRNCROSS, 2000: 119).

Hoje a Internet pode ser definida como uma rede mundial de computadores que utilizam a arquitetura de protocolos de comunicação TCP/IP⁸, que se originou de um sistema de telecomunicações descentralizado, criado pelo departamento de Defesa norte-americano (FARIAS, 2002: 100). Uma vez conectado, pode-se acessar uma série de serviços disponíveis, como o correio eletrônico, www, FTP, listas de distribuição, *chat*, etc., de forma que seu limite é o limite das redes que a integram.

Uma característica do processo de implantação e propagação da Internet é seu formato único, padrão, e isso se deve ao fato que, ao desenvolver o sistema, o Departamento de Defesa dos EUA teve a preocupação em manter um ‘formato’ de sistemas para compatibilizar as diferentes máquinas (em razão disso, desenvolveu-se o "Protocolo da Internet - TCP/IP").

⁷ ARPA: *Advanced Research Projects Agency*.

⁸ Transmission Control Protocol / Internet Protocol. Estabelece o formato no qual todos os dados enviados pela Internet são "empacotados".

Cairncross (2000) descreve em seu livro ‘*O fim das distâncias*’, particularidades do processo de desenvolvimento da Internet. O autor observa que inicialmente a rede fora rejeitada pelas companhias telefônicas, que desconheciam o novo processo de transmissão de mensagens (via rede de comutação de pacotes⁹), negando-o por incompatibilidade com o oferecido em seus serviços.

A propagação da Internet tem gerado grandes discussões, contudo observam-se três pontos importantes para sua expansão que são: os baixos custos do acesso à rede, a popularização do computador e das redes e também seu padrão aberto de comunicação (que proporciona grande desenvolvimento de serviços *on-line*). Negroponte (1997: 183) caracteriza a Internet sob um aspecto muito particular. A seu ver

ela é interessante não apenas por ser uma vasta e onipresente rede global, mas também como exemplo de algo que se desenvolveu sem a presença de um "projetista de plantão", e que manteve um formato muito parecido com aquele dos patos voando em formação: inexistente um comando e, até agora, todas as suas peças se ajustam de modo admirável.

Cairncross (2000) diz também que a Internet foi o fenômeno mais surpreendente do final do século XX. Por meio de estimativas se apurou seu crescimento, e enquanto no início dos anos 90, apenas alguns acadêmicos ouviam falar da rede, hoje, o número de acessos duplica em períodos cada vez menores. Em projeção recente, baseada em dados atualizados¹⁰, ao final de 2009 o Brasil poderá ultrapassar o número de 50 milhões de usuários da rede mundial. Isso se dá, segundo o mesmo autor, "em virtude de sua independência de mercado; circunstância que vislumbra o futuro das comunicações: em que o acesso será ilimitado, a qualquer momento, a baixo custo e a qualquer distância." (CAIRNCROSS, 2000: 113).

Além do que, com a estrutura ‘aberta’ da Internet, a princípio, os sujeitos que dominam essa tecnologia, pessoas de todas as idades, cores, credos e países podem compartilhar suas idéias, histórias, opiniões, dados, conhecimento, produtos, etc. Essa característica da rede, remete ao conceito de heterogeneidade (Bakhtin e Authier-Revuz), em que se ‘vê’ a presença de vozes de ‘outros’ que interagem, constroem e reconstróem suas idéias e conhecimentos. A internet, dessa perspectiva, apresenta um funcionamento polêmico¹¹:

⁹ Processo de transmissão de mensagens na Internet. Cada fragmento de mensagem pode ser inserido de forma relativamente independente num fluxo contínuo de números 1 e 0, possibilitando a utilização de capacidade de transmissão com muito mais eficiência.

¹⁰ Fonte: Valor Econômico, de 06/01/2009. “Base de internautas pode superar 50 milhões”, por André Borges.

¹¹ O discurso polêmico, segundo Orlandi (2003: 154), mantém a presença de seu objeto, sendo que os participantes não se expõem, mas ao contrário procuram dominar o referente, dando-lhe uma *direção*, indicando

No discurso da internet, há um confronto pelo sentido do referente, já que os interlocutores (internautas), cada um a seu modo, procura dominar o sentido. Isso se deve a fato da internet funcionar como potencializadora de um não fechamento dos sentidos, pois nesse espaço os materiais formam uma rede de relações, em que podem ser considerados como coleções de fragmentos quase desconexos. Destaca-se aí, a posição do sujeito internauta que dominando a tecnologia digital tem certa autonomia, podendo participar do processo. Essa licença do internauta tanto para produzir materiais (sites, vídeos, textos, etc.) quanto para interagir através de fóruns, *chats* e outros *sites* de relacionamento, gera um efeito de descontinuidade e de heterogeneidade. (MARTINS et al., 2009: 6)

A internet, segundo Negroponte (1997: 92) "oferece um novo veículo pra se sair em busca de conhecimento e sentido", o que pode ser constatado pela série de recursos que dispõe. Desses, os mais conhecidos e identificados são:

- *World Wide Web* (www): serviço de "banco de dados de multimídia estruturado por hiperlinks que se espalha pelo globo". Este é o ambiente web por onde mais os usuários navegam pela rede, pois disponibiliza mobilidade e viabiliza a combinação de texto, figuras, som e animação. Podemos caracterizá-lo como um ambiente de buscas de todos os tipos, onde é possível encontrar currículos, jornais, bibliotecas, lojas, guias, entre outros recursos... Esta ferramenta materializa a proposta do hipertexto, pela possibilidade de relacionar diferentes vozes na 'trama' de informações produzidas e disponíveis na rede. Pode-se observar com clareza o princípio da heterogeneidade, em que os 'nós' e as conexões que se formam possibilitam enunciativa e discursivamente a existência de 'outros', variando maior ou menor carga polissêmica. Percebe-se a deslinearização do referente, onde do *non sense* polissêmico (como nas artes) à polissemia contida (como os discursos dogmáticos) circulam, e atuam os sujeitos... seja na busca de um blog¹², de pesquisa acadêmica, ou de prece religiosa.
- Bate-papo (*chat*): recurso que disponibiliza a formação de grupos afins (duas ou mais pessoas), sobre qualquer assunto, com o intuito de 'conversar' de forma síncrona (ou seja, em tempo real) a partir de seus terminais de computador. Trata-se de um ambiente de sala bate-papo entre várias pessoas, ou em reservado, onde os sujeitos interagem livremente ou de forma programada (como acontece em 'aulas *chat*'). Hoje o *chat* apresenta versões variadas, onde encontram-se salas abertas, *chats* reservados à comunidades virtuais (grupos), aulas *chats*, *chats* privados, ICQ, etc. Contudo, independente dessas variações, muitas de suas características se mantêm nas ofertas dessa ferramenta como a

perspectivas particularizantes pelas quais se o olha e se o diz, o que resulta na *polissemia controlada* (o exagero é a injúria).

¹² Um blog (contração do termo "Web log") é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos de artigos, comentários ou notícias.

sincronicidade, e a linguagem dialogada, com o uso intenso de códigos e símbolos, a fim de viabilizar a agilidade da ‘fala’, ou como tratado neste estudo, da linguagem virtual. Uma característica interessante desse meio é a identificação existente entre os sujeitos que fazem uso dessa ferramenta com as posições que assumem no discurso. Primeiramente pela escolha/seleção da sala (ou grupo, ou outro formato disponível) que irão ‘frequentar’, em seguida pela escolha do apelido¹³ que será utilizado no dialogo virtual.

- **Buscadores:** são mecanismos de pesquisa que auxiliam na localização de informações disponíveis na Internet. Essa ferramenta da rede também é conhecida por Sites de Busca, que são sites criados para facilitar o acesso à informação, através de uma base de dados formada por milhares de páginas de sites espalhados por toda Internet. O usuário faz uma pesquisa por uma palavra ou frase em algum desses sites, e este lista as páginas na Internet que contém o assunto procurado, geralmente na ordem mais relevante ao que o usuário pesquisa. Entre os exemplos conhecidos dessa ferramenta está: Alta Vista, Cadê, Google, Yahoo!, etc. Esse mecanismo vai ao encontro do principio de heterogeneidade discursiva identificada no discurso da internet, e da polissemia de ‘outros’ também observada nesse discurso.
- **Comércio eletrônico (*e-commerce*):** recurso de compra e venda de produtos e serviços na Internet, que pode ser realizado entre empresas (B2B) e/ou entre empresas e seus clientes (B2C). Esse recurso comercial possibilitou à rede (Internet) uma abrangência de mercado muito grande, pois, embora o projeto inicial da Internet tenha sido militar, seguido pelo científico, o comercio eletrônico tornou-se reflexo do ‘capitalismo global’, da desterritorialização do mercado. Neste recurso identifica-se a velocidade, a atemporalidade funcional dos negócios, e a globalização dos mercados de consumo no mundo. Por se tratar de um recurso que favorece ao consumo, atravessamentos do discurso publicitário são constantes para a captação de novos sujeitos-consumidores.
- **Intranet:** uso da Internet com característica mais privada à uma organização, que utiliza de recursos como da rede mundial, para seu publico interno, como: *e-mail*, *web*, informativo eletrônico, etc. Essa rede tem como propósito servir de canal de informação, e também dialógico, com objetivo profissional entre aqueles que pertencem a uma organização, instituição. Essa rede, embora originada na e pela Internet, apresenta maior

¹³ Designação ‘informal’ para identificar uma pessoa. No caso dos *chats* estes apelidos seguem as mais diversas ‘tipologias’ desde as ligadas à tecnologia, personalidades famosas, mitologia, sexualidade, entre outros. Acredita-se inclusive, na possibilidade dessas escolhas não serem ‘gratuitas’, e terem significados e valor discursivo em seu emprego.

‘controle’ na sua operacionalização devido, entre outros aspectos, pelo seu fim profissional, ‘adaptando-a’ em uso da linguagem, à formação discursiva que a administra.

- Jogos: jogos individuais ou multi-usuários disponibilizados pela rede como forma de lazer a seus usuários. Muitas são as alternativas na rede, mas destaca-se aqui os jogos de multi-usuários como MUD, e o Second Life. No MUD os jogadores assumem o papel de uma personagem e recebem informações textuais que descrevem salas, objetos, outras personagens e criaturas controladas pelo computador, baseando-se em ambientes do mundo da fantasia, ou de ficção científica. Em versão ‘mais atualizada’ encontra-se o Second Life, que se passa em um ambiente virtual e tridimensional, que simula em alguns aspectos a vida real e social do ser humano. Em ambas situações pode-se perceber como a proposta de simulação de identidade, e a alternância de posições disponíveis aos sujeitos que interagem com esses ambientes são os maiores atrativos aos seus jogadores. Nesses jogos as condições do ‘ambiente’ são escolhidas pelos sujeitos, que assumem diferentes posições, de acordo com o perfil de seu avatar¹⁴.
- Listas de discussão: Também conhecidas por Fóruns, a lista de discussão é um ferramenta da internet onde há um endereço de e-mail para onde várias pessoas interessadas em um assunto mandam suas mensagens idéias ou dúvidas, e os demais participantes dão suas opiniões ou esclarecimentos sobre o assunto. O objetivo de uma lista é a discussão acerca de um tema, e, em razão desse objetivo, existe o papel do moderador, ou gerente de lista, que acompanha o cumprimento das regras (netiqueta¹⁵) e o desenvolvimento da temática. Essa ferramenta segue o princípio do discurso da internet, com marcas de polissemia e heterogeneidade discursiva. Em seu uso, se reconhece muito do discurso polêmico, onde os interlocutores discutem sobre a temática em questão, algumas vezes ampliando ou complementando com questões relacionadas. A diferença maior entre o e-mail e a lista de discussão, é que esta tem por propósito o dialogo com o grupo, o coletivo, onde as mensagens são colocadas e respondidas por todos, diferente do primeiro que são mais pessoais, e direcionados.
- Correio eletrônico (*e-mail*): Serviço mais usado na Rede, com a finalidade de envio/troca de correspondências. Ferramenta que surgiu logo após o ‘nascimento’ da internet, inicialmente apenas como troca de mensagens de texto (daí o nome), mas com sua

¹⁴ Avatar é uma representação gráfica de um utilizador em realidade virtual.

¹⁵ Netiqueta é a etiqueta que se recomenda observar no uso da Internet, tema melhor apresentado no capítulo que trata acerca do correio eletrônico (*e-mail*).

constante inovação, hoje possibilita além de textos, o envio de imagens, sons e vídeos. Importante destacar que o sucesso dessa ferramenta é possibilitar ao sujeito internauta se comunicar com qualquer pessoa que tenha acesso a internet, em qualquer lugar no mundo, a qualquer hora do dia (decorrente de sua característica de interação assíncrona). E, mesmo que essa pessoa não esteja em sua residência física, seu endereço eletrônico poderá ser acessado em qualquer parte do mundo, reforçando o conceito de desterritorialização do ambiente virtual. Entre suas vantagens está a velocidade de transmissão das mensagens, a assincronia no diálogo, a possibilidade de enviar a mesma mensagem para um, ou vários interlocutores simultaneamente, entre outras particularidades. Como os outros recursos disponíveis pela rede, o e-mail possibilita o uso de uma linguagem mais coloquial e de recursos imagéticos (como *emoticons*) na sua construção, destacando que a netiqueta também serve como orientação para o uso dessa ferramenta. Paiva (2005) observa que o e-mail agrega características do memorando, o bilhete, a carta, a conversa face a face e a telefônica:

Dos textos escritos herda a assincronia. Do memorando toma de empréstimo semelhanças de forma que é automaticamente gerada pelo software; do bilhete a informalidade e a predominância de um ou poucos tópicos; da carta as fórmulas de aberturas e fechamentos. [...] (das características) orais herda a rapidez, a objetividade e a possibilidade de se estabelecer um 'diálogo'. Da conversa face a face, temos um formato que guarda alguma semelhança com a tomada de turno e a interação telefônica, além de limitações contextuais também semelhantes, mas com a possibilidade de colocar em contato pessoas que se encontram geograficamente distantes. (2005: 85)

A internet, assim, apresenta diferentes possibilidades dialógicas, decorrente do desenvolvimento de ferramentas interacionais, que se materializam hipertextualmente, relacionando imagem, o áudio, o texto. No entanto, destaca-se que o recorte deste estudo foi determinado a partir do discurso da escrita, materializado pela escrita denominada 'internetês', ou seja, o tipo de escrita fluente na internet.

7.1 GEOGRAFIA E TEMPORALIDADE DA/NA INTERNET E SEUS EFEITOS NA FORMA DA LINGUAGEM

O uso do 'ciberespaço'¹⁶, para descrever os mundos virtuais teve origem na ficção científica, mas, para muitos de nós, o ciberespaço faz agora parte das rotinas da vida cotidiana. Quando lemos o nosso correio eletrônico, enviamos mensagens para um painel de notícia eletrônico ou reservamos bilhetes de avião através duma rede de computadores, estamos no ciberespaço. No ciberespaço, podemos conversar, trocar idéias e adoptar identidades fictícias que nós próprios criamos. Temos oportunidade de construir novos tipos de comunidades, comunidades virtuais nas quais participamos juntamente com pessoas de todos os cantos mundo, pessoas com quem dialogamos diariamente, com quem podemos estabelecer relações bastante íntimas, mas que talvez nunca venhamos a encontrar fisicamente. (TURKLE, 1995: 12)

Esse breve relato de Turkle ilustra o que tem sido o desenvolvimento e o uso da Internet desde sua origem. Trivinho (1998) complementa esse processo ao caracterizar a Internet como uma "aniquiação da geografia", onde a paisagem se torna apenas fluxo. O autor diz também, que:

Mesmo nós, como indivíduos, com a profusão de tecnologias miniaturizadas, acopláveis ao corpo, também habitamos um ponto de redes. Onde quer que esteja nosso corpo, sua posição se define cada vez menos pela tópica do território, do espaço físico localizável, porque, cada vez mais se respalda nas redes. (TRIVINHO, 1998: 38)

É interessante observar que "o deslocamento de processos para a nova geografia eletrônica e informática está entrelaçado ao progressivo despovoamento do espaço urbano real." (TRIVINHO, 1998: 32). Este autor desenvolve conceitos como o "Teleurbanismo"¹⁷ e Telecidades¹⁸, pressupondo uma "nova geografia no final de século, nas e das redes, marcada por uma natureza eletrônico-informática, tecida pois, por ondas eletromagnéticas cabos e fibras"(TRIVINHO, 1998:31).

A Internet permite hoje possibilidades antes inimagináveis; exemplo disso, seria a formação de

comunidades virtuais colaborativas, ou seja, comunidades compostas por pessoas que estão em diversas partes do mundo e que interagem todas com todas em que necessariamente estejam juntas ou conectadas na mesma hora e no mesmo lugar – em modo assíncrono (AZEVEDO, 2001: 1).

A rede combina as três possibilidades de comunicação: de um para um, de um para muitos, e, sobretudo, de muitos para muitos, o que propicia maior envolvimento, motivação e

¹⁶ Ciberespaço é o mundo virtual criado com a internet e todas as suas possibilidades digitais, com troca de informações, imagens, som e vídeo. O termo foi usado pela primeira vez no romance "Neuromancer", do escritor Willian Gibson. (FARIAS, 2002: 92)

¹⁷ Prática de construir e manter "pontos" de recepção e transmissão nas redes, significa também, a prática de agir a distância, pelas redes, utilizando-se de toda a sua estrutura e potencialidades de funcionamento. (p. 29)

¹⁸ "Cidades" construídas nas redes e que se "trocam" a distância. Pressupõe um novo tipo de "zona urbana" num "hiperespaço" eletrônico e informático, bem como uma forma de urbanidade (p. 30)

estímulo constante nessa intensa troca e cooperação de todos com todos. Segundo Castells (2003: 48) “essa liberdade de expressão de muitos para muitos foi compartilhada por usuários da Net desde os primeiros estágios de comunicação on-line, e tornou-se um dos valores que se estendem para toda a Internet”.

A partir disso, pode-se observar que Internet potencializa, entre outras coisas, a interação social. Muito embora o avanço tecnológico possibilite a inclusão de diferentes recursos interacionais como voz, vídeos, entre outros, destacamos aqui um dos recursos de maior usabilidade que é a escrita – que neste ‘ambiente’ sofre algumas ‘transformações’. Ao observar autores e suas discussões acerca de qual linguagem predomina no ciberespaço, chega-se sempre a um denominador comum: identifica-se a linguagem da internet, como uma linguagem híbrida, em que a linguagem escrita passa a apresentar características da linguagem falada, oralizada:

A linguagem eletrônica possui natureza dupla: embora seja escrita, ele lê como se fosse a transcrição de um texto oral. Por esta razão, foi chamado de conversas textuais (Baldwin, 1996) e escrita interativo-discursiva (Ferrara, Brunner e Whittemore, 1991). De um ponto de vista temporal, é possível caracterizar e distinguir os dois tipos: o assíncrono, pelo *e-mail*, e o síncrono, pelas salas de discussão (*chats*) (tradução minha) (CONSTANTINO, 2006: 241).

Essa afirmação corrobora a observação de que esse ‘formato’ se faz recorrente especialmente nas ferramentas dialógicas como *e-mail*, fóruns e *chats*, em que o uso ‘criativo’ da escrita se materializa.

Nesse espaço, o uso da linguagem sofre adaptações de acordo com o meio/ferramenta que está sendo utilizada, contudo, já se estabeleceu a denominação ‘internetês’, que designa a linguagem do meio virtual. Entre suas características, observa-se o uso de abreviaturas em palavras (como vc=você; tb=também, entre outras), o uso excessivo de pontuação e acentuação (com o objetivo de dar ênfase em algumas palavras e sentimentos), e mesmo a supressão destes, o uso de recursos iconográficos como *emoticons*¹⁹, e a recorrência no uso de estrangeirismos, como a presença de palavras da língua inglesa (‘língua materna’ da Internet), que acabaram por ser incorporadas no ‘vocabulário tecnológico’. O que parece ocorrer muitas vezes é a ‘tentativa’ da escrita (digitação) acompanhar a velocidade da linguagem falada (da oralidade) a qual não pode ser utilizada na relação dialógica desenvolvida entre os sujeitos nessa ferramenta.

¹⁹ Palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (em alguns casos chamado *smiley*) é uma seqüência de caracteres tipográficos, tais como: :) , ou ^-^ e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduzem ou querem transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial. Exemplos: 😊 (i.e. sorrindo, estou alegre);

No entanto, pode-se dizer que há um ‘equilíbrio’ entre os aspectos apontados, nesse sentido, Pinheiro (2001-2002: 43) fala que

A linguagem digital é uma das mais fortes expressões da sociedade contemporânea. As tecnologias que utilizam essa linguagem são consideradas também tecnologias intelectuais, pois, como a oralidade e a escrita, também participam ativamente do processo cognitivo, modificando ações, transformando conceitos em um estado de virtualização, de potencialização e de atualização das categorias cognitivas do ser humano em seu contexto social.

7.2 O E-MAIL (CORREIO ELETRÔNICO)

Segundo alguns pesquisadores, a mobilidade proporcionada pela tecnologia alterou, e muito, as atividades profissionais confirmando a tendência de que a flexibilidade, a agilidade e a criatividade virem a ser os fatores preponderantes no mercado organizacional e de ensino. Carpenter e McLuhan (1971), já em 1960, diziam que os meios eletrônicos de comunicação tinham por objetivo contrair o mundo, reduzindo-o às proporções de uma aldeia ou tribo, onde tudo acontece a toda gente ao mesmo tempo: “todos estão a par de tudo e, portanto, todos participam de tudo o que está acontecendo, no momento mesmo do acontecimento.” (1971: 16)

Em pesquisas sobre o desenvolvimento da rede mundial de computadores, pode-se observar que, juntamente ao surgimento da Internet ‘nasce’ também (por volta de 1970) o correio eletrônico, conhecido também como *e-mail* ou simplesmente *mail*. Inserido neste processo de interação e relação dialógica, como o próprio nome diz, o ‘correio’ assume a responsabilidade de troca das informações/correspondências entre os internautas. Desde seu ‘lançamento’, o correio eletrônico é uma das ferramentas disponíveis pela web, com maior potencial de uso. Segundo Bremer (1988: 12) “...usando o *e-mail* , pode-se enviar uma mensagem a qualquer outra pessoa, a qualquer hora do dia, em qualquer lugar do mundo”.

O funcionamento do correio eletrônico pode ser comparado com o das caixas postais existentes nos correios tradicionais: a correspondência enviada para uma caixa postal não é entregue na residência de seu proprietário, mas permanece guardada num endereço centralizador (em geral uma agência dos correios) até que seu destinatário vá buscá-la. Com o correio eletrônico, o funcionamento é semelhante: ao contratar um provedor, o internauta recebe um endereço, equivalente a uma caixa postal. Todas as mensagens de *e-mail* que chegarem através da Internet serão colocadas nessa ‘caixa postal virtual’. Para ler as

mensagens é necessário conectar-se ao provedor, acessar o arquivo de seu próprio endereço (sua caixa postal) e ‘retirar’ as mensagens. Para enviar uma mensagem, o processo é semelhante; também é necessário conectar-se ao seu provedor. Estando conectado, a mensagem é enviada pela Internet para a caixa postal do destinatário.

Entre as vantagens que diferenciam o *e-mail* da convencional troca de mensagens está principalmente a i) conveniência (agilidade na transmissão, baixo custo, fácil acesso, entre outros), ii) a segurança no envio e recebimento da mensagem (quando os procedimentos tecnológicos necessários são realizados), iii) e a flexibilidade do interlocutor em ler e responder a mensagem na hora que lhe convier, pois trata-se de uma ferramenta de comunicação virtual assíncrona²⁰.

Essas considerações reforçam a fala de Castells (1999) que diz que a informalidade e a espontaneidade desse meio/ferramenta estimula uma nova forma de “oralidade” expressa por um texto eletrônico, posicionando-se numa relação comunicativa entre a fala, e a escrita. Além disso, o mesmo autor (2003: 109), em síntese, diz que o e-mail “fornece um instrumento fácil para ‘estar ali’ à distância”, demonstrando a flexibilidade dialógica da ferramenta.

Negroponte (1997: 181) reafirma essa impressão quando afirma que o uso do correio eletrônico "se não chega a ser um diálogo falado, decerto está bem mais próximo da fala do que da escrita". O autor se baseia na informalidade característica do meio, que permite uma linguagem mais coloquial, comportando muitas vezes erros lingüísticos triviais e abreviaturas dos termos, entre outros.

Atualmente, qualquer pessoa com acesso à Internet, pode ter um endereço eletrônico, e assim pode enviar uma mensagem a qualquer outra, que também tenha um endereço, não importando sua distância ou hora local de acesso. O endereço eletrônico de cada usuário é único na Internet. Isso se deve à metodologia adotada para o estabelecimento do endereço eletrônico de cada usuário, que segue basicamente a seguinte estrutura:

<nome do usuário>@domínio1.domínio2.domínio3

- **<nome do usuário>**: nome com que o usuário se identifica na Internet
- **@**: arroba - lido como *at*

²⁰ Que não ocorre, ou não se processa, em sincronia com algum evento ou processo, ou segundo uma taxa constante em relação a determinada referência.

- **domínio1**: nome da empresa que fornece ao usuário o acesso a Internet (atualmente de emprego facultativo no endereço)
- **domínio2**: domínio organizacional (significa a atividade principal do provedor de acesso)
- **domínio3**: domínio territorial (identifica o país de origem do provedor de acesso).

Os domínios mais comuns na Internet são:

com (para pontos de presença comerciais); **edu** (para pontos educacionais); **gov** (para governo); **org** (para organizações sem fins lucrativos); e **siglas especiais**, geralmente associadas à localização geográfica do servidor, como **br** (para o Brasil); **mx** (para México); **au** (para Austrália) e **fr** (para França); etc. (estes atualmente de emprego facultativo no endereço)

ex.: **catia@nonon.xxxxx.br**

Um endereço eletrônico remete à ‘identidade pessoal’: uma pessoa nunca terá o endereço eletrônico igual ao de outra. Entretanto, um mesmo usuário poderá ter mais de um endereço eletrônico ao mesmo tempo, para cada situação/ambiente em que estiver inserido.

É grande o número de programas que viabilizam o uso do correio eletrônico, e, embora algumas diferenças, todos têm características básicas comuns, como a solicitação ao usuário para o preenchimento do campo de endereço do(s) destinatário(s), o nome ou tema da mensagem, e digite o texto da mensagem na área destinada a este fim.

Observa-se que, a princípio, não há muitas diferenças entre o *e-mail* e qualquer outro texto não virtual. Em ambos pode-se observar um planejamento do que vai ser escrito e o domínio do assunto a ser abordado, isso para que se tenha o efeito da ‘medida certa’ de informações e a clareza necessária para a compreensão do outro/interlocutor. Para tanto, se estabelece como norma na redação das mensagens, a orientação de sempre especificar o assunto que será abordado. Esse formato preestabelecido determina os sentidos do material de modo, por exemplo, a ‘auxiliar’ o interlocutor (destinatário) na escolha das mensagens a serem lidas, já que pode priorizar aquelas que julga mais importantes.

Destaca-se, ainda o predomínio de uma escrita dita ‘informal’, em que se identifica elementos de uma linguagem cotidiana, coloquial, que não extrema a vulgaridade nem erudição (SIMKA, 2001: 14). Essa forma de escrita é resultado de um outro efeito do discurso da internet que funciona produzindo uma relação interlocução mais polêmica em que os

sujeitos, em certa medida, podem determinar a forma da linguagem escrita, ou de outro modo, podem desobrigar-se de seguir o modelo de escrita institucionalizado.

Paiva (2005), após pesquisa realizada sobre essa ferramenta, reconhece o e-mail como

um gênero eletrônico escrito, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo ou de diálogo e que distingue de outros tipos de mensagens devido a características bastante peculiares de seu meio de transmissão, em especial a velocidade e a assíncronia na comunicação entre usuários de computadores. (PAIVA in MARCUSCHI e XAVIER, 2005: 77-78)

O *e-mail* como toda ferramenta do processo de interação social, sofreu adaptações e adequações desde seu surgimento, fazendo com que se desenvolvessem certas regras de 'boa convivência' que se adequaram e se estabeleceram, nos diferentes estilos utilizados. Na rede, essas regras de etiqueta são chamadas de Netiqueta, ou *Netiquette* e recomendam quanto:

➔ **Uso da acentuação**

Devido à variedade de programas eletrônicos, recomenda-se não usar acentuação nas correspondências, a menos que se saiba da compatibilidade do programa do destinatário.

➔ **Uso de letras MAIÚSCULAS:**

Convencionou-se na Internet que o uso de caixa alta no texto significa que quem escreve está gritando. Recomenda-se, então, que o uso seja restrito apenas quando se quer dar ênfase a algumas palavras.

➔ **Uso de citações de correspondências anteriores** nas respostas:

Recomenda-se a permanência de algum trecho do *e-mail* enviado, a fim de "clarear" o assunto em questão. Esta ação é muito importante em caso de se comunicar com pessoas que interagem com várias outras, e acabam por esquecer do assunto em questão.

➔ **Forma de enfatizar palavras:**

Além do uso da caixa alta, podem-se utilizar caracteres como asteriscos (*), que se assemelha ao **negrito** e o sublinhado (_), que entende-se como *italizado*.

➔ **Uso 'controlado' do C.C. (Carbon Copy):**

Esse é um dos motivos de alguns problemas de transmissão de informações. Isso porque, em muitos dos casos, as respostas são repassadas a todos os que recebem a mensagem original, o que **pode ou não** ser proposital. (MUNDO DIGITAL, 2001)

➔ **Uso de smileys ou emoticons:**

Devido à dificuldade em transmitir ‘sentimentos’ em um texto escrito eletronicamente, criaram-se alguns símbolos que os expressam nas mensagens. Estes símbolos são ‘cadinhas’, usadas de um modo muito informal e já universalmente conhecidas como *emoticons*. Para entender esses conjuntos de caracteres, deve-se fazer uma leitura num ângulo de 90° graus no sentido anti-horário. Alguns exemplos são:

: -) → quando o usuário está feliz. Expressa alegria, brincadeira;

; -) → quando está feliz e dá uma piscada de olho;

: -))) → quando está muito feliz, dando uma gargalhada;

: - (→ quando o usuário está triste;

B -) → quando o usuário está de óculos;

: ' - (→ quando o usuário está chorando de tristeza;

: ' -) → quando o usuário está chorando de alegria.

Entre outros.

Dessa forma, pode-se afirmar que o que denomina-se “Internetês” relaciona-se a um tipo de escrita, com uma grafia diferenciada, utilizada na internet, especialmente em ferramentas dialógicas como *e-mails* e comunidades sociais da rede (orkut, blogs, twitter, etc.). Trata-se, de abreviações e supressões de letras ou palavras, e algumas incorporações de estrangeirismos, decorrente, em muitos casos da velocidade com que a escrita se materializa nesse ‘ambiente discursivo’.

8 A MATERIALIDADE DISCURSIVA DA FERRAMENTA E-MAIL

A Análise do Discurso não se propõe defender idéias ou julgar os sujeitos do discurso, mas sim, compreender da linguagem em movimento, o determina uma certa interpretação de um texto, ou seja, desenvolver uma análise (*'a posteriori'*) da linguagem, enquanto produção social e constitutiva dos sujeitos envolvidos no discurso. Para isso, desenvolveu um método de análise, em que, segundo Orlandi, é necessário fazer

uma passagem inicial fundamental que é a que se faz entre a superfície lingüística (o material bruto coletado, tal como existe) e o objeto discursivo, este sendo definido pelo fato de que o corpus já recebeu um primeiro tratamento de análise superficial, feito em primeira instância, pelo analista, e já se encontra de-superficializado (ORLANDI, 1999: 65).

Dessa forma, esta pesquisa foi realizada a partir de um corpus composto por *e-mails* compartilhados entre alunos e professores, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) nas modalidades de ensino presencial e a distância. A seleção dos *e-mails* teve como critério inicial a vinculação dos professores com a mesma instituição de ensino e que tenham atuado no semestre de 2008/2 nas duas modalidades de ensino oferecidas pela Universidade – presencial e virtual. Foram selecionados 9 (nove) professores de diferentes áreas de ensino, distribuídas em diferentes cursos superiores da Instituição, como indicado no quadro abaixo. O Quadro 1 apresenta a relação de disciplinas, os respectivos cursos em que estão lotadas, bem como o semestre curricular em que estão vinculadas, além do destaque para a modalidade em que é realizada: P, em cursos Presencias; e V, para cursos a distância.

CURSO	DISCIPLINA	SEMESTRE	MOD.
Administração	a) Análise de Custos b) Estágio II c) Gestão Financeira II d) Gestão de Marketing I e) Ciência e Pesquisa	a) 4º sem. b) 7º sem. c) 6º sem. d) 5º sem. e) 2º sem.	P
Relações Internacionais	Marketing Internacional	6º sem.	P
Tec. Gestão de Marketing	Sistemas de Informação de Marketing	2º sem.	P
Direito	a) Ciência e Pesquisa b) Metodologia da Pesquisa Jurídica c) Monografia d) Filosofia e) Filosofia do Direito e) Leitura e Produção Textual	a) 1º sem. b) 10º sem. c) 11º sem. d) 1º sem. e) 7º sem. f) 1º sem.	P
Matemática	a) Topologia b) Estágio Supervisionado em Matemática II c) Trabalho de Conclusão de Curso em Matemática (Estágio Supervisionado) d) Prática de Ensino III	a) 8º sem. b) 6º sem. c) 8º sem. d) 8º sem.	P

Eng. Civil	a) Geometria Analítica b) Leitura e Produção Textual	a) 1º sem. b) 1º sem.	P
Eng. Elétrica Telemática	a) Cálculo II b) Análise Básica de Sistemas Elétricos	a) 2º sem. b) 4º sem.	P
Educação Matemática	Geometria	especialização	P
Estudos Literários, Língua e Literatura	Gramática e Ensino	especialização	P
Pedagogia	Matemática para Séries Iniciais do Ensino Fundamental	a) 6º sem.	P
Administração	a) Tópicos de Matemática Elementar I b) Leitura e Produção Textual	a) 1º sem. b) 1º sem.	V
Ciências Contábeis	a) Tópicos de Matemática Elementar I b) Ciência e Pesquisa	a) 1º sem. b) 1º sem.	V
Filosofia	Lógica	2º sem.	V
Matemática	a) Cálculo II b) Cálculo III c) Tópicos de Matemática Elementar II	a) 3º sem. b) 4º sem. c) 4º sem.	V
Pedagogia	Fundamentos Teóricos e Metodologia da Matemática I	4º sem.	V
Tec. Gestão de Varejos e Serviços	Tópicos de Matemática Elementar I	2º sem.	V
Tec. Administração Pública	Tópicos de Matemática Elementar I	2º sem.	V
Tec. Gestão da Informação	a) Leitura e Produção Textual b) Planejamento Estratégico em TI	a) 1º sem. b) 3º sem.	V
Tec. Segurança Pública	Língua Portuguesa e Redação Oficial	1º sem.	V
Tec. Gestão de Micro e Pequenas Empresas	Gestão de Micro e Pequenas Empresas	a) 2º sem.	V
Tec. Gestão Financeira	Filosofia	a) 1º sem.	V
Tec. Marketing e Vendas	a) Gestão de Marketing I b) Metodologia para Estudo de Caso	a) 1º sem. b) 4º sem.	V

Quadro 1: Relação dos Cursos e disciplinas que tiveram representação no *corpus* de análise.

Fonte: Elaboração da autora, 2009.

É importante destacar que além deste recorte, ainda houve uma seleção realizada pelos próprios professores que contribuíram para a pesquisa ao elegerem as mensagens encaminhadas. Estes, ao serem informados sobre a proposta de estudo, selecionaram aquelas que mais lhe aprouveram e aí sim encaminharam para inclusão no *corpus* deste estudo. Dessa forma, foram analisados 180 *e-mails*, considerando que as mensagens correspondiam a um diálogo (preferencialmente pergunta-resposta) distribuídos entre 5 (cinco) diálogos entre professores-alunos de turmas da modalidade presencial, somados a 5 (cinco) diálogos de professores-alunos de turmas da modalidade a distância, totalizando, assim em 90 ‘diálogos eletrônicos’.

Ao produzir estes recortes já estamos definindo elementos sobre as propriedades discursivas do material analisado, ou seja, o *corpus* já recebeu um primeiro tratamento de análise superficial. A partir disso, busca-se compreender as condições de produção dos enunciados, bem como compreender como se estabelecem as relações discursivas entre os sujeitos do discurso, considerando aspectos relevantes em sua constituição (ideologia, a

história, a subjetividade). O resultado é a identificação das formações discursivas que determinam os enunciados dos *e-mails*.

Assim, outro recorte envolveu já a delimitação de três formações discursivas: i) discurso da internet, ii) discurso da escrita e iii) discurso pedagógico/acadêmico, que estão numa relação de convergência nos materiais analisados. É importante enfatizar que essa delimitação, já é resultado de uma interpretação, ou, segundo Orlandi (1996:63) “já é decidir sobre as propriedades discursivas”, pois vai “olhar” para *corpus* de um modo e não de outro.

Além disso, os materiais coletados têm como base investigativa quatro vertentes de análise:

- 1) Maior ou menor atravessamento do **discurso da internet**;
- 2) Predominância do **discurso da escrita** ou do **discurso da oralidade**;
- 3) Análise do **discurso pedagógico e acadêmico** como tendo um funcionamento em que predomina o autoritarismo e a polêmica, respectivamente (Orlandi, 1999) e, finalmente
- 4) Análise da heterogeneidade dos materiais analisados a partir do **dialogismo** bakhtiano.

8.1 ESPAÇO UNISULVIRTUAL DE APRENDIZAGEM (EVA) E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

A Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL possui cinco *campi* de ensino, identificados como: Campus de Tubarão, Campus de Araranguá (1992), Campus da Grande Florianópolis (1996), Campus do Norte da Ilha (2002) e Campus UnisulVirtual (2001), com unidades em várias cidades de abrangência de cada *Campi*. Atualmente conta com cerca de 30 mil alunos, distribuídos em mais de 50 cursos de graduação, pós-graduação e ensino a distância.

Foi criada em 1964, em Tubarão, sendo uma Universidade Comunitária, sem fins lucrativos. Surgiu como FESSC, Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, transformando-se em universidade em 1989. Entre seus principais objetivos está a sua consolidação como instrumento de inovação e apoio às transformações permanentes da sociedade, apostando nas parcerias e alianças com um modelo de gestão participativa.

O Espaço Virtual de Aprendizagem da Unisul, a UnisulVirtual, é um conjunto de elementos tecnológicos disponíveis na internet. É um local virtual onde são disponibilizadas

ferramentas destinadas a permitir acesso a um curso ou disciplina e também permite a interação entre a comunidade envolvida no processo de ensino-aprendizagem (alunos, professores e monitores). Como o da Unisul, existem diferentes EVAs no Brasil, que são utilizados tanto para suporte ao ensino presencial como para o oferecimento de cursos a distância. A característica comum entre eles é a possibilidade de ofertar uma sala de aula virtual para o acompanhamento dos alunos e a realização de atividades de aprendizagem. Os ambientes virtuais de aprendizagem ‘rompem’ os limites da sala de aula presencial e favorecem a formação de comunidades virtuais de aprendizagem²¹.

Com mais de 9 mil alunos, a UnisulVirtual é o campus responsável por todos os projetos e programas de ensino a distância da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Foi criada em outubro de 2001, incorporando o Programa de Educação a Distância, implantado em 1999, e desde 2002 está autorizada a oferecer esse tipo de educação em nível superior em todo o território brasileiro. Com isso, os diplomas dos cursos de pós-graduação, graduação tecnológica, licenciatura e bacharelado são válidos em todo o país, e com total equivalência a diplomas dos mesmos cursos oferecidos na modalidade do ensino presencial.

Baseado no conceito de universidade virtual, o modelo pedagógico adotado pela UnisulVirtual é o único do país que garante flexibilidade total aos alunos, permitindo a escolha dos horários e locais de estudo, com o acompanhamento de professores tutores que são doutores, mestres ou especialistas, além de atendimento permanente via internet. O único momento de encontro presencial é na época das avaliações, no final de cada módulo. Essa dinâmica de aprendizagem permite que um aluno aprovado no processo seletivo conclua um curso superior e obtenha um diploma de graduação com apenas dois anos de estudos, tempo dos cursos de graduação tecnológica.

Atualmente oferece vinte cursos de graduação – treze cursos superiores de Tecnologia, três de Licenciatura, quatro bacharelados – e onze cursos de pós-graduação especialização. Além dos cursos a distância, também atua como suporte na oferta de disciplinas a distância (DAD) para alunos dos cursos presenciais da Universidade, e na capacitação de docentes e técnicos, para o uso pedagógico de metodologias de EAD e o desenvolvimento de tecnologias web para o uso na educação a distância e no ensino presencial da Instituição.

Na UnisulVirtual a principal ferramenta de apoio é o Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem - EVA. O aluno recebe um login e uma senha de acesso a este espaço no início

²¹ Entende-se, de um modo geral, comunidades virtuais como comunidades de pessoas compartilhando interesses comuns, idéias e relacionamentos por meio da internet ou outras redes colaborativas.

do semestre letivo, e é através dele que o aluno desenvolverá as atividades do curso e manterá o contato com a instituição. O EVA pode ser usado para:

- Acessar conteúdos e atividades do curso/disciplina;
- Realizar diferentes atividades planejadas para propiciar sua aprendizagem ativa;
- Interagir com os colegas virtuais trocando idéias, debatendo ou colaborando com seus trabalhos; interagir com o professor tutor;
- Acompanhar sua trajetória através do relatório de atividades.

Entre as ferramentas de comunicação disponíveis no EVA existem: i) Fórum; ii) Exposição; iii) Turma; iv) Monitor; e v) Professor. Esta última ferramenta foi selecionada para ser analisada num comparativo a ferramenta *e-mail* usada no ensino presencial.

No ambiente virtual de aprendizagem (EVA) o *e-mail* não se materializa da mesma forma, tem seu uso e função aparentemente ‘diluídos’ nas diferentes ferramentas de interação disponíveis na plataforma de ensino-aprendizagem. Essa identificação do *e-mail* pode ser reconhecida nas ferramentas: i) Mural – local onde o professor-tutor posta sua mensagem/aviso a todos os alunos, podendo, ou não, enviá-la por *e-mail* à turma garantindo que todos terão acesso a informação; ii) Turma – local onde alunos e professor registram seus dados pessoais e profissionais, possibilitando a todos que integram o ambiente, trocar mensagens eletrônicas, seja com uma pessoa apenas, seja com um grupo ou mesmo com todos os participantes da turma. Além disso, ainda há o dispositivo que avisa que novas mensagens foram postadas no ambiente, para que tanto aluno quanto professor sejam informados de que há um ‘recado’ – pergunta, resposta, comentário – a espera de leitura nas ferramentas Desempenho/Avaliação, Fórum e, mesmo a ferramenta Professor.

Segundo o projeto do Espaço Virtual de Aprendizagem do curso de Formação para Professor Virtual, desenvolvido em forma de manual, lê-se (UNISUL, 2009: 52):

A ferramenta Professor é um canal direto de comunicação do aluno com o professor. Ela permite ao professor virtual tomar conhecimento do nível de profundidade em que o aluno está imerso em seus estudos, bem como do grau de dificuldade que ele está encontrando para realizar as atividades propostas. Ao observar os tipos de perguntas realizadas, o professor tem um forte instrumento de avaliação quanto ao nível de indagação de sua turma e pode usá-las de várias formas para conduzir a dinâmica do grupo.

A ferramenta Professor, então, tem por objetivo disponibilizar o envio de mensagens ao professor, a fim de sanar dúvidas sobre o conteúdo da disciplina ou do curso, viabilizando o acesso posterior a resposta. Nessa ferramenta o aluno visualiza as questões enviadas por ele, bem como por seus colegas de aula, possibilitando a troca das informações. Importante destacar que a iniciativa do uso da ferramenta Professor parte sempre do aluno, e o professor

tem o compromisso de responder aos questionamentos e comentários em período pré-estabelecido pela equipe de Apoio Pedagógico da Universidade, o CAD – Capacitação e Assessoria Pedagógica. Destaca-se, entre as orientações de uso da ferramenta que:

... No guia de ações do professor on-line, mostramos os prazos que você tem que sanar as dúvidas dos alunos por meio desta ferramenta. É imperativo seguir estes prazos, pois, na maioria das vezes, os alunos só conseguem dar continuidade aos seus estudos mediante a resposta do professor sobre sua dúvida. (UNISUL, 2009: 77)

A Figura 1 mostra a configuração da interface do EVA, sob o ponto de vista do docente, destacando a ferramenta Professor.

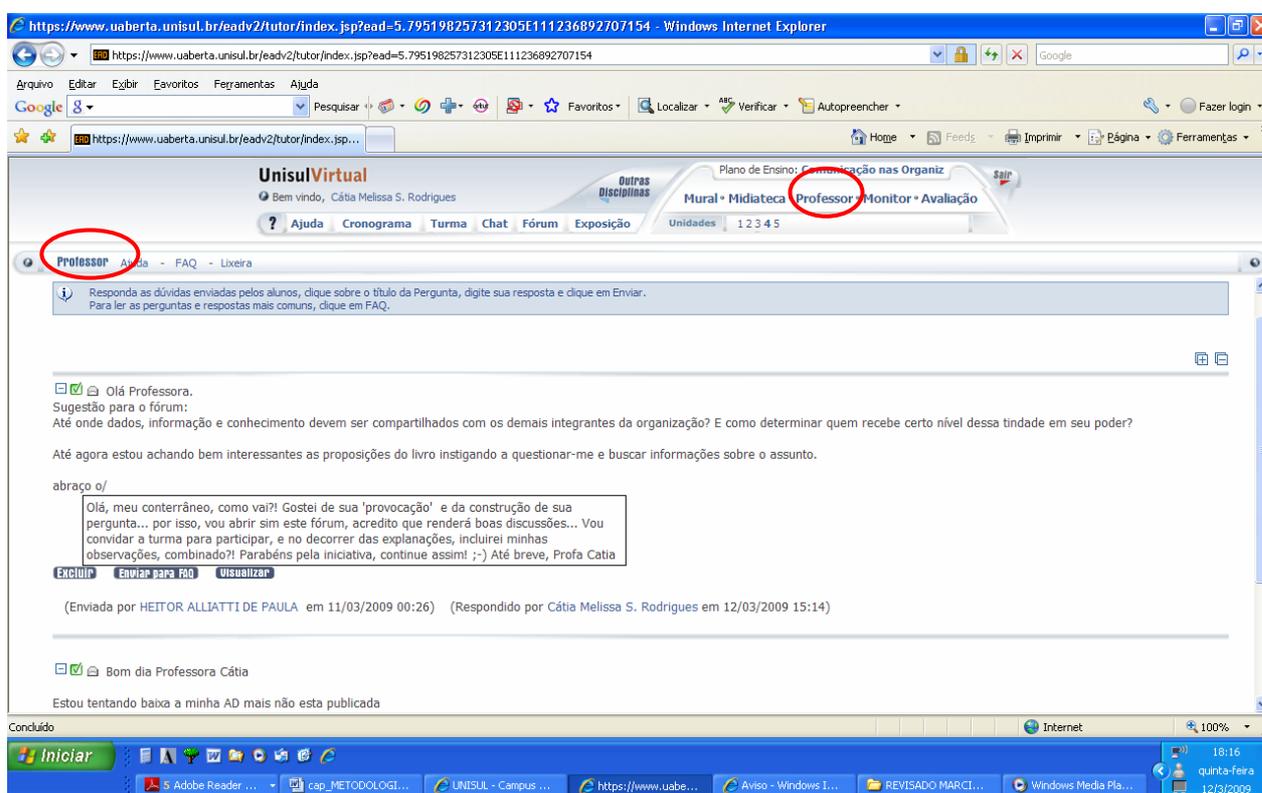


Figura 1: Interface do EVA – ferramenta Professor

Fonte: <https://www.uaberta.unisul.br/eadv2/tutor/index.jsp?ead=4.9414427739936633E111236893111056> (2009)

Destaca-se, também outra particularidade entre as ferramentas *e-mail* e Professor. O *e-mail*, como mencionado anteriormente, tem por característica a comunicação mais pessoal, individual, muito embora possa se compartilhar a mesma mensagem com mais de um interlocutor. Já a ferramenta Professor, mesmo sendo uma iniciativa individual do aluno ao enviar algum comentário ou pergunta, esta é visualmente compartilhada entre todos da ‘sala de aula’. Isso porque a estrutura metodológica da Universidade ‘obriga’ sua visualização na plataforma (EVA), disponibilizando as mensagens com as informações/dúvidas respondidas pelo professor-tutor, a toda a turma ao longo de toda a disciplina. Isso, segundo a proposta de

ensino-aprendizagem da Instituição, favorece o compartilhamento de informações de interesse comum ao grupo. Tanto que, mesmo quando o aluno envia mensagem eletrônica (por *e-mail*) para a caixa de mensagens do professor, este é ‘recomendado’ a fazê-lo pelo ambiente virtual, possibilitando aos demais colegas o compartilhamento dessas informações.

Assim, no EVA há um controle da ferramenta *e-mail* determinado pelo ambiente de ensino-aprendizagem, que dilui seu uso e seus efeitos ao longo da metodologia do ‘pedagógico virtual’, já que o discurso administrativo²²-pedagógico, do EVA, funciona numa relação ora de convergência (se utiliza da tecnologia digital) ora de conflito (a tecnologia digital é usada exclusivamente para o ensino-aprendizagem) com o discurso da internet. O *e-mail*, efeito dessa relação interdiscursiva, se constitui heterogeneamente, no que se convencionou chamar de forma híbrida.

8.2 ‘COMPORTAMENTO’ ELETRÔNICO & FORMAÇÕES DISCURSIVAS

É importante ressaltar que os elementos que particularizam a linguagem dos e-mails materializam as regularidades que constituem a FD da internet, que como apontado identifica-se a uma forma de escrita com características da linguagem falada, com uma estrutura ‘informal’ mais ‘livre’ favorecendo a uma estrutura gramatical mais coloquial. Essa linguagem, aqui denominada de linguagem virtual, faz com que a forma de se relacionar oralmente (falar) transfira-se para a escrita, manifestando-se pelo uso de escrita fonética (na forma da pronúncia), gírias, formas gráficas (abreviaturas) incomuns à escrita clássica, além de apresentar recursos imagéticos como forma de expressão.

Contudo, variavelmente ocorrem adequações no uso dessa linguagem virtual, decorrente muitas vezes, do contexto discursivo em que esse diálogo se estabelece e das posições sujeito envolvidas, ou seja, a relação dialógica entre os sujeitos/internautas que se produz no *e-mail* é determinada por outras formações discursivas que não somente a da internet. Paiva (2005) corrobora para essa variação quando afirma que

²² Utiliza como base para a compreensão do discurso administrativo, o conceito analisado e elaborado por Gomes (2008, 165) que descreve esse discurso como “as diretrizes de uma instituição responsável pela gerência de um modelo educacional [que] institui seus sujeitos, dentro de uma hierarquização político-pedagógica, previamente estabelecida.”

O autor, ou produtor do e-mail, é uma persona de curto prazo (orientador, cliente, amigo, coordenador, colega, subordinado, etc.) que interage com outros usuários, também personas de curto prazo (orientando, profissional, subordinado, colega, chefe, etc.) com objetivos semelhantes, através da mediação de um artefato cultural eletrônico. Os desempenhos dos interactantes, ou usuários, estão condicionados, entre outros fatores, ao seu letramento eletrônico, idade, cultura, classe social, status e, gênero (masculino/feminino). (PAIVA in MARCUSCHI e XAVIER, 2005: 78)

O sujeito enunciador, ao enviar a mensagem ao seu interlocutor, ‘sofre’ determinações decorrentes da condição (persona) que ‘assume’, ou seja, ao fazer uso dessa ferramenta, assume uma ‘posição’ variável, de acordo com as determinações da formação discursiva em que está inserido. É por isso que mensagens que são trocadas entre sujeitos de uma instituição de ensino (professores, alunos) produzem sentidos diferentes daquelas trocadas entre amigos e familiares. No primeiro caso, a escrita normativa tem seu predomínio, enquanto no outro se observa a utilização muito maior de abreviações de recursos como os *emoticons*.

Importante destacar que o *e-mail*, embora tenha como característica a velocidade tecnológica, trata-se de uma ferramenta dialógica assíncrona, em que o emissor (o autor) envia sua mensagem ao interlocutor, que pode, ou não, recebê-la e respondê-la no instante em que ler seu conteúdo. Da mesma forma, este interlocutor/destinatário pode colocar essa mensagem em uma lista de atividades de acordo com seus critérios de prioridades, ação esta que provoca certa ‘ansiedade’ no sujeito/emissor, que está na expectativa do retorno de sua informação, já que o discurso da internet tem como forte característica a agilidade, a rapidez das informações e transmissão das mensagens. A desterritorialidade fortemente presente no discurso da internet é visível também na ferramenta *e-mail*, pois a possibilidade de enviar uma mensagem para qualquer pessoa com acesso a internet, em qualquer lugar do mundo, a qualquer hora do dia e da noite, materializam essa característica tecnológica da rede.

Seguindo esse direcionamento, Castells (1999: 375) faz referência a ‘distribuição geográfica irregular’

... a tecnologia digital permitiu a compactação de todos os tipos de mensagens, inclusive som, imagens e dados, formou-se uma rede capaz de comunicar todas as espécies de símbolos sem o uso de centros de controle. A universalidade de linguagem digital e a lógica pura do sistema de comunicação em rede criaram as condições tecnológicas para a comunicação horizontal global. Ademais, a arquitetura dessa tecnologia de rede é tal, que sua censura ou controle se tornam muito difíceis. (CASTELLS, 1999: 375)

A ‘liberdade’ a que se referiu Castells não é, segundo Turkle (1995) apenas tecnológica, mas, e especialmente, de relacionamento social. Isso porque, para a autora o ambiente virtual revela possibilidades de relacionamentos até então impensáveis, despertando afinidades compartilhadas entre os sujeitos, ‘desconhecidos fisicamente’ que por vezes

proporcionam maior familiaridade que o reconhecimento físico-presencial, ou encontros face-a-face, concluindo que “nosso enraizamento a um determinado lugar atenuou-se”. (TURKLE, 1995: 262)

8.3 ANÁLISE

O método de análise desenvolvido pela Análise do Discurso não tem como propósito considerar o aspecto quantitativo da amostra. Para a AD, a partir da identificação de regularidades que constitui a formação discursiva é possível interpretar o acontecimento discursivo, adequando-o ao discurso relacionado. Dessa forma, o aspecto qualitativo do método analisa as variáveis discursivas, como as condições de produção (que dão sentido ao diálogo), e as posições sujeito dos envolvidos/participantes do discurso, materializadas especialmente por meio da linguagem.

Diante do corpus analisado observou que, tanto os *e-mails* trocados entre alunos e professores do ensino presencial quanto as mensagens (*e-mails*) compartilhadas entre alunos e professores pela ferramenta Professor, na modalidade virtual, têm como característica a função dialógica, função essa constitutiva dessa forma de comunicação que nasceu e se desenvolveu na Internet. Assim, para a análise dessas relações de interação pretende-se tanto resgatar as condições de produção dos discursos pedagógico/acadêmico, da internet e da escrita, quanto compreender as relações que cada discurso estabelece com o outro.

Ao principiar a análise do corpus de pesquisa, considerou-se oportuno iniciar pela observação e reconhecimento do discurso da internet, considerando que a ferramenta *e-mail*, e o ensino a distância são resultado do desenvolvimento dessa formação discursiva. Como discutido ao longo desta pesquisa, o discurso da internet apresenta um funcionamento, em que sua linguagem virtual pode ser considerada uma forma de expressão singular e específica da sociedade atual.

A identificação das marcas de regularidades nas mensagens compartilhadas por *e-mail*, mostrou que esses enunciados sofrem a determinação do discurso da internet evidentemente por esta ferramenta (o *e-mail*) ter sido criada, e desenvolvida dentro desse ambiente digital. Observou-se na análise dessas mensagens, características deste discurso como o uso do ‘internetês’, termo que, como já destacado, designa a um conjunto de formas

de linguagem empregadas no meio virtual. Entre suas características pode-se observar o uso regular de abreviaturas em palavras, o uso excessivo, ou mesmo supressão da pontuação, a supressão da acentuação, o uso de recursos iconográficos como *emoticons*²³ e a recorrência de estrangeirismos na escrita.

Essas marcas foram identificadas nas duas modalidades de ensino onde as ferramentas dialógicas – tanto *e-mail*, na modalidade presencial, quanto na ferramenta Professor, na plataforma de EAD – demonstraram regularidade na utilização dos recursos como instrumento de relação comunicativa. Dentre as mensagens²⁴ em que se destacam determinações do discurso da internet, identificou-se como casos exemplares os seguintes *e-mails*:

MSG 1 - P

De: Aluno 1

Enviada: qui 20/11/2008 16:35

Para: Professor 5²⁵

Assunto: RE: RES: slides Aluno 1 monografia

Oi Professor 5,

Obrigado pela ajuda foi muito útil, agora é só esperar a banca semana que vem (que angústia **eheheh**).

Foi uma satisfação e um prazer enorme poder ter aula contigo agradeço por tudo mesmo **cara!!!!!!**

Sucesso!!!

Abraços...

Aluno 1

MSG 2 - P

From: Aluna 2

To: Professora 4²⁶

Sent: Thursday, October 30, 2008 6:40 PM

Subject: RE: **OI,prof**

oi, prof

coloquei em baixo da **divisao**,ai tem 3 paginas **né?** duas da **divisao** e 1 da **subratacao**, ok? tem

²³ Palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (em alguns casos chamado **smiley**) é uma seqüência de caracteres tipográficos, tais como: **:)**, ou **^-^** e **: -)**; ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduzem ou querem transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial.

²⁴ A fim de preservar a identidade dos interlocutores, seus nomes serão substituídos por uma codificação própria deste estudo. Onde se vê a ‘voz’ do docente, este será identificado por ‘Professor(a) 1’, ‘Professor(a) 2’, e assim sucessivamente até ‘Professor(a) 9’, número de docentes integrantes desta pesquisa. Destaca-se que esta identidade permanecerá nas duas modalidades de ensino - presencial ou a distância – ao longo da exposição dos *e-mails*. No caso do discente, este será identificado como ‘Aluno(a) A’, ‘Aluno(a) B’, e assim sucessivamente, mantendo sua ‘identidade’ ao longo da exposição das mensagens. Além disso, após identificação numérica da cada mensagem – MSG1; MSG2; ... – será identificada a modalidade de ensino em que foi compartilhada as mensagens – alunos presencial: ‘P’; alunos a distância: ‘V’.

²⁵ Outras mensagens do “Professor 5” disponíveis no Anexo E, pg. 114.

²⁶ Outras mensagens da “Professora 4” disponíveis no Anexo D, pg. 110.

outra pagina
olha em baixo prof
 qualquer coisa to mandando novamente,
bjao
 Aluna 2 (**apelido**)

MSG 3 - P
De: Aluna 3
Enviada: sáb 15/11/2008 18:10
Para: Professor 5
Assunto: PROJETO

Oiii professor....

fui imprimir meu projeto e meu surgiu uma **enormee** dúvida!!!

Cada número,1 ,2 ,3 , 4... pode ser no início das páginas?????

Abraços e bom final de semana de sol =o)

As mensagens anteriormente apresentadas, assim como outros exemplares, em anexo, apresentam importantes características do discurso da internet, contendo grande regularidade no uso da linguagem virtual. Entre as marcas desse discurso presentes nos diálogos (todas destacadas com grifo nos enunciados) pode-se listar: o uso de interjeições [*Oi; Oiii; ok*], a supressão de letras em palavras [*prof = professor; bjao = beijão*] (que tem seu significado compartilhado pelos interlocutores), e a ausência de sinais de acentuação [*divisao, subtraçao, pagina*] e a presença de *emoctions* [=o)] (que significa que o sujeito está sorrindo). Além disso, observa-se a ausência de atenção para questões gramaticais: as frases são iniciadas com letra minúscula [*duas da divisao e 1 da subratacao, ok? tem outra pagina*], há irregularidade no uso da pontuação (algumas vezes ausente, ou excessivamente empregada) [*Oiii professor....*]; *“olha em baixo prof”*] e a linguagem, muitas vezes, apresenta uma sintaxe truncada se comparada a estrutura da escrita tradicional [*coloquei em baixo da divisao, ai tem 3 paginas né? duas da divisao e 1 da subratacao, ok?*], o que proporciona um efeito de oralidade aos enunciados aproximando-os da forma da linguagem coloquial.

Em sua maioria, as mensagens que apresentam maior recorrência de marcas da linguagem virtual são provenientes das produções dos alunos para seus professores (como as mensagens destacadas anteriormente). Essas características foram identificadas em mensagens compartilhadas entre professor e alunos de cursos de graduação da modalidade presencial.

Condição essa que levaria a crer numa maior aproximação entre os interlocutores, denotando ‘familiaridade’, o que poderia viabilizar o forte emprego dessa linguagem.

Isso pode ser compreendido ao observar que na modalidade presencial existe o contato pessoal entre professor e aluno, o que permitiria maior interação e empatia entre os sujeitos. Como na metodologia de ensino ‘tradicional’ os procedimentos e práticas se materializam, em sua maioria, de forma presencial, o uso do *e-mail* não é ‘regulamentado’ em sua prática dialógica, sendo por isso visto como complementar e eventual. Dessa forma, o professor e o aluno ‘permitted-se’, na maioria dos casos, a uma maior flexibilidade, familiaridade quanto ao uso da ferramenta interacional, mantendo assim muito de suas características originais do discurso da internet.

Interessante observar a existência de uma ‘familiaridade permissiva’, algo como uma cumplicidade entre os interlocutores, quando o professor também utiliza do discurso da internet ao redigir suas mensagens virtuais, isso parece ‘permitir’ ao aluno um uso ‘consentido’ desses recursos de linguagem, assim como se pode observar nas mensagens a seguir, compartilhadas com alunos da modalidade presencial:

MSG 4 - P

From: Aluna 2
To: Professora 4
Sent: Thursday, October 30, 2008 2:16 PM
Subject: OI,prof

o meu plano de aula
nao sei se **esta** certo
 mais tudo bem
bjao
 Aluna 2 (**apelido**)

MSG 5 - P

From: Professora 4
To: Aluna 2
Sent: Thursday, October 30, 2008 6:11 PM
Subject: Re: OI,prof

Aluna 2
 Se não estiver tudo certo , **nao** tem **problama**.
Vc mandou **spomente** o de **divisao**. E o de subtração?
 Professora 4

MSG 6 - P

De: Aluna 4
 Para: Professor 9²⁷
 Data: 2008/11/14

²⁷ Outras mensagens do “Professor 9” disponíveis no Anexo I, pg. 133.

Prof.. boa tarde

uma **duvida** a prova de segunda vai ser sobre:

**FORMAÇÃO DE PREÇO
CUSTO PARA TOMADA DE DECISÃO**

É ISSO???

TEM ALGO MAIS???

Obrigadooo

bjs
Aluna 4

MSG 7 - P

De: Professor 9

Para: Aluna 4

Data: 17/11/08

É isto mesmo

Nos casos ilustrados anteriormente observa-se muitas das características do discurso da internet, como já mencionadas anteriormente. Entre os exemplos, destacamos a supressão de letras em palavras [*“prof = professora; bjao = beijao; bjs = beijos; Vc = Você”*] e a ausência de sinais de acentuação [*“nao; esta; divisao; duvida”*]. Destaca-se, também, a recorrência de ‘erros gramaticais permitidos’, como iniciar frases com letra minúscula [*“uma duvida a prova de segunda vai ser sobre:”*], a ausência de pontuação [*“o meu plano de aula nao sei se esta certo mais tudo bem”*], e mesmo a grafia incorreta de palavras [*“problama”; “spomente”*]. Além disso, observa-se a presença de uma linguagem mais fragmentada, quase ‘telegráfica’ nas mensagens, numa busca pela rapidez, agilidade no processo comunicativo [*“É ISSO???* ***TEM ALGO MAIS???***”; *“É isto mesmo”*]. Característica essa presente tanto nas mensagens das alunas, quanto dos professores. Destaca-se inclusive o *e-mail* resposta do professor (MSG 7), que não apresenta abertura ou finalização da mensagem, apenas a afirmativa à pergunta da aluna: *“É isto mesmo”*.

Somado a isso se vê, em uma das mensagens (MSG 6) enviada por uma aluna, a escrita de trechos do enunciado em formato de caixa alta, demonstrando ênfase, destaque para as informações apontadas. Segundo a ‘etiqueta da internet’, ou ‘netiqueta’, o uso da escrita com esse formato indica que o interlocutor da mensagem está exaltado ou gritando.

Nos casos analisados observou-se que a ‘abertura’ dada pelo professor, possibilitou maior ou menor grau das regularidades da linguagem virtual. No entanto, ao realizar a análise,

pôde-se identificar, também, certa gradação (aumento ou diminuição gradual) no emprego de recursos da linguagem virtual nos diálogos realizados por interlocutores da modalidade de ensino presencial, em que se observa a variação (menor e/ou maior) da incidência de marcas do discurso da internet.

MSG 8 - P

De: Aluna 5

Enviada: ter 25/11/2008 19:39

Para: Professora 1²⁸

Assunto: RE: Estágio

Oi Professora,

Tudo bem?

Deixei meu **potfólio** na coordenação com a Patrícia.

Abraços e Boa semana.

=*

Aluna 5 (**apelido**)

MSG 9 - P

From: Aluna 6

To: Professor 8²⁹

Subject: RES: ENC: Resenha

Date: Sat, 20 Sep 2008 12:30:56 -0300

Ok Professor!

Qual foi a minha média?

Att.

Aluna 6 (**apelido**)

MSG 10 - P

From: Aluna 7

To: Professor 8

Subject: RE: texto para o trabalho

Date: Thu, 27 Nov 2008 16:19:35 +0000

Desculpe-me, no sistema consta como 8.6 e **nao** 8.1 como eu havia afirmado. Por favor, verifique eu lembro de ter tirado 9.5 na **ultima avaliacao**.

Obrigada,

Aluna 7

Nos exemplos supracitados, observa-se nos enunciados “erros” de grafia [**“potfólio”**], a ausência de acentuação [**“ultima avaliacao”**; **“nao”**] a presença de um *emoticons* [**“ =* ”**] (que significa ‘beijinhos’). Nesses enunciados, bem como em outros do *corpus* analisado (em anexo), vê-se que mesmo sendo uma ferramenta que se constitui pela linguagem virtual determinada pelo discurso da internet, o *e-mail* vai apresentar atravessamentos do discurso pedagógico. Isso porque, percebe-se que as posições-sujeito desse discurso se materializando

²⁸ Outras mensagens da “Professora 1” disponíveis no Anexo A, pg. 93.

²⁹ Outras mensagens do “Professor 8” disponíveis no Anexo H, pg. 128.

no freqüente uso do pronome de tratamento “Professor”, denotando a posição-sujeito do interlocutor. Além disso, o uso no *e-mail* da escrita normativa, institucionalizada, materializa as determinações do discurso pedagógico que legitima o discurso da escrita.

No entanto, o que era esperado como a grande determinação do discurso da internet nas mensagens compartilhadas com alunos do EAD, não se mostrou regular na maioria dos *e-mails* analisados.

As mensagens a seguir foram as que apresentaram maior regularidade de marcas da linguagem virtual nos diálogos eletrônicos entre professores e alunos da modalidade virtual, no entanto, esta incidência ficou muito aquém do esperado por esta pesquisadora na análise das mensagens.

MSG 11 - V

De: Aluna 8

Para: Professora 4

Data: 05/09/2008 09:19

Bom dia professora, pois é, esse **MAIS** me persegue (sou carioca) e acabo escrevendo do mesmo jeito que falo **rsrs**.

Saiba que fiquei feliz pela chance que me deu em refazer a ad e de ter melhorado a minha nota devido as suas orientações.

Tomara que a prova do dia 06/09 não esteja difícil, irá cair a apostila toda?

E agradeço por ter uma professora assim,

Beijinhos Aluna 8

MSG 12 - V

De: Aluna 9

Para: Professora 6³⁰

Data: 15/09/2008 11:11

é **Prô.**, sou eu mesma, em um raro momento de motoqueira, isso é o prazer do meu marido e **pra n** deixar o banco da carona sozinho(**rsrsrsrs**) me vejo andando de moto pra e pra cá, **kkkk**, não é muito a minha praia, mas depois de 30 anos de casada, não dá pra deixar ele nadando de braçada por aí.....**rsrsrsrs**

Até breve

Aluna 9

MSG 13 - V

De: Aluno 10

Para: Professora 3³¹

Data: 09/10/2008 20:53

ola professora, tirei media 69.80. vou fazer prova final? **a** possibilidade de arredondar essa nota para 7? tendo em vistas as participações no **forum**, exposições em fim a participação. **ou** não,

³⁰ Outras mensagens da “Professora 6” disponíveis no Anexo F, pg. 119.

³¹ Outras mensagens da “Professora 3” disponíveis no Anexo C, pg. 105.

tenho que fazer a prova final de qualquer jeito?
desde de ja agradeço a atenção nas atividades proporcionadas.
 abraço e sucesso.

Nas mensagens destacadas anteriormente, compartilhadas entre alunos da modalidade EAD e seus professores, pôde-se observar algumas regularidades envolvendo a determinação do discurso da internet (todas, também, destacadas com grifo nos enunciados). Pode-se listar como elementos que materializam o discurso da internet a supressão de letras em palavras [“*prô*” = *professora*; “*n*” = *não*], o uso da grafia em maiúsculo [“*MAIS*”] denotando ênfase para o termo usado pela aluna, e a ausência de sinais de acentuação [“*ola*”; “*forum*”; “*ja*”]. Além disso, observa-se a ausência de atenção para questões gramaticais, como frases iniciadas com letra minúscula [“*é Prô*”; “*ola professora*”; “*a possibilidade*”; “*desde ja*”, etc.] e o uso de grafia para representação de atos (rsrsrsrs, kkkk), freqüente nessa linguagem como recurso de apoio a expressão ações e sentimentos.

Importante destacar que o efeito de sentido produzido na modalidade presencial, em que se observou a ‘permissão’ concedida pelo professor no uso da linguagem virtual, quando ele próprio fazia uso desses recursos, também se repete na modalidade virtual. A partir disso, o mesmo efeito de ‘autorização’ foi concedido ao aluno na aplicação dessa forma de escrita virtual, nas trocas de mensagens com seus professores a distância.

MSG 14 - V

De: Aluna 9
 Para: Professora 6
 Data: 08/09/2008 13:14

Oi pro,

lembra de mim? estamos juntas de novo? Sou a aluna que mora perto do Bairro com seu sobrenome, em São Bernardo, em moro em Santo **Andre**.
 que bom que a gente já se conhece, vamos ficar mais uma matéria em contato. Boa sorte.

Aluna 9

MSG 15 - V

De: Professora 6
 Para: Aluna 9

Oi Márcia... me lembro sim! É vc que está aí sob esse capacete!?! **Hehehe...** Desejo que dê tudo certo neste semestre também! Abraços e bons estudos, Professora 9

Quando se observa os enunciados acima, e também o seguinte, vê-se que a aluna e a professora compartilham dos recursos da linguagem virtual ao abreviarem termos [“**pro**”; **Prof.** = *professora*”; “**vc** = *você*”], apresentam alguns ‘erros’ gramaticais como iniciar frases

com letra minúscula [“*lembra de mim?*” “*que bom*”; “*me lembro sim!*”], bem como a grafia incorreta de palavras [“*participação*”; “*revisase*”; “*comentarios*”], e finalmente a representação gráfica de atos [“*Hehehe*” = *riso*; “*bjãooooooooo*”].

MSG 16 - V

De: Aluna 11

Para: Professora 4

Data: 30/08/2008 11:06

Prof. mais uma dúvida, a **participação** no fórum ajuda na nota da AD? e outra, gostaria que **vc revisase** a minha AD³², para me dizer onde mais eu errei ,pois achei minha nota baixa, levando em consideração que segundo a sua avaliação, apenas a questão 3 está incompleta, a pergunta é: o que preciso mudar nas outras respostas?

Me preocupo pois estou no **ultimo** semestre da Pedagogia e não posso vacilar!

bjãooooooooo, desculpe ser um pouco "**chata**"!

obrigada!

MSG 17 - V

De: Professora 4

Para: Aluna 11

VC leu os **comentários**?

Professora 4

Essa linguagem ‘mais informal’ da ferramenta *e-mail* produz um novo sentido que escapa ao sentido instituído pelo discurso da escrita institucionalizado e legitimado. Essa ‘escrita digital’ que apresenta uma estrutura com marcas da oralidade, relaciona-se ao que Gallo (1995) denomina ‘oralidade grafada’, constituída pelo discurso da oralidade e não pelo discurso da escrita. Esse discurso da oralidade, segundo Gallo (1995), por não ser institucionalizado e legítimo se revela opaco, inacabado e ambíguo.

Contudo, é importante destacar que a noção de oralidade não está relacionada com a fala enquanto produção da linguagem no seu aspecto físico (som produzido pelas cordas vocais) e sim com a discursividade. O que está em jogo aí, então, são relações sociais e históricas que determinam relações de poder que, por sua vez, produzem um sentido de legitimidade para certos discursos, para o da escrita, por exemplo, institucionalizando seus sentidos como óbvios e necessários. É por isso que para Gallo, não é o simples ato de grafar a oralidade que a transformaria no discurso da escrita, legítimo e verdadeiro.

Essa distinção é importante, pois além explicitar o que estamos tomando como discurso da oralidade no discurso da internet, e especificamente nas mensagens dos *e-mails*, reforça, na análise, a relação de aliança entre do discurso da internet e o discurso da oralidade,

³² O termo ‘AD’ presente nas mensagens de *e-mail* que compõem o *corpus* desta pesquisa corresponde a denominação Atividade a Distância, instrumento de avaliação da metodologia virtual empregada na UnisulVirtual.

os quais são ‘atravessados’ tanto pelo discurso pedagógico/acadêmico, quanto pelo discurso da escrita.

Importante destacar a expectativa desta pesquisadora em encontrar uma considerável diferença entre os alunos do ensino virtual e do ensino presencial, quanto ao uso da linguagem virtual, acreditando-se que os primeiros (da modalidade EAD) fizessem um maior uso dos recursos disponíveis pelo discurso da internet.

Tendo em vista os aspectos observados, a análise mostra que o discurso da internet com sua linguagem virtual parece afetar menos as mensagens trocadas por professores e alunos da modalidade a distância, do que as mensagens compartilhadas com os alunos da modalidade presencial. Esse fato foi um ponto surpreendente na discussão, pois a expectativa era de uma determinação maior do discurso da internet nos *e-mails* trocados entre alunos e professores do ensino virtual, em comparação com alunos da modalidade presencial. Isso porque se esperava que os sujeitos- alunos que optam pela modalidade de ensino a distância como método de aprendizagem, têm uma relação mais próxima com a linguagem digital do discurso da internet, do que os demais. Essa situação pode ser entendida ao se observar que no ensino presencial os *e-mails* não funcionam como extensão da sala de aula.

A análise de mensagens trocadas com alunos da EAD, por meio do ambiente virtual de aprendizagem (EVA), mostrou que o uso da linguagem virtual pôde ser evidenciada em gradações variadas, com maior ou menor determinação do discurso da internet, da mesma forma que fora identificado nos diálogos realizados com alunos do presencial:

MSG 18 - V

De: Aluna 12

Enviada: qua 5/11/2008 09:06

Para: Professora 1

Assunto: Re: Ambiente Virtual de Aprendizagem - Relatório de Atividades

Estou com muitas dificuldades para fazer a AD, **ja** tentei explicações de outros colegas mais vi que **nao** é somente eu que estou com dificuldades.

Att.

Aluna 12

MSG 19 - V

De: Aluna 39

Para: Professor 2³³

Data: 24/10/2008

³³ Outras mensagens do “Professor 2” disponíveis no Anexo B, pg. 99.

Professor, neste exemplo: $30 + 9x$ onde $x \geq 0$ é correto:

$$30 + 9x = 0$$

$$30 = -9x$$

$$x = 30/-9 = -3.333$$

e

caso coloque num gráfico; o 30 fica no eixo no eixo do x e 30 no y, ambos positivos? ou não? esta td errado?

MSG 20 - V

De: Aluna 13

Para: Professor 7³⁴

Data: 20/11/2008 21:24

Prezado Professor 7, A tradição crítica - caracteriza as escolas pré-socráticas. 1) Popper afirma em relação aos filósofos pré-socráticos: "e não se tenha aqui a idéia de um trabalho maçante de racionalização, mas o frescor e a criatividade das mentes curiosas e juvenis" (livro didático-página 107). Nessa mesma página, Popper faz uma citação acerca de Anaximandro sobre a suspensão da Terra. 2) Na observação (final da página 107): [.....] Como chegou Anaximandro a essa notável teoria? Certamente, não mediante observações, **MAS PELA RAZÃO**. [.....] Parece-me paradoxal a afirmação que os filósofos pré-socráticos não eram afeitos ao trabalho maçante de racionalização e Anaximandro fez uso da razão para estabelecer sua notável teoria. **DÚVIDA**: meu entendimento é que na primeira sentença os pré-socráticos não são afeitos à racionalização e na segunda, Anaximandro (pré-socrático) valeu-se da razão para estabelecer sua teoria. { o "x" da questão é a palavra "maçante", referindo-se ao trabalho de racionalizar? Percebo contradição entre ambas as sentenças citadas. Assim, solicito sua ajuda para solução essa questão. **MEUS AGRADECIMENTOS. MUITO OBRIGADA, ATENCIOSAMENTE**, Aluna 13. BH/MG.

MSG 21 - V

De: Aluno 14

Para: Professor 9

Data: 19/02/2009 21:37

Boa noite Professor 9

Enviei minha AD ontem, 18/02. Hoje, 19/02, recebi um e-mail do monitor informando que a minha AD teria sido avaliada, porém entro na ferramenta avaliação e existe uma informação para **REFAZER!**

O que aconteceu? Por via das dúvidas mando o arquivo novamente agora. Favor acusar recebimento, já que me preocupa o prazo final de entrega (20/02).

Grato.

MSG 22 - V

De: Aluno 15

Para: Professor 9

Data: 15/02/2009 17:59

Olá Professor 9, O Fator Crítico de Sucesso é o ponto forte da empresa que precisa ser mantido e gerenciado para que continue sendo fator decisivo nas atividades da empresa ou um ponto fraco que deve ser desenvolvido para que se torne um ponto forte da empresa?

³⁴ Outras mensagens do "Professor 7" disponíveis no Anexo G, pg. 123.

As mensagens acima demonstram a baixa incidência de marcas do discurso da internet entre os alunos da modalidade virtual. Destaca-se, nas mensagens MSG 18 e MSG 19, a abreviação de termo [“*td*” = *tudo*]; a ausência de acentuação em palavras [“*ja*”; “*nao*”; “*grafico*”; “*esta*”], e o início de frase como o emprego da letra em minúsculo [“*e caso coloque*”; “*ou não?*” “*esta td errado?*”]. Além disso, destaca-se apenas, nas mensagens MSG 20 e MSG 21, o uso da grafia em maiúscula, dando ênfase as palavras em destaque [“*MAS PELA RAZÃO*”; “*DÚVIDA*”; “*MEUS AGRADECIMENTOS. MUITO OBRIGADA, ATENCIOSAMENTE,*”; e finalmente “*REFAZER*”]. Além disso, no último *e-mail*, não se observa marcas do discurso da internet na construção dos enunciados.

Importante observar que a variação entre a determinação ou não do discurso da internet nas duas modalidades pode ser explicada pelo emprego ‘institucional’ da ferramenta *e-mail*. Enquanto o *e-mail* na modalidade presencial é usado de forma mais ‘livre’, de acordo com seu surgimento na internet; no ambiente virtual da modalidade EAD, ele está inserido dentro das ferramentas de aprendizagem, fazendo parte do ‘pacote’ de ensino-aprendizagem da metodologia a distância. Esse direcionamento leva a crer que o uso do *e-mail*, por meio da ferramenta Professor, assume a condição de diálogo em ‘sala de aula’, o que determina ‘algumas’ limitações, normas ao redigir as mensagens, aproximando-se então do discurso pedagógico e administrativo da Instituição.

Para tanto, outros casos exemplares de *e-mails* corroboram a essa interpretação, porém mesmo sendo predominante o discurso pedagógico-administrativo nas mensagens compartilhadas com alunos da modalidade EAD, no EVA, este também se mostra (mesmo em menor grau) em diálogos compartilhados com alunos da modalidade presencial. Nas mensagens apresentadas a seguir pode-se observar que tanto professor, quanto alunos (do EAD ou do ensino presencial) seguem o mesmo direcionamento, sendo determinados pelo discurso da escrita, institucionalizado e legitimado pelo discurso pedagógico:

MSG 23 - V

De: Professor 7

Para: Aluna 13

Data: 21/11/2008 00:02

Aluna 13,

a "alegoria" da caverna remete em um todo que o nosso conhecimento sobre as coisas são consequência de nossa interpretação e visão sobre essas coisas. As coisas existem do jeito que são, mas, a medida que, aprofundamos o conhecimento, a nossa visão se modifica. **ASSIM O CONHECIMENTO ANTERIOR AO ATUAL SERÁ SEMPRE INCOMPLETO OU ILUSÃO.** A visão platônica é o início para toda e qualquer compreensão mais aprimorada do mundo real. Portanto, é difícil existir uma caminhada no conhecimento filosófico sem passar por Platão.

Atenciosamente,
Professor 7

MSG 24 - V

De: Professor 2
Para: Aluno 16
Data: 26/10/2008 15:30

Aluno 16

Curti uma chuva e uma eleição aqui em **Flirianópolis** mas vamos as dúvidas:

Na página 150, você deve ter um conhecimento de como se comporta o gráfico da função arco tangente, e você verá que quando x tende ao infinito a função tende a $\pi/2$ e para menos infinito para $-\pi/2$ é uma propriedade da função mesmo.

[...]

Quando m for diferente de 1, ele integrou normalmente usando a regra da potência, $x^{(-m)}$.

Como você vê para esta parte da matéria você tem que entender bem, limites e conhecimentos gráfico das funções envolvidas.

Abraços

Professor 2

MSG 25 – P

De: Professor 8
Para: Aluna 6
Enviada em: sexta-feira, 19 de setembro de 2008 22:05
Assunto: RE: ENC: Resenha

Recebido Aluna 6,
Você está liberada da aula da próxima 2a feira.
Atenciosamente,
Professor 8

MSG 26 - P

Caro Professor 5,
Infelizmente, por uma crise violenta de dor de ouvido, não pude comparecer à aula na qual **vc** entregaria os projetos corrigidos. Como a nota ainda não foi publicada e estou preocupada com a nota, **gostaria** se possível, **q vc** me informasse a nota e qual a forma para pegá-lo com as devidas correções. [...] Abraços, Aluna 17

Nestes *e-mails* enfatiza-se o discurso da escrita materializado e predominante no uso da ferramenta. Mesmo que se tenha observado a grafia em letra maiúscula [**“ASSIM O CONHECIMENTO ANTERIOR AO ATUAL SERÁ SEMPRE incompleto OU ILUSÃO.”**] e o erro na grafia de palavras [**“Flirianópolis”**; **“gostaria”**] e a abreviação de palavras [**“q”** = que; **“vc”** = você], características do discurso da internet, percebe-se o atravessamento no discurso da internet pelo discurso da escrita. Essa relação interdiscursiva resulta de um processo discursivo em que a escrita virtual é afetada pelo discurso da escrita, legitimado e institucionalizado pelo discurso pedagógico. As mensagens - como as MSG 23, MSG 24,

MSG 25, MSG 26 – materializam essas relações quando se reconhece a forma de escrita disciplinarizada por um modelo de língua portuguesa que determina o que é norma lingüística. Essa língua portuguesa normatizada pela escrita, segundo Gallo (1995), é resultado de um processo ideológico que naturaliza os seus sentidos produzindo um sentido “único” e “desambiguizado”. A constituição da autoria nesses *e-mails* se dá como função-autor e como efeito-autor, ou seja, pela assunção do sujeito a uma posição no discurso da escrita, posição esta “de maior responsabilidade do sujeito em relação ao sentido que produz e, por essa razão, de maior unidade” (GALLO, 2001: 29) e também porque nessa escritura o sujeito produz um efeito de fim e de “verdade” e esse efeito é predominantemente sobre o efeito do discurso da internet.

Isso se deve ao fato do *e-mail*, tanto no ambiente do ensino presencial, quanto no ambiente virtual (EVA), se constituir como um instrumento comunicativo institucional em que, no segundo caso, a ferramenta Professor foi planejada e proposta como meio formal de diálogo professor e alunos, e no primeiro caso, o *e-mail* é utilizado com determinações pedagógicas, embora esteja ‘fora’ do discurso pedagógico, pois ele não é institucionalizado como forma de diálogo em sala de aula, como ocorre com os alunos do EAD, no EVA. Um outro elemento observado pareceu relevante, ou seja, ao se avaliar o tema das mensagens, pode-se observar maior incidência de temas mais teóricos e conceituais nas mensagens compartilhadas com alunos da modalidade a distância, assim como se observa abaixo:

MSG 27 - V

Caro Professor 8 é correto afirmar que?: " Uma ruptura metodológica importante com a tradição aristotélica até aí dominante foi operada por Kant e pelos empiristas britânicos. Apesar das inúmeras doutrinas que separam Kant dos empiristas britânicos (Berkeley, Locke, Hume), ele partilha com estes um ataque devastador à Metafísica tradicional ou transcendente, concebida à velha maneira aristotélica. [...] Premissa 1: [...]. Premissa 2: [...]. Conclusão: O projecto da Metafísica transcendente é incoerente; ou, pelo menos, é metodologicamente inaceitável. Por conseguinte, deve ser abandonado."

MSG 28 - V

Boa noite **prof.**, obrigado por ter avaliado a minha AD tão rápido, mas não entendi o que **vc** quiz dizer na observação sobre a questão nº 2 letra B, para mim está correto, peço ao senhor que fale se está errado ou correto da maneira que eu resolvi, se estiver errado, peço ao **sr.** que resolva da maneira que correta e me envie no meu e-mail, para eu tirar as minhas dúvidas.

Considerando os aspectos analisados, observa-se então, as características referentes ao grau de polissemia nos discursos. Segundo Orlandi (2003), o discurso pedagógico (DP) tem um funcionamento autoritário em que não há interlocução, mas um agente exclusivo nesse discurso, neste caso o professor. Em contraponto, tem-se como referência o discurso

acadêmico (DA), no qual, segundo Neotti (2007), não há o apagamento a voz do cientista que ‘produz’ a ciência. Nele se mantém a presença do referente (tema), administrado pelos sujeitos interlocutores. O DA diferente do DP é polêmico na sua relação interlocutiva.

Quanto as mensagens que materializam o funcionamento DP, enquanto discurso autoritário, observa-se os seguintes *e-mails*, tanto entre alunos da modalidade EAD, quanto presencial:

MSG 28 – V

De: Aluno 18

Para: Professor 2

Data: 29/10/2008 20:48

Boa noite **prof.**, obrigado por ter avaliado a minha AD tão rápido, mas não entendi o que **vc quiz** dizer na observação sobre a questão nº 2 letra B, para mim está correto, peço ao senhor que **fale se está errado ou correto** da maneira que eu resolvi, se estiver errado, **peço** ao sr. que **resolva da maneira que correta** e me envie no meu e-mail, **para eu tirar as minhas dúvidas**. Obrigado. Meu e-mail. [...]

MSG 29 – V

De: Aluna 19

Para: Professora 4

Boa noite professora, mandei a AD só que quando entro para ver a prova está em branco, não estou entendendo o que está acontecendo?...

Pedi ajuda para o monitor só que até este exato momento não obtive resposta.

Aguardo uma ajuda.

Aluna 19

MSG 32 – P

From: Aluna 20

To: Professora 4

Sent: Saturday, November 08, 2008 9:27 PM

Subject: Plano de aula(Subtração e divisão)

Professora 4,

Estou enviando meu plano de ensino sobre (subtração e divisão). **Desculpa por não ter mandado antes**, estava com problemas.

Obrigado pela compreensão.

Aluna 20 (Norte da Ilha _º fase)

As mensagens acima ilustram o funcionamento do discurso pedagógico autoritário, em que o aluno não é fonte de saber, apenas ‘repositório’ de informação. Os enunciados: [*“fale se está errado ou correto”*], [*“para eu tirar as minhas dúvidas”*] ou mesmo [*“Aguardo uma ajuda.”*] em que se observa o pedido de auxílio e de esclarecimento acerca do que seria o certo, materializam a autoridade do professor como representante do conhecimento e da

Instituição. Sua complacência sobre normas administrativas que não foram cumpridas, se evidenciam em trechos como: [*“Desculpa por não ter mandado antes”*; *“Obrigado pela compreensão”*].

MSG 30 – V

De: Professora 4

Para: Aluna 19

Aluna 19

Primeiro **vc deve** salvá-la no seu computador. Depois anexar.

Experiemente publicar na ferramenta Exposição. Se assim fizer mande-me mail avisando.

É o que eu posso fazer no momento.

Att Professora 4

MSG 31 – V

De: Professor 2

Para: Aluno 18

Aluno 18

A sua questão 2(b) a resolução **está incorreta**, pois na parte de baixo(denominador) você tem uma soma e uma multiplicação **correto**? Ou seja, $2/3 + 1/9 \times 4$ Você primeiro precisa fazer a multiplicação de $1/9$ com 4 e o resultado somar com $2/3$. Na parte de cima(numerador) você fez isto. Quando temos uma sequência de operações, **o que vale é** primeiro divisões e multiplicações na ordem que aparecerem e depois somas e subtrações na ordem que aparecerem.

Abraços

Professor 2

MSG 33 – P

From: Professora 4

To: Aluna 20

Sent: Sunday, November 09, 2008 9:21 AM

Subject: Re: Plano de aula(Subtração e divisão)

Aluna 20

Olhei rapidamente seu plano

Verifique que nos objetivos **especificos vc** não mencionou os significados matemáticos.

Retome o estudo da divisao para refazer o plano.

Professora 4

Entre os exemplos destacados acima (de ambas as modalidades de ensino) percebe-se a ausência de interlocução acerca do referente pelo posicionamento assertivo sobre o que ‘deve’ ser feito, a ‘resposta certa’, o ‘procedimento correto’ para solução do problema e para realização da atividade. Em todas as mensagens apresentadas se reconhece marcas que denotam fortemente a posição-sujeito do professor como detentor do conhecimento e das regras, assim como os critérios necessários para aprovação na disciplina. A assertividade nas

respostas aos questionamentos, marcada por trechos de enunciados “*está incorreta*” (MSG 31); “*vc deve*”; “*Retome o estudo da divisao para refazer o plano*” (MSG 33), materializam sua autoridade. Além disso, observa-se, também, a voz da Instituição e da ciência, representada na figura do professor em enunciados como “*o que vale é*”, “*È o que eu posso fazer no momento*”.

Analisando as relações dialógicas nesses *e-mails*, observa-se o predomínio de vozes centrípetas, em que há uma forte resistência a relativização das vozes nesse discurso, o que torna o processo dialógico mais ‘impermeável’ tendendo a não ter reversibilidade entre os sujeitos. Evidencia-se a autoridade de um dos sujeitos que domina o sentido do referente. Embora se perceba certa heterogeneidade nas mensagens dos professores (MSG 30; MSG 31; MSG 33), esta não é mostrada marcada, onde a voz da autoridade (Instituição e ciência) é concedida exclusivamente ao professor.

Contudo, pode-se identificar, também, entre as mensagens selecionadas, a presença da voz de outrem, característica importante da presença de vozes centrífugas no discurso, denotando maior polissemia nos diálogos. Como exemplos, destacam-se a MSG 8, realizada com uma aluna da modalidade presencial [“*Tudo bem? Deixei meu **potfólio** na coordenação com a Patrícia.*”], que faz uso da heterogeneidade mostrada do discurso indireto para indicar o ‘outro’ no diálogo; da mesma forma, a MSG 18 realizada por uma aluna do EAD com sua professora [“*Estou com muitas dificuldades para fazer a AD, **ja** tentei explicações de outros colegas mais vi que **nao** é somente eu que estou com dificuldades.*”], que também, de forma marcada indireta, faz referência aos ‘outros colegas’ como apoio para a dificuldade encontrada. Identifica-se na MSG 29, realizada por uma aluna da EAD, a presença também da voz de ‘outrem’ - no caso da Instituição - reconhecida e caracterizada como heterogeneidade mostrada por meio de discurso indireto [“*Pedi ajuda para o monitor só que até este exato momento não obtive resposta*”].

No que tange ao discurso da escrita, sendo também um discurso autoritário que determina uma norma única e desambiguizada, observa-se que a sua relação com o discurso pedagógico é de aliança, ou seja, cada um a seu modo funciona como o mantenedor do outro. A escrita institucionalizada corrobora para o reconhecimento do discurso pedagógico como legítimo e necessário, e a escola, por sua vez, mesmo não sendo “produtora” do discurso da escrita é, segundo Gallo (1995), a instituição que é sua mantenedora.

Nos *e-mails* trocados entre professores e alunos da modalidade presencial, observa-se que, na maioria dos diálogos, o tema envolvia questões administrativas como data de provas,

resultado de avaliação, confirmação de aula, etc. Isso pode ser uma consequência da característica do uso do *e-mail* como ferramenta complementar ao diálogo desenvolvido em sala de aula, no ensino presencial. Ele (*e-mail*) não é essencial para as discussões pedagógicas que se fazem na sala de aula presencial, ao contrário do que ocorre na modalidade virtual, que utiliza a ferramenta Professor como canal institucionalizado de diálogo. No caso das mensagens compartilhadas entre alunos da modalidade a distância, percebe-se um direcionamento predominante para questões acadêmicas (teóricas, conceituais e práticas) acerca do conteúdo de aula.

Importante observar que o nível da formação acadêmica em que se encontra o aluno é elemento relevante para o entendimento das condições de produção dos *e-mails* nas duas modalidades de ensino, seja presencial, seja a distância. Nas mensagens a seguir, observa-se a determinação desse elemento nas mensagens, especialmente no que tange a polissemia no diálogo, compartilhadas com alunos da modalidade presencial:

MSG 34 - P

Enviado por “Aluna 49”:

Olá professora, **eu achei a prova muito bem elaborada**, não tenho do que reclamar, **vc está de parabéns!!!** espero ainda nos encontrarmos em outra disciplina. Bjs...

MSG 35 - P

Enviado em 10/11/2008 16:57

Oi Professora!

Tudo certo?

Achei uma coisa interessante e resolvi repassar:

Em algum comercial do passado (E!/ TVA e Sky, qui, dia 13, às 21h)

[...] Campanhas famosas em todo o planeta, slogans inesquecíveis e jingles marcantes são os protagonistas do programa repleto de criatividade em várias décadas.

Vai ser na quinta à noite, será que alguém poderia gravar?

Abraços, “Aluna 60”.

MSG 40 - P

Enviado em 10/11/2008

Oi “Aluna 60”! **Repassei seu recado pra a turma...** Eu infelizmente só tenho Net... Abraços, “Professora 6”

As três mensagens de *e-mail* apresentadas anteriormente trazem como característica dialógica a responsividade dos sujeitos, e da capacidade de compartilhamento de informações e opiniões (discussão do referente). Além disso, observa-se a análise dos alunos (nas MSG 34

e MSG 35) para com questões conceituais, relacionando a aspectos teóricos à sua percepção acadêmica, e de seu dia-a-dia profissional e pessoal, fatores estes importantes nas condições de produção que levaram ao reconhecimento do discurso acadêmico. As mensagens compartilhadas entre professor e alunos denotam maior polissemia nos diálogos, pois os professores não se demonstram ser os exclusivos de conhecimento. Na MSG 34, se percebe certa discussão sobre o referente (avaliação) [*“eu achei a prova muito bem elaborada, não tenho do que reclamar, vc está de parabéns!!!”*], onde a aluna 49 reconhece positivamente o trabalho desenvolvido pela professora, demonstrando certa flexibilidade, ‘liberdade’ para essa exposição. Da mesma forma, quando a Aluna 60 demonstra pró-atividade em propor a gravação de um programa de TV que poderia ser utilizado em aula. A Professora 6 recebe a mensagem de forma positiva, propagando a informação para o restante da turma, demonstrando o entusiasmo e aprovação para com a atitude do aluno [*Repassei seu recado pra a turma... Eu infelizmente só tenho Net...*].

No entanto, a maior determinação do discurso acadêmico foi encontrada entre mensagens compartilhadas com alunos da modalidade virtual. A seguir apresenta-se os *e-mails* em que se pode observar essa determinação:

MSG 36 - V

De: Aluno 22

Enviada: 18/10/2008 09:24

Para: Professor 8

Professor e Colegas,

Eu, pessoalmente, acho Heráclito o pensador mais originário quanto ao que deveria ser "Lógica". E fico com Aristóteles quanto a realidade de que a "Lógica" é na verdade algo diferente da "Analítica". O Silogismo, como um silogismo em forma exemplar, não fornecer algo mais de conteúdo; fornece, sim, algo mais de interpretação (e nessa condição, é conhecimento novo, pois já se estabelece como premissa(s) em potencial). Por quê assim deve ser entendido? [...]

Aluno 22

MSG 37 - V

De: Professor 8

Enviada: 22/10/2008 18:07

Para: Aluno 22

Oi Aluno 22,

Não consigo entender essa sua avaliação de que Heráclito é o avô da Lógica.

Logo o Heráclito que assume a contradição como essencial!

A impressão que eu tenho é a de que os *eleatas* é que tiveram o mérito de serem os precursores mais originários da Lógica.

Platão, ao dicotomizar a realidade em mundo sensível e mundo inteligível, recorre a Heráclito para explicar reino da *doxa* e Parmênides para delinear o reino da *episteme*. [...]

Abraço,

Professor 8

MSG 38 - V**De:** Aluna 23**Para:** Professor 8**Data:** 10/10/2008 10:58**Mestre, não concordo com a correção.**

Nestra frase fala dos atletas e não de algum tipo de atleta ou atletas de um ou outro esporte, fala dos atletas em geral.

Os atletas não é a mesma coisa de algum atleta.

b) Os atletas nem sempre são esforçados.

Algum atleta não é esforçado.

Proposição particular negativa (O)

MSG 39 - V**De:** Professor 8**Para:** Aluna 23**Data:** 10/10/2008 12:49

Oi Aluna 23,

Finalmente consegui fazer você se manifestar! 😊

A questão é: qual é o *sentido* da frase?

Minha leitura é:

Quando analisamos o conjunto dos atletas (todos os atletas), nem sempre encontramos esforçados.

Ou seja, entre todos, alguns não são esforçados.

O que você acha?

Abraço,

Professor 8

Nessas mensagens compartilhadas com alunos da modalidade a distância, observa-se a discussão acerca do referente, onde se percebe a polissemia controlada, característica do discurso polêmico e ao mesmo tempo, característico do discurso acadêmico (segundo NEOTTI, 2007). Entre os trechos de enunciados que demonstram essa característica, identificou-se a posição do aluno, da MSG 36, ao se posicionar com a abertura de sua mensagem “*Eu, pessoalmente, acho*”, e do retorno do professor (MSG 37) ao escrever “*Não consigo entender essa sua avaliação*”, provocando o aluno para um outro ‘olhar’ sobre o tema. Além disso, na MSG 38, a aluna já interpela o professor ao iniciar sua mensagem com “*Mestre, não concordo com a correção*”, demonstrando uma posição que busca dominar o referente em discussão. Interessante observar que o professor ‘provoca’ a aluna na continuidade do diálogo “*Finalmente consegui fazer você se manifestar!*” materializando uma posição de professor diferente daquela do discurso pedagógico em que espera que o

aluno responda somente as questões já formuladas e formatadas. O professor no discurso acadêmico é também um pesquisador/cientista e trata o aluno não como alguém que precise ser tutorado. No e-mail analisado, o professor 8 abre espaço para discussão quando enuncia “*O que você acha?*” e como isso, coloca o aluno numa posição em que este tem poder de decisão.

Nesses diálogos, portanto, observa-se o predomínio das vozes centrífugas que se materializam por enunciados mais permeáveis à impregnação de outras vozes, permitindo maior hibridização, mais flexibilidade à mudança. Essas vozes podem ser identificadas pela heterogeneidade mostrada marcada nas mensagens MSG 36 e MSG 37, em que meio do discurso indireto, os pensadores/filósofos são citados tanto pelo aluno quanto o professor [*“de que Heráclito”*; *“fico com Aristóteles quanto a realidade de que a "Lógica" é na verdade”*]. A heterogeneidade não marcada é identificada pela discussão entre professor e aluna (MSG 38 e MSG 39), onde ambos fundamentam seus pontos de vista a partir da proposta da atividade (tema da discussão) e a compreensão dos conceitos. Além disso, pode-se interpretar, também, uma possível ironia por parte do professor à aluna, ressaltando o ‘aparecimento’ dessa com o objetivo de questioná-lo.

O *e-mail* no ambiente virtual (materializado na ferramenta Professor) pode ser considerado um diálogo predominantemente heterogêneo e centrífugo porque a mesma mensagem em discussão pode ser compartilhada e abordada pelos diferentes interlocutores, pois todas são visualizadas pelo grupo ao longo de toda a disciplina, podendo ter sua continuidade dialógica de acordo com o andamento das discussões teóricas.

Nas mensagens apresentadas destacam-se particularidades das condições de produção. Entre elas observa-se a regularidade desse tipo de diálogo entre alunos de Cursos das áreas humanas e sociais, como curso de Filosofia, onde o aluno tem por característica o aprofundamento e reflexão sobre os conceitos na busca pelo conhecimento.

No entanto, essa variável não é condicionante exclusiva para a identificação dessa formação discursiva. Somando a isso está a ‘iniciativa’ dialógica-interacional. Isso porque, diferente do uso do *e-mail* no ensino presencial, onde tanto o professor quanto o aluno podem ser ‘geradores’ da relação dialógica, no uso da ferramenta Professor a relação dialógica só pode ser iniciada pelo aluno. É ele que interpela o professor-tutor com suas dúvidas ou comentários, esperando por sua resposta para o esclarecimento do tema, ou para a continuidade da discussão.

Além disso, diferente também de um ‘*e-mail* tradicional’, a ferramenta Professor disponibiliza a visualização de todas as mensagens postadas (enviadas) no ambiente, ao longo

de toda a realização da disciplina, para todos os alunos integrantes da turma. Essa característica compõe a proposta metodológica de ensino-aprendizagem desenvolvida pela Instituição, no intuito de disponibilizar diferentes espaços de leitura e interação no ambiente de ensino e aprendizagem, o que poderia explicar a maior regularidade de discussões acadêmicas e de fundo teórico na modalidade virtual.

9 CONCLUSÃO

Refletir acerca do desenvolvimento desta dissertação, e da expectativa de validar algumas hipóteses, que hoje parecem mais impressões pessoais, demonstrou-se uma tarefa inquietante que manteve-se por toda pesquisa. Este estudo, que teve por objetivo analisar como tanto o discurso da escrita, como as práticas discursivas das instituições de ensino estão sendo afetados e deslocados, a partir do uso das novas tecnologias, considerando o modo como o sujeito se posiciona no uso dessa linguagem teve como base, não mais apenas a experiência profissional, mas sim o arcabouço teórico da análise do discurso, que fundamentou toda a leitura e interpretação dos materiais selecionados como *corpus* desta pesquisa.

A identificação, a interpretação, e a análise das formações discursivas que se cruzavam nas mensagens de *e-mails* compartilhados trouxeram resultados esperados, mas também surpresas, entre as quais, a identificação do ‘surgimento’ de uma nova linguagem no uso de uma ferramenta da internet quando ‘aplicada’ em ambientes acadêmicos.

Diante disso, faz-se uma retrospectiva acerca das conclusões encontradas ao final deste estudo ao reconhecer que o *e-mail* mostrou-se realmente como uma ferramenta dialógica mais flexível do meio acadêmico. Isso possibilitou aos sujeitos (professor e alunos) o uso da linguagem virtual, reconhecida pela regularidade de marcas desse discurso, como a ausência de atenção para questões gramaticais, ausência de acentuação, entre outras peculiaridades do uso do ‘internetês’. Destaca-se que essa característica foi identificada nas duas modalidades de ensino analisadas (virtual e presencial), isso porque, tanto o professor, quanto o aluno ‘permitem-se’, na maioria dos casos, a uma maior flexibilidade, uma ‘familiaridade permissiva’, característica do discurso da internet.

Contudo, esta pesquisadora esperava encontrar uma maior influência do discurso da internet entre os alunos da modalidade virtual, o que não se mostrou evidente nas mensagens observadas. A análise mostrou que o discurso da internet, e sua linguagem virtual pareceu afetar menos as mensagens trocadas por professores e alunos da modalidade a distância, do que as mensagens compartilhadas com os alunos da modalidade presencial.

Essa variação pode ser explicada porque, enquanto o *e-mail* na modalidade presencial é usado de forma mais ‘livre’, de acordo com seu surgimento na internet; no ambiente virtual (EVA), usado na modalidade EAD, ele está inserido dentro das ferramentas de aprendizagem, fazendo parte do ‘pacote’ de ensino-aprendizagem da metodologia a distância, assumindo,

então a condição de diálogo em ‘sala de aula’, o que determina ‘algumas’ limitações, e normas ao redigir as mensagens, aproximando-se então, do discurso pedagógico e administrativo da Instituição. Isso neutralizaria o radicalismo que poderia ter lugar nessa prática, e que não foi verificado. Ao contrário, alunos e professores do EAD produzem os *e-mails* de forma muito semelhante.

Diante disso, pôde-se observar que, tanto as mensagens compartilhadas entre os professores com seus alunos da modalidade virtual, quanto com os alunos do presencial seguem o mesmo direcionamento, ambos sendo determinados pelo discurso da escrita, institucionalizado e legitimado pelo discurso pedagógico. Isso porque, verificou-se nesses diálogos o discurso da escrita presente e predominante no uso da ferramenta *e-mail*.

Diante disso, é importante destacar que a presença do discurso pedagógico, em que o aluno não é fonte de saber, apenas ‘repositório’ de informações, também está presente em ambas as modalidades de ensino (seja virtual, seja presencial).

Entre as mensagens analisadas, se reconheceu marcas que denotam fortemente a posição-sujeito do professor como detentor do conhecimento e das regras, assim como dos critérios necessários para aprovação na disciplina. Identificou-se a assertividade nas respostas aos questionamentos, e onde observou-se, também, o predomínio de vozes centrípetas, em que há uma forte resistência a relativização das vozes nesse discurso, o que torna o processo dialógico mais ‘impermeável’, tendendo a não ter reversibilidade entre os sujeitos. Evidencia-se a autoridade de um dos sujeitos que domina o sentido do referente. Embora se perceba certa heterogeneidade nas mensagens dos professores, a voz da autoridade (Instituição e ciência) é concedida exclusivamente ao professor.

No entanto, pôde-se identificar, também, entre as mensagens selecionadas, tanto da modalidade EAD, quanto do ensino presencial, a presença da voz de ‘outrem’, característica importante da presença de vozes centrífugas no discurso, denotando a heterogeneidade do discurso, e a maior polissemia nos diálogos.

As mensagens de *e-mail* apresentadas na análise trazem a determinação do nível da formação acadêmica dos alunos, como fator importante nas condições de produção que levaram ao reconhecimento do discurso acadêmico. Nelas observou-se a predominância de vozes centrífugas, que tem como característica uma maior flexibilidade na sua constituição, pois são mais permeáveis à impregnação de outras vozes no discurso.

Percebeu-se, entre mensagens de alunos que se encontravam em fase de finalização de curso, que estes já tinham presentes em sua formação acadêmica o maior reconhecimento da

ciência (teorias, referências a autoria, etc.), fazendo por meio de seu trabalho de conclusão de curso, sua assunção a autoria como concluintes da graduação.

Portanto, a heterogeneidade presente nos diálogos das duas modalidades apresentou um ‘lugar’ mais polêmico, reconhecido como característica importante do discurso acadêmico.

Convém destacar, porém, que percebeu-se se maior incidência dessas características e de temas teóricos e conceituais, nas mensagens compartilhadas com os alunos da modalidade do EAD. As mensagens de *e-mails* trocadas entre professores e alunos da modalidade presencial, mostraram que, na maioria dos diálogos, o tema envolvia questões administrativas como data de provas, resultado de avaliação, confirmação de aula, etc.

Essa atitude pode ser uma conseqüência da característica do uso do *e-mail* como ferramenta complementar ao diálogo desenvolvido em sala de aula, no ensino presencial. Ele (*e-mail*) não é essencial para as discussões pedagógicas que se fazem na sala de aula presencial, ao contrário do que ocorre na modalidade virtual, que utiliza a ferramenta Professor como canal institucionalizado de diálogo. No caso das mensagens compartilhadas entre alunos da modalidade a distância, percebe-se um direcionamento predominante para questões acadêmicas (teóricas e conceituais) acerca do conteúdo de aula.

Para tanto, pode-se afirmar, a partir dessas informações, que há uma maior determinação do discurso da escrita entre as mensagens compartilhadas com os alunos da modalidade a distancia (EAD). O *e-mail* no ambiente virtual (materializado na ferramenta Professor) pode ser considerado um diálogo predominantemente heterogêneo e centrífugo, porque a mesma mensagem em discussão pode ser compartilhada e abordada pelos diferentes interlocutores, pois todas são visualizadas pelo grupo ao longo de toda a disciplina, podendo ter sua continuidade dialógica de acordo com o andamento das discussões teóricas.

Além disso, a ‘iniciativa’ dialógica-interacional no uso da ferramenta Professor, ‘condiciona’ que a relação dialógica só pode ser iniciada pelo aluno. É ele (aluno) que interpela o professor-tutor com suas dúvidas ou comentários, esperando por sua resposta para o esclarecimento do tema, ou para a continuidade da discussão. Somado a isso, também, diferente de um ‘*e-mail* tradicional’, a ferramenta Professor disponibiliza a visualização de todas as mensagens postadas (enviadas) no ambiente, ao longo de toda a realização da disciplina para todos os alunos integrantes da turma. Essa característica compõe a proposta metodológica de ensino-aprendizagem desenvolvida pela Instituição, no intuito de disponibilizar diferentes espaços de leitura e interação no ambiente de ensino e aprendizagem,

o que poderia explicar a maior regularidade de discussões acadêmicas e de fundo teórico na modalidade virtual.

Diante disso, pode-se observar que entre as duas modalidades analisadas existem mais semelhanças do que diferenças, resultado este, contrário ao esperado pela pesquisadora, que acreditava na predominância da linguagem virtual entre os alunos que tivessem essa metodologia de ensino e aprendizagem como base para o desenvolvimento de sua graduação.

Para tanto, convém destacar que, embora não seja predominante o uso da linguagem virtual na modalidade EAD, ela se faz presente (como foi destacado anteriormente) nele, assim como na modalidade presencial, o que demonstrou a existência de uma linguagem mais flexível, uma ‘nova linguagem’ a partir do entrecruzamento dos discursos da escrita, da internet e pedagógico/acadêmico.

E, isso poderá ser corroborado em outros trabalhos que, utilizando-se da mesma metodologia, analisem outros instrumentos interativos, ou melhor, outras formas de inscrição dos sujeitos, além do *e-mail*.

De forma conclusiva diremos, então, que identificou-se ao longo desse estudo certa ‘variação’ nas práticas das formações discursivas analisadas, no que tange ao efeito de ‘deslocamento’ do discurso predominante, e seus atravessamentos pelos discursos da internet, pedagógico/acadêmico e do discurso da escrita.

Esse estudo proporcionou, a partir da análise das mensagens de *e-mails* compartilhadas entre professores e alunos do ensino presencial e a distância, observar, entre outras coisas, a determinação do discurso da internet nas mensagens de *e-mails* trocados pela modalidade presencial.

Em relação aos textos escritos na internet, notadamente nos *e-mails*, a partir dessa análise, pode-se dizer que estão numa relação de aliança com o discurso da oralidade como proposto por Gallo (2007), o qual tem características de linguagem mais coloquial, mais ‘flexível’ no que tange as regras lingüísticas institucionalizadas e, especialmente, pelo caráter de provisoriedade que o constitui.

Essa determinação do discurso da internet foi observada maior e/ou menor grau nas relações dialógicas dos *e-mails* dependendo da relação com os discursos pedagógico/acadêmicos e da escrita. Na modalidade virtual (EAD), o atravessamento dos discursos pedagógico/acadêmico e da escrita é mais determinante, já que o *e-mail* está inserido dentro das ferramentas de aprendizagem, fazendo parte do ‘pacote’ de ensino-aprendizagem da metodologia a distância. Todas as ferramentas dialógicas são canais oficiais, institucionais de compartilhamento/troca de informações pedagógicas/acadêmicas, o que

determina a maior formalidade e conseqüentemente, o predomínio do discurso da escrita, recorrente nos diálogos virtuais.

Esse direcionamento leva a crer que o uso do *e-mail*, por meio da ferramenta Professor, assume a condição de diálogo em ‘sala de aula’, determinando ‘algumas’ limitações, e ‘normas’ ao redigir as mensagens, demonstrando que na EAD, o discurso da internet não é dominante, e sim fortemente atravessado pelo discurso acadêmico/pedagógico.

Nesse aspecto, pode-se analisar o uso do *e-mail* no ambiente virtual - materializado na ferramenta Professor - como uma atividade dialógica heterogênea com o predomínio de vozes centrífugas. Isso porque, devido a características da plataforma de ensino, as mensagens da ferramenta Professor são compartilhadas entre todo o grupo, dessa forma, todos os integrantes da turma podem participar de todos dos temas abordados, ao longo de toda a disciplina.

Isto posto, pode-se observar, também nas mensagens compartilhadas com alunos da modalidade a distância (EAD), o predomínio de características do discurso acadêmico em que o professor e aluno estão numa relação de interlocução com maior reversibilidade, demonstrando maior polissemia no discurso. Segundo Orlandi (2003:154), o discurso polêmico “é aquele em que a reversibilidade se dá sob certas condições e em que o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes”. Nesse direcionamento, confirma-se a característica de maior heterogeneidade discursiva, e maior predomínio de vozes centrífugas nos diálogos. Isso pode ser explicado, devido as características da ferramenta Professor, que tem por propósito o ‘diálogo institucional’ e mais acadêmico, semelhante ao que deve ocorrer dentro da sala de aula presencial.

Em contrapartida a isso, a modalidade presencial é mais ‘flexível’ no emprego da ferramenta *e-mail*, pois ele (o *e-mail*) não faz parte obrigatoriamente da metodologia de ensino na modalidade presencial. As relações que se estabelecem entre os discursos da internet, da escrita e pedagógico/acadêmico, mostram que o discurso da internet funciona determinando com seus sentidos a linguagem dos *e-mails*. Isso porque observou-se que, na maioria das mensagens compartilhadas com alunos da modalidade presencial, há o emprego de marcas da linguagem virtual (como supressão de acentuação, desatenção para as regras gramaticais, o uso de *emoticons*, de uma linguagem mais coloquial, etc.), apresentando também algumas características do discurso da oralidade. Essas características seriam, basicamente, a não legitimação da ferramenta como integrante da metodologia de ensino presencial, aliado ao seu efeito de provisoriedade, sem o efeito de fim, proposto por Gallo (1995).

No entanto, é importante destacar que mesmo havendo a flexibilidade no uso da ferramenta, percebe-se o discurso pedagógico quando se observa a presença dos sujeitos do discurso nas mensagens – onde há ‘o professor’, e ‘o aluno’. Esse atravessamento discursivo remete ao conceito de efeito-autor, proposto por Gallo (1995), em que o deslocamento entre as formações discursivas da internet, do pedagógico/acadêmico, da escrita e da oralidade, levam a construção de enunciados híbridos dos *e-mails*, produzindo algo novo, tanto no uso da ferramenta, quanto na relação dialógica entre os sujeitos do discurso pedagógico/acadêmico.

Seguindo a proposta desenvolvida por Gallo (1995), acerca dos discursos da escrita e da oralidade, poderíamos relacionar o gênero primário de Bakhtin, com o conceito da autora para o discurso da oralidade. Segundo ela, a oralidade tem como característica a incompletude o que, conseqüentemente, não produz para o discurso um efeito de fecho. Em contrapartida, a classificação bakhtiniana para gênero secundário corresponderia ao discurso da escrita, que segundo Gallo (1995) seria uma das formas com a linguagem circula legitimamente na sociedade, a escrita seria um tipo de discurso institucionalizado e legitimado. Essa institucionalização produz, diferentemente do discurso da oralidade, um efeito de fechamento para o discurso da escrita.

As ferramentas eletrônicas dialógicas, neste caso especificamente o *e-mail*, pode ser relacionado tanto a um discurso com característica de gênero primário, quanto a um discurso de gênero secundário, a partir do momento em que é utilizado tanto para fins acadêmicos, quanto para questões técnico-administrativas.

“Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos.[...] O estilo é indissolúvel de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc.” (BAKHTIN, 2003: 266).

De tal modo, segundo Bakhtin (2003: 296) os fatores que determinam o estilo do enunciado podem ser identificados entre o sistema da língua em uso; o objeto do discurso e do próprio falante; e a sua relação valorativa com esse objeto. Discursivamente, nos termos da análise do discurso de linha francesa, podemos observar o estilo como algo que fica sobre determinado pelos sentidos da formação discursiva dominante. Logo, o *e-mail* enquanto materializado lingüisticamente pelo que chamamos de ‘internetês’, o que nos termos de Bakhtin poderia constituir um estilo, que tanto pode se relacionar ao gênero primário, quanto

a um gênero secundário em sua materialidade discursiva, tem como sua formação discursiva dominante o sentido produzido pelo discurso pedagógico/acadêmico, que determina o efeito de sentido aí produzido. O estilo assim, é algo sobre determinado pelo discursivo.

A abordagem discursiva permitiu compreender a predominância das determinações históricas e ideológicas sobre as determinações lingüísticas e/ou enunciativas. O que prevaleceu em todos os casos foi a funcionalidade do discurso pedagógico/acadêmico.

Reitera-se que no EVA há um controle da ferramenta *e-mail* determinado pelo ambiente de ensino-aprendizagem, que dilui seus efeitos discursivos ao longo da metodologia do ‘pedagógico virtual’, já que o discurso administrativo-pedagógico funciona numa relação ora de convergência (se utiliza da tecnologia digital) ora de conflito (a tecnologia digital é usada exclusivamente para o ensino-aprendizagem) com o discurso da internet. O *e-mail*, efeito dessa relação interdiscursiva, se constitui heterogeneamente de forma híbrida.

Logo, pode-se reforçar a presença de sinais de uma nova FD, onde o entrecruzamento das FD pedagógico/acadêmico e do discurso da internet, produz um deslocamento da escrita enquanto lugar da unidade e do fecho, e igualmente da oralidade enquanto lugar da provisoriedade, não pelas características lingüísticas (internetês), mas pela forma de circulação dessa produção, por seu valor discursivo. Essa produção aqui analisada aponta para a constituição de um efeito-autor, em que os sujeitos que constituem esse ‘novo’ discurso fundam uma prática de linguagem, como um ‘discurso da escrita virtual’, que é algo híbrido entre escrita e oralidade, no sentido discursivo dos termos, experimentando essa prática de deslocamentos nas posições-sujeito do discurso pedagógico/acadêmico, enquanto autores de *e-mails*.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado** – nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. São Paulo: Ed. Graal, 1971.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Vanderley Geraldi. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos** (19). Campinas, UNICAMP, jul./dez. 1990: 25-42

AZEVEDO, W. **Comunidades virtuais precisam de animadores da inteligência coletiva**. Referência obtida da Internet:
<http://www.aquifolium.com.br/educacional/artigos/embruvb.html> (03/12/01)

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2003 (4ª ed.)

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, Dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Ed UNICAMP. 2005 (2ª ed)

BRANDÃO, Helena. **Introdução a Análise de Discurso**. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2004.

BREMMER, Lynn M. **A bíblia da Intranet**. - 1. Ed. - São Paulo: Makron, 1988.

CONSTANTINO, Gustavo D. Discurso pedagógico eletrônico: os modos de interação discursiva na aula virtual em contraste com a aula presencial. In **Linguagem em (Dis)Curso**. N. 2, Vol VI, pg 241-267. Tubarão: Ed. Unisul. 2006

CAIRNCROSS, Frances. **O fim das distâncias**: como a revolução nas comunicações transformará nossas vidas. - São Paulo: Nobel, 2000.

CARPENTER, Edmund. e MCLUHAN, Marshall. **Revolução na comunicação**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. - 1. Ed. - São Paulo: Paz E Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

FARIAS, Wlad. **Correio Eletrônico**. São Paulo: Markett Books. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005 (31ª ed.)

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 (7ª ed.)

GALLO, Solange. **Discurso da escrita e ensino**. São Paulo: Ed. UNICAMP. 1995.

_____. A autoria: função do sujeito e feito do discurso. In. **Estudos do texto e do Discurso: Interfaces entre Língua(gens), Identidade e Memória**. São Carlos: Ed. Claraluz. 2007.

_____. A autoria: questão enunciativa ou discursiva?, in **Linguagem em (Dis)Curso**. N. 2, Vol I, pg. 61-70. Florianópolis: Ed. Unisul. 2001.

GOMES, Elizabete T. **Ciência, tecnologia e educação em rede: as significações da ciência nos ambientes virtuais de aprendizagem – AVAs**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2008.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2003.

MARCUSCHI, Luiz A., XAVIER, Antônio C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido (orgs)**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna. 2005.

MARTINS, M. F. et. al. **A ciência enquanto processo: um caso de divulgação**, a ser publicado na Revista Caderno de Letras. 2009

MORAN, José M., MASETTO, M., BEHRENS, M. **Novas Tecnologias e Mediações Pedagógicas**. Campinas/SP: Papirus, 2000.

MOREIRA, Rosamaria. Educação à Distância: os mitos, os paradigmas e as dificuldades à sua aplicação. **Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, n. 152/153, p. 144, jan/jun - 2001.

MUSSALIN, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIN, Fernanda, BENTES, Ana C., **Introdução à Lingüística** – domínios e fronteiras. 3ª ed., vol. 2. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. - São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NEOTTI, Carolina. **Autoria e plágio em monografias: uma abordagem discursiva**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2007.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso** – Princípios e Procedimentos. São Paulo: Ed. Pontes, 1999.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas/SP: Ed. Pontes, 2003.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso** - uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995. 2ª ed.

PINHEIRO, Marcus T.F. Revista PEC. **As características da complexidade na linguagem digital: um referencial para a prática pedagógica**. Curitiba, v.2, n.1, p.43-48, jul. 2001-jul. 2002

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Ed.Cultrix, 1977.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet. 2002 (3ª ed.)

SIMKA, Sérgio. Como redigir um e-mail. **Ensino Superior**, São Paulo, n. 37, p. 14, outubro, 2001.

STRUCHINER, Miriam. **Educação a Distância** – reflexões para a prática nas universidades brasileiras. Referência obtida na Internet. <http://www.crub.org.br/docs/EAD.htm>. (16/11/01)

TASCHETTO, T. R. **A presença do sujeito no discurso acadêmico: uma análise em projetos de pesquisa**. 2002. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) - PUCRS, 2002.

TRIVINHO, Eugênio. **Redes: obliterações no fim de século**. - São Paulo: Annablume, 1998.

TURKLE, Sherry. **A vida no Ecrã: a identidade na era da Internet**. - Lisboa: Relógio D'água, 1995.

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. UnisulVirtual. Equipe Didático-Pedagógica. **Formação para professor virtual: metodologia UnisulVirtual**: livro didático. 5ª ed. rev. e atual. Palhoça: UnisulVirtual. 2009.

UOL/Mundo Digital. **Etiqueta na Rede**. S.d. Referência obtida na Internet. <http://www.uol.com.br/mundodigital/beaba/etiqueta.htm> (20/12/01).

REFERÊNCIA CONSULTADA:

AZEVEDO, Wilson. **Panorama atual da Educação a Distância no Brasil**. S.d. Referência obtida da Internet: <http://www.edudistan.com/ponencias/Wilson%20Azevedo.htm>. (18/01/02)

CAVALLARI, Juliana S. **O discurso avaliador do sujeito-professor na constituição da identidade do sujeito-aluno**. 2005. 218f. (Doutorado em Lingüística Aplicada/Estudos da Linguagem) – Curso de Pós-Graduação Instituto dos Estudos da Linguagem, Universidade do Estado de Campinas, Campinas/SP, 2005.

CHAVES, Eduardo. **Conceitos Básicos**. S.D. Referência obtida na Internet. <http://www.edutecnet.com.br/Tecnologia%20e%20Educação/edconc.htm>. (22/11/01)

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

LEVINE, John R. **Internet**. – 5 ed. – Rio de Janeiro: Campus, 1998.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **O que é virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação** como extensões do homem. São Paulo: Ed. Cultrix, 1999.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita** – atividades de retextualização. São Paulo: Ed Cortez, 2001.

MARX, K. **O Capital**: critica da economia política. São Paulo: Ed Nova Cultural, 1985.

ORLANDI, E. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Ed. Cortez. 2006 (7ª ed.)

PFROM NETO, S. **Telas que Ensinam**. Campinas: Ed. Alínea, 1998.
ProInfo: Informática e formação de professores. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000. 192p. Vol 1 e 2.

STRAUSS, Robert. E-mails congestionam as redes. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 17 de julho 2001. Caderno Tecnologia da Informação, p.10.

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. **A Universidade**. Disponível em: <<http://www.unisul.br/content/site/Inicio/>>. Acesso em: 12 de março de 2009

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. **UnisulVirtual**. Disponível em: <<http://www.unisul.br/content/site/auniversidade/campusdaunisulvirtual/>>. Acesso em: 12 de março de 2009

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. Pró-Reitoria Acadêmica. Programa de Bibliotecas. **Trabalhos acadêmicos na Unisul**: apresentação gráfica para tcc, monografia, dissertação e tese. 2. ed. rev. e ampl. Tubarão: Ed. Unisul, 2008. Disponível em: <http://busca.unisul.br/trabalhos_academicos/index.htm>. Acesso em: 16 out. 2008.

ANEXOS

ANEXO A – Outras mensagens de e-mail “Professora 1”

De: “Aluna 25”
Enviada: qua 19/11/2008 13:19
Para: “Professora 1”
Assunto: PORTFOLIO ESTAGIO II UNISUL - LICENCIATURA EM MATEMATICA

OLÁ PROFESSORA...NÃO VOU CONSEGUIR ENTREGAR O PORTFOLIO HOJE...POR FAVOR PASSEI POR ALGUNS PROBLEMAS E ME ATRASEI ...GOSTARIA DE SABER SE POSSO ENTREGAR OUTRO DIA?

“Aluna 25”.

Subject: RES: PORTFOLIO ESTAGIO II UNISUL - LICENCIATURA EM MATEMATICA
Date: Wed, 19 Nov 2008 14:25:52 -0200
From: “Professora 1”
To: “Aluna 25”

“Aluna 25” que prazo **vc** pretende?

‘assinatura institucional’

De: “Aluna 25”
Enviada: qua 19/11/2008 14:30
Para: “Professora 1”
Assunto: RE: RES: PORTFOLIO ESTAGIO II UNISUL - LICENCIATURA EM MATEMATICA

MAIS TARDAR SEXTA-FEIRA!

De: “Aluna 26”
Enviada: sáb 22/11/2008 20:59
Para: “Professora 1”
Assunto: combinar encontro TCC

“Professora 1”, sei que estou em falta contigo. A correria está grande. Não pude comparecer às duas últimas sextas-feiras, nos encontros do projeto derrubando mitos. No dia 14 por problemas que tive com meu título de eleitor devido a email falso que recebi e sexta agora por motivos pessoais. Peço desculpas pela ausência.

Hoje fiquei ligando para os alunos egressos, mas muitos não os encontrei por telefone. Mas, continuarei tentando, com certeza. Eu e a “Aluna 21” nos conversamos e achamos melhor combinarmos contigo um dia nesta semana para sentarmos a respeito do TCC. Até o dia 30/11 temos que entregar uma cópia corrigida para os componentes da banca. **Tá** apertando o cerco. Me manda, fazendo o favor, um email confirmando um dia para este encontro. Nós preferimos que fosse à noite. Tudo bem. Espero sua resposta.

De: "Professora 1"
Enviada: dom 23/11/2008 17:22
Para: "Aluna 26"
Assunto: RES: combinar encontro TCC

"Aluna 26" eu também prefiro que seja a noite, estou todas as noites liberadas (menos no dia 25, terça-feira próxima).

Aguardo seu retorno. Quanto ao projeto derrubando mitos , encerramos os encontros, fique tranqüila.

Um grande abraço,

"Professora 1".

'assinatura institucional'

MSG 18 – V

2008/11/5 <"Professora 1">

Prezado aluno,
 Você ainda não enviou sua AD. Como posso ajudá-lo?
 Um grande abraço,
 "Professora 1".

--

"Aluna 12"

De: "Professora 1"
Enviada: qua 5/11/2008 10:37
Para: "Aluna 12"

Assunto: RES: Ambiente Virtual de Aprendizagem - Relatório de Atividades

"Aluna 12" é importante que **vc** encaminhe sua AD, para que a professora proceda os encaminhamentos e conduza da melhor forma o processo de ensino e aprendizagem.

Abraços,
 "Professora 1".

'assinatura institucional'

From: "Professora 1"
To: vários destinatários
Sent: Wednesday, November 05, 2008 8:46 AM
Subject: Ambiente Virtual de Aprendizagem - Relatório de Atividades

Prezado aluno,
 Você ainda não enviou sua AD. Como posso ajudá-lo?
 Um grande abraço,
 "Professora 1"

De: "Aluno 27"

Enviada: qua 5/11/2008 09:28

Para: "Professora 1"

Assunto: Re: Ambiente Virtual de Aprendizagem - Relatório de Atividades

Prezada "Professora 1",

Bom dia, infelizmente e por motivos diversos não pude enviar a AD dentro do prazo, tive que tomar a decisão de parar algumas matérias deste semestre, mas retornarei no próximo ano, está muito puxado e corrido para mim, agradeço o seu interesse em ajudar, mas conversaremos no próximo ano. Muito obrigado.

Atenciosamente

"Aluno 27"

'assinatura institucional'

De: "Professora 1"

Enviada: qua 5/11/2008 10:40

Para: "Aluno 27"

Assunto: RES: Ambiente Virtual de Aprendizagem - Relatório de Atividades

Vc necessita de um prazo maior? Poço contribuir?

Abraços,

"Professora 1".

'assinatura institucional'

De: "Aluno 28"

Enviada: qua 5/11/2008 10:35

Para: "Professora 1"

Assunto: Re: Ambiente Virtual de Aprendizagem - Relatório de Atividades

Bom dia professora,

Ontem a noite o sistema da Unisul estava fora do ar. Vou enviar hoje a noite assim que chegar em casa,

pode ser?

"Aluno 28"

2008/11/5 <"Professora 1".>:

> Prezado aluno,

> Você ainda não enviou sua AD. Como posso ajudá-lo?

> Um grande abraço,

> "Professora 1".

De: "Professora 1"

Enviada: qua 5/11/2008 10:41

Para: "Aluno 28"

Assunto: RES: Ambiente Virtual de Aprendizagem - Relatório de Atividades

Ótimo "Aluno 28", a professora irá aguardar, não se preocupe.

Um grande abraço,

"Professora 1".

'assinatura institucional'

De: "Aluno 29"

Enviada: qui 13/11/2008 09:56

Para: "Professora 1"

Assunto: Avaliação

Professora,

Da uma olha novamente por favor na avaliação, no momento do envio eu não incluí o anexo mas logo em seguida enviei com anexo.

Obrigado.

De: "Professora 1"

Enviada: qui 13/11/2008 11:46

Para: "Aluno 29"

Assunto: RES: Avaliação

Resolvido "Aluno 29", verifique que já divulguei seu desempenho.

De: "Aluno 30"

Enviada: qui 13/11/2008 18:06

Para: "Professora 1"

Assunto: "Aluno 30" - Matemática Elementar

Boa tarde "Professora 1",

peço desculpas antecipadas pelo não envio da AD de Matemática Elementar. Me programei para finalizá-la dentro do prazo estipulado, porém não consegui.

Vou expor a minha situação em relação à disciplina: sou auditor, esta é a segunda vez que estou cursando esta disciplina. Da primeira vez que a fiz ocorreu o mesmo problema no atraso da AD, sendo que a outra professora após eu ter feito todos os exercícios optou por não aceitá-los fora do prazo e mesmo tirando 10 na prova presencial não consegui aprovação pelo peso das ADs (na época eram 2 e se não fossem feitas a pessoa rodaria).

Já cursei a matéria de Cálculo I, mesmo tendo a cursado na UDESC, uma vez que a carga horária não foi aceita pela UNISUL, sendo que passei na disciplina sem problemas.

Gostaria de sua compreensão com relação ao atraso, para que eu não tenha que novamente ter que cursar a disciplina (sendo que eu entendo que tenho razoável conhecimento em matemática elementar - pelo menos o suficiente para passar).

Encaminho aos seus cuidados as provas feitas quando cursei a disciplina pela primeira vez, bem como a AD de Matemática Elementar deste bimestre.

Caso não dê para aceitá-la eu ainda tenho chance de passar em exame final?

Obrigado pela compreensão e mais uma vez me perdoe pelo atraso.

De: "Professora 1"

Enviada: sex 14/11/2008 09:16

Para: "Aluno 30"

Assunto: RES: "Aluno 30" - Matemática Elementar

Júlio, agradeço o seu manifesto. Você é aluno da turma 887?

Vamos combinar o seguinte, esqueça o que ocorreu com outros professores, cada um pensa diferente e tem atitudes diferenciadas.

A professora entende a sua posição e aceito com certeza a sua AD.

Não perca tempo, vá na ferramenta avaliação e divulgue sua AD, caso contrário a professora não conseguirá emitir parecer e desempenho (nota).

Vá em frente e estude... semana que vem 22 de novembro é a AP.

Não fique constrangido comunique sempre o professor, somente ele é que poderá solucionar.

Um grande abraço e aguardo a sua AD publicada **heimmm**.

"Professora 1".

'assinatura institucional'

Subject: Estágio

Date: Tue, 25 Nov 2008 11:23:53 -0200

From: "Professora 1"

To: "Aluna 5"

"Aluna 5" estou preocupada, pois não recebi seu portfolio.

MSG 8 – P

Quando, pois estive segunda acompanhado e o seu não estava?

'assinatura institucional'

De: Professora 1

Para: Aluna 21 e Aluna 24

Assunto: TCC

Aluna 21 e Aluna 24,

Precisamos nos reunir, quem sabe amanhã a tarde, sexta-feira. Tenho unha às 16 h até às 17h30min, aproximadamente.

Segue o TCC para análise (fiz alguns ajustes), ainda falta colocar a lista de quadro, lista de gráfico e sumário.

Meninas, penso que as considerações estão descritas numa linguagem que faz refletir ao aluno não ingressar no curso, no meu ponto de vista. Pessimista parece.

Parece que a análise das questões entrevistadas estão dissoadas das considerações.

Quem sabe se apresentássemos para uma outra pessoa, a fim de que fizesse uma leitura e solicitasse que a mesma emitisse um parecer.

Bjos,

Professora 1

De: "Aluna 21"

Enviada: qui 4/12/2008 09:32

Para: "Professora 1"; e outros

Assunto: TCC

"Professora 1"

Fizemos as considerações finais e o resumo, queríamos que desse uma olhada e dissesse o que mais precisamos fazer para podermos mandar para correção. As referencias também estão prontas.

Acredito que temos que nos reunir essa semana antes de enviar para correção, achas que precisa?

Que dia e horário é melhor pra ti?

Obrigada

Beijo

"Aluna 21"

ANEXO B – Outras mensagens de e-mail “Professor 2”

Pergunta:

De: “Aluno 31”

Enviada: qui 30/10/2008 11:45

Para: “Professor 2”

Assunto: Dúvida Integrais de Linha

“Professor 2”,

Tenho a seguinte dúvida nesta questão:

Calcular $\int_c xy ds$ onde c é a intersecção das superfícies $x^2 + y^2 = 4$ e $y + z = 8$

$$|\vec{r}'(t)| = \sqrt{4\text{sen}^2t + 4\text{cos}^2t + 4\text{cos}^2t}$$

Como irei resolver a raiz acima?

Obrigado.

Att.

“Aluno 31”

Resposta:

“Aluno 31”

Nesta raiz os dois primeiros termos dá para simplificar, já o que sobra não e portanto a raiz vai continuar na integral. Você vai usar substituição para resolver esta integral.

Abraços

“Professor 2”

Pergunta:

“Professor 2” desculpa ta enchendo o saco até nas férias,
mas tava dando uma revisada na matéria e me veio uma duvida...
é uma questão do livro:

verificar se **sa**o colineares o pontos...

A(-1.-5.0) B(2.1.3) C(-2.-7.-1).....

eu sei ver se **são** colineares quando **são** 2 vetores ...
 mas com 3 me esqueci como se faz...
 se poderes me dar uma ajuda ficarei grato...

abraço..

"Aluno 32"
 eng civil....

Resposta:

"Aluno 32"

Sem problemas, minhas férias já acabaram também. Quanto a sua dúvida, basta tomar dois vetores usando estes pontos AB e BC por exemplo. Desculpe a falta de acento nas palavras, estou com um teclado desconfigurado.

Abraços

"Professor 2"

Pergunta:

De: "Aluno 33"

Enviada: qua 20/08/2008 00:28

Para: "Professor 2"

Assunto: Dúvida (topologia)

"Professor 2",

leia o arquivo que está anexado a este e-mail e **vê se o professor me tira dessa...**

[] s "Aluno 33"

Resposta:

"Aluno 33"

Aqui para provar que isto é uma métrica recorremos ao fato que todo produto interno gera uma norma que consequentemente gera uma métrica.

Definimos $x = (x_1, x_2)$ e $y = (y_1, y_2)$

Produto interno: $\langle x, y \rangle = x_1 y_1 + x_2 y_2$. Mostre que é um produto interno.

Agora, $|x| = \text{raiz}(\langle x, x \rangle) = \text{raiz}(x_1^2 + x_2^2)$ é uma norma

e provamos na segunda aula que $d(x,y)=|x-y|$ é uma métrica, mas $d(x,y)=|x-y| = \text{raiz}((x_1-y_1)^2+(x_2-y_2)^2)$ que a métrica desejada, ok?

No livro veja a página 23.

Abraços

"Professor 2"

Pergunta:

De: "Aluno 34"

Enviada: dom 26/10/2008 19:03

Para: "Professor 2"

Assunto: duvidas calculo II

Boa tarde professor, estou com uma duvida no exercicio 2 da lista 6, onde tem duas questoes que **saõ** sen e cos elevado na sexta de x, onde o resultado da lista é $5/16$, e o resultado que tenho achado é $5/16\pi$. por que?

obrigado

"Aluno 34"

'assinatura institucional'

Resposta:

"Aluno 34"

Você está esquecendo que quando aplicamos recorrência, a **última** integral vai ser cosseno ou seno elevado a zero que é igual a 1 e portanto ficamos com integral de dx que é igual a x e quando substituir o valor neste x aparecerá o pi desejado.

Abraços

"Professor 2"

Pergunta:

De: "Aluno 32"

Enviada: dom 26/10/2008 20:25

Para: "Professor 2"

Assunto: duvida...

"Professor 2" estava refazendo um ex da aspotila que tive duvidas e acabei esquecendo como cheguei na resposta em sala

é o numero 24

ele fornece o $u = (2, 1, -1)$

ab sendo $a = (3, 1, -2)$

$b = (0, 4, m)$

e o cos de 60 graus

na conta que eu fiz na sala o modulo AB era a raiz = $2+(m+2)$ ao quadrado...
mas na que estou fazendo em casa ta dando a raiz de $18+(m+2)$ ao quadrado...

se tu poderes me dar uma luz nessa questao ficarei grato...

fuii

Resposta:

"Aluno 32"

Tem um erro de digitação na apostilia o ponto B é B(4,0,m). Arrumei isto no dia na sala de aula.

Abraços

"Professor 2"

Pergunta de "Aluno 35":

Estou com dificuldade para resolver o sistema da questão 10 (AD2). Verifiquei que um de seus pontos não é crítico, pois não satisfaz a equação. Recai em um valor para x, relacionado ao multiplicador , e outro para y, também relacionado a λ . Tentei substituir na terceira equação para determinar o valor de λ e aí está a minha dificuldade. Como resolver? Estou no caminho certo. Preciso de uma dica. O livro não tem nada parecido. O restante da AD já corrigi. Só falta esta questão. Um abraço.

Resposta:

"Aluno 35"

Vamos fazer os seguinte. Envie o que você fez, inclusive com as substituições colocadas por você que em seguida te dou uma idéia, mas preciso primeiramente ver o que você fez.

Abraços

"Professor 2"

Pergunta de "Aluno 16":

"Professor 2", boa tarde! Espero que o nobre mestre esteja curtindo bastante esta tarde de domingo. No meu caso, estou curtindo ainda meio confuso, mas se Deus quiser e continuando com vossa ajuda chego lá.

Minhas dúvidas:

No estudo das integrais impróprias até que estou compreendendo a essência do raciocínio, mas na

hora dos cálculos não estou bem. Por exemplo, na pag 150 chega-se a \arctg e $-\arctg$ de \inf ; como se calcula? Na pag 151 no intervalo $-\inf_0$ têm-se $-1/t-1$ como sendo zero?? Já no intervalo 0_1 com t tendendo a 1 pela esquerda, têm-se $-1/t-1$ como sendo $+\inf$; como chego a esse resultado? No exemplo da pag 153 não entendi o cálculo quando aplicamos os limites de integração 0 e t , ou seja, como desenvolvo esse t tendendo a 2 pela esquerda? Na mesma pag 153 no agora é sua vez, o resultado dá $\pi/2$; também não entendi como se chega? Na resposta do topo da pag 315, diz que a integral é imprópria pois o integrando tende a $+\inf$ quando x tende a limite superior 1 pela esquerda; dá para o senhor dar uma **explicadinha** dessa conclusão? Por último, na resposta do agora é sua vez da pag 155, que está na pag 315, não entendi o que foi feito para quando m é diferente de 1??

Prof, na verdade estou como que travado nesse ponto e creio que avançar sem essas explicações, além de ser impossível sozinho, vai me custar caro mais adiante.

MSG 24 - V

Pergunta de "Aluno 37":

Prof., UNID. 4, EXERCICIO 1D, PÁG. 122...na função x^5+1 , eu **nao** consigo enxergar que ela possa ter 5 raízes. Só vejo a raiz real -1. Quais seriam as outras raízes?

Resposta:

"Aluno 37"

Esta equação tem no máximo 5 raízes e se uma é real as outras são complexas. use o dispositivo de pbirott rufini para fazer a divisão e tentar encontrar as outras, ok?

Abraços

"Professor 2"

MSG 28 – V

MSG 31 - V

MSG 19 – V

Resposta:

"Aluna 39"

Como já es'ta dizendo que só obtemos valores para $x > 0$, então ete gráfico não vai aparecer onde toca o eixo x e o valor de 30 aparece no eixo y já que o valor correspondente a $x = 0$.

Abraços

"Professor 2"

ANEXO C – Outras mensagens de e-mail “Professora 3”

De: "Aluno 40"
Enviada: sáb 29/11/2008 17:48
Para: "Professora 3"
Assunto: Notas

"Professora 3",

Estou enviando este e-mail pois as notas finais ainda não foram disponibilizadas.
Aguardo seu retorno.

Subject: RES: Notas
Date: Sun, 30 Nov 2008 08:39:55 -0200
From: "Professora 3"
To: "Aluno 40"

Bom dia, "Aluno 40".

Eu ainda não recebi as notas da apresentação do trabalho de vocês, sem isso não tenho como disponibilizar.
"Professora 3"

De: "Aluno 40"
Enviada: dom 30/11/2008 14:01
Para: "Professora 3"
Assunto: RE: RES: Notas

Valeu "Professora 3".

Oi, "Aluno 40".
Agora recebi as notas e já as publiquei.
Abraço,
"Professora 3"

De: "Aluna 41"
Enviada: seg 24/11/2008 10:12
Para: "Professora 3"
Assunto: Faculdade

Bom Dia!!

Professora devido a chuva não pude ir a sua aula na sexta feira, minha casa ficou alagada, estou com todos os moveis para cima, gostaria de saber se posso entregar a rezenha para a senhora esta semana ou se posso digitar e enviar para a senhora por email ou ir em outro local que a senhora esteja para te entregar.

Obrigada desde já, no aguardo de uma resposta.

"Aluna 41"
'fone'

Oi, "Aluna 41", tudo bem?

Você pode encaminhar via e-mail, mas deve enviar a resenha e também o resumo, pois pedi para fazer esse último, então, encaminhe os dois.

Um abraço, ficarei torcendo para que sua vida se reestabeleça logo.
"Professora 3"

Oi, "Aluna 42".

Nós temos alguns textos para serem apresentados e discutidos (pendentes da aula passada), então, vamos fazer isso, se precisar usaremos a parte da tarde também.

Vocês devem entregar a resenha dos capítulos solicitados e faremos juntos uma conversa sobre o que cada capítulo aborda.

Caso você e a Urânia tenham que sair antes, não há problema, poderão fazê-lo.

Bjs,

"Professora 3"

De: "Aluna 42"

Enviada: qua 3/12/2008 09:57

Para: "Professora 3"

Assunto: pós

oi Professora,

como houve uma troca em nosso calendário (com a professora 'X'), fiquei um pouco confusa.

Gostaria de uma ajuda.

Neste fim de semana temos aula contigo no dia 6, sábado. De acordo com o cronograma deveria ser apenas de manhã e à tarde seria com a 'X', mas ela não irá e tu vais substituí-la. É isso?

Acho que foi isso o que combinamos em nosso último encontro.

Temos também um trabalho para apresentar; gostaria de saber se eu e a "Aluna 43" podemos apresentar no período da manhã porque precisaremos estar no SENAI à tarde.

Aguardo resposta.

um abraço e obrigada.

"Aluna 42" e "Aluna 43"

Oi, "Aluna 44", tudo bem?

Quanto à estrutura gramatical, uma das formas de analisar é da maneira como descreveu, pode olhar também a formação dos períodos, orações mais curtas e longas, orações subordinadas e coordenadas, o que caracteriza a diferença entre linguagem falada e escrita. A presença dos pronomes, como cada contexto apresenta isso...

Você pode escolher para qual série quer trabalhar, isso fica a seu critério, somente sugiro que faça a adequação de cada atividade ao contexto que eu propus. Por exemplo, na atividade 1, pelo texto dado, seria melhor trabalhar da 7a. série em diante...

Faça com calma, caso não dê para enviar antes do dia 6, pode me entregar nessa data.

Beijos,

"Professora 3"

De: "Aluna 44"

Enviada: qua 26/11/2008 18:39

Para: "Professora 3"

Assunto: Pós - ensino e gramática - ajuda

Oie professora, estou com dificuldade em resolver a questão 2 (atividade linguagem falada e escrita), gostaria de saber se quando é pedido para analisar as estruturas gramaticais é para analisar verbos, objetos, sujeito, como são dispostos no texto... Confesso também que estou com dificuldades em pensar uma atividade escolar. Posso escolher se será para ens. fundamental ou médio?

Desde já agradeço a atenção.

"Aluna 44" - pós graduação

Enviada por "Aluno 45"

Boa tarde "Professora 3".

Agradeço as suas considerações e comentários a respeito do desenvolvimento da minha prova, pois assim, através deles, posso buscar melhorias no meu aprendizado sobre a matéria.

Não poderia deixar de ressaltar também, que a rapidez e presteza na correção e divulgação da nota da AD1, superaram todas as expectativas. Parabéns!

"Aluno 45"

Boa tarde, "Aluno 45", tudo bem?

Obrigada pelas palavras de gratidão, sempre faço o possível para cumprir o meu papel de forma justa e adequada ao que me proponho.

Um grande abraço,

"Professora 3"

MSG 13 - V

Boa noite, "Aluno 10", tudo bem?

A sua nota já está arredondada para 7,0, o próprio sistema faz isso. No meu diário você aparece com 7,0, portanto, está aprovado. Somente gostaria de saber se você consegue visualizar isso.

Um abraço,
"Professora 3"

Enviada por "Aluno 46"

Olá Professora, gostaria que me desse algumas dicas para estudar para próxima avaliação final. Peço também caso seja possível uma nova revisão da minha AP.

O meu muito obrigado, Deus te abençoe

Boa tarde, "Aluno 10", tudo bem?

Quanto à AP, eu já a corrigi e não está mais comigo, mas pelo que lembro não há, infelizmente, o que revisar, a nota é essa mesma.

Em relação à AV, estude sobre os documentos oficiais: memorando, ofício, enfim aquele capítulo que trata sobre isso. Também reveja com a atenção as normas gramaticais do último capítulo, estude sobre o emissor, o receptor, a mensagem e a construção do parágrafo. Então, procure centrar seus estudos nesses itens e boa sorte!!!

Um abraço,
"Professora 3"

Enviada por "Aluno 47"

Oi, professora!

Tenho uma dúvida. Minhas participações em "exposições" não estão aparecendo, somente há minha participação em algumas unidades, sendo que fiz todas as auto-avaliações. Gostaria de saber se fiz algo errado. Essas participações valem pontos? Ou somente são contados como nota a avaliação 1 e a avaliação presencial.

obrigado ...
"Aluno 47"

Boa noite, "Aluno 47", tudo bem?

Quanto a não presença de suas postagens na Exposição, não sei o que ocorreu, veja com a equipe de apoio técnico, ou seja, com a monitoria.

As participações nas Exposições visam à interação e ao aprendizado do aluno, é uma forma de estudar mais o conteúdo, mas não valem pontos, não contam como nota para a aprovação, somente a AD e AP.

Um abraço,
"Professora 3"

Enviada por "Aluno 47"

A avaliação final para recuperação será dia 29/11, certo? Seremos avisados do local? E serão todas as unidades... mais ou menos o que foi a AP?

Oi, "Aluno 47", tudo bem?

A prova final é semelhante à AP, ou seja, envolve todo o conteúdo da disciplina e é efetuada no mesmo local, mas aguarde o aviso da monitoria, pois essa equipe lhe fornecerá todas as informações necessárias em relação ao lugar e ao horário.

Um abraço,
"Professora 3"

ANEXO D – Outras mensagens de e-mail “Professora 4”

MSG 4 - P

MSG 5 - P

MSG 2 - P

From: “Professora 4”
To: “Aluna 2”
Sent: Thursday, October 30, 2008 7:04 PM
Subject: Re: Oi,prof

“Aluna 2”
Vc tem razao e u imprimir e estão todos aqui.
“Professora 4”

From: “Professora 4”
To: “Aluna 2” e demais alunas
Subject: matematica
Date: Mon, 20 Oct 2008 19:29:18 -0200

Meninas

Gostaria de saber se **vcs** conseguiram desmarcar o encontro com a ‘Professora Y’ na quinta a noite. Vamos fazer a homenagem prá ela na PBranca.

“Professora 4”

‘assinatura institucional’

From: “Aluna 2”
To: “Professora 4”
Sent: Monday, October 20, 2008 8:02 PM
Subject: RE: matematica

oi, prof

vai ter palestra a noite, vai ser com ela.

Daí **nao** sei se vai ter ou **nao**, vou falar com a turma amanha dai te mando a respostas a ta prof.

bjao

"Aluna 2" (apelido)

MSG 32 - P**MSG 33 - P**

From: "Aluna 48"
To: "Professora 4"
Sent: Monday, October 27, 2008 12:29 AM
Subject: trabalho

Plano de aula (estudo da subtração)

- segunda-feira (13/10/08)
- turma:4º série (5º ano)
- turno: matutino

Primeiramente conversarei com as crianças sobre o final de semana de cada um e , através disso observarei se existe algo dito por elas que possa ser aproveitado na explicação da matéria.

Se existir alguma situação, partirei desta, caso contrário, "lançarei" alguma situação para os educandos , onde possam me dizer como utilizar os significados matemáticos no dia-a-dia de cada um, pois esse é o objetivo das atividades.

Perguntarei a todos o que entendem por subtração, e depois, conforma a resposta de cada um, partirei para as explicações dos significados matemáticos, sempre perguntando a eles, o que entende por aqueles significados.

Assim, ao apresentar as crianças os significados matemáticos e perceber que estas já compreenderam passarei então um problema com cada significado matemático; variando cada dia, conversando e vendo o que os educandos trazem de novo para a escola.

Segunda semana (estudo de divisão)

-20/10/08 (segunda-feira)

Da mesma maneira que agi na semana anterior, perguntarei para as crianças o que entendem pelo assunto, depois é claro de conversarmos sobre o nosso final de semana; perguntá-los para que usam/ no que usam a divisão em suas casas; explicando a eles que um problema pode ter várias respostas, dependendo apenas das interpretações de cada um.

Durante a semana, passarei alguns problemas para as crianças, problemas que os façam pensar/ refletir em relação as respostas, não sendo óbvias e fazendo-os desafiar os colegas.

Rotina da turma:

- * recepção
- * roda da conversa (referente ao final de semana, pois os dias citados são todos segundas-feiras)
- * "atividade"
- * intervalo (fazer com que percebam na hora do lanche, se utilizam algum significado matemático)

- * trazer alguma história relacionada ao conteúdo trabalhado e/ou música dependendo do andamento da aula
 - * deixa-os livres para falarem o que acharam e/ou entenderam da aula do dia
 - * deixa-os conversar com os colegas sobre temas diversos.
 - * preparação para ir embora.
-

From: "Professora 4"
To: "Aluna 48"
Sent: Monday, October 27, 2008 8:16 AM
Subject: Re: trabalho

"Aluna 48"
Seu plano **nao** tem objetivos.
Conteudos
Veja o roteiro que eu encaminhei.
"Professora 4"

MSG 34 - P

"Aluna 49"
Que bom. Vamos nos encontrar sim temos mais uma matematica.
"Professora 4"

MSG 11 – V

"Aluna 8"
Que bom que vc sentiu-se bem em refazer. Ai envolve empenho!
O conteúdo será todo, sim.
Beijos
"Professora 4"

MSG 16 – V

MSG 17 – V

MSG 29 – V

MSG 30 – V

Enviado por "Aluna 50":

Oi professora, realmente fiquei meio confusa nessas questões, eu achei meio complicada mesmo. Será que posso tentar refazer novamente?

Abraços

"Aluna 50"

Claro que pode refazer. Siga as orientações.

Nas questões 1 e 2 se vc as fizer no seu caderno vai "enxergar" mais coisas.

"Professora 4"

ANEXO E – Outras mensagens de e-mail “Professor 5”

De: “Aluno 51”
Enviada: ter 2/12/2008 12:26
Para: “Professor 5”
Assunto: Projeto monografia

Olá “Professor 5”, tentei contato no seu **cel** a pouco e não consegui. Estou de serviço no quartel e não consigo sair daqui, motivo pelo qual envio o projeto em anexo. Informo que fiz consideráveis alterações de tema, matéria e orientação...**rsrsrsrsr**

Grande abraço,

“Aluno 51”

Subject: RES: Projeto monografia
Date: Tue, 2 Dec 2008 12:47:20 -0200
From: “Professor 5”
To: “Aluno 51”

Recebido “Aluno 51”,
Vou corrigir e mando para você por e-mail as considerações.
Obrigado!
Bom trabalho aí.
“Professor 5”

‘assinatura institucional’

De: “Aluno 51”
Enviada: ter 2/12/2008 14:00
Para: “Professor 5”
Assunto: RE: RES: Projeto monografia

Ah, obrigado novamente pela paciência e compreensão.

Abraço

“Aluno 51”

“Aluno 51”,
Penso que você pode ampliar o referencial teórico e aprofundar o conteúdo do plano provisório do projeto.
São só ajustes. Sua nota ficou 9,5 na disciplina.
Abraço,
“Professor 5”

‘assinatura institucional’

MSG 26 – P

Oi "Aluna 17",
Você foi aprovada.
Na segunda estarei manha e tarde em curso na Trajano. Seu projeto está lá.
Abraço,
"Professor 5"

'assinatura institucional'

MSG 3 – P

Olá "Aluna 3",
Para o projeto pode ser no início de cada página ou separado por dois espaços de 1,5.
Este economizaria papel.
Abraço,
"Professor 5"

MSG 1 – P

De: Professor 5
Para: De: Aluno 1
Assunto: RE: RES: slides Aluno 1 monografia

Sucesso é o que desejo para você Aluno 1.
Vai tranquilo. Confia no seu trabalho.
Minha maior satisfação como professor é poder colaborar e aprender com os meus alunos.
Por isso, sou apaixonado pela docência, cara!!!

Saúde!!!

Professor 5

De: "Aluna 52"
Enviada: qua 26/11/2008 22:34
Para: "Professor 5"
Assunto: Avaliação Final Marketing e Vendas

Boa noite "Professor 5",

Eu fiz sua disciplina Metodologia para estudo de caso neste semestre.

Fui fazer minha matrícula hoje e para minha surpresa não consigo me matricular para a próxima disciplina estudo de caso. Entrei no EVA e aparece que tinha um ultimo trabalho avaliação final para enviar, mas pelo cronograma aparece apenas 2 ADs?? E nas duas eu tirei nota 10.

Não sabia que teria de fazer a avaliação final.

Para mim aparece erro na hora da matrícula.

Se você puder me ajudar.

Obrigada!!

Minha matrícula xxxxxxx

Olá "Aluna 52",

Peço que entre em contato com a UnisulVirtual. Não tenho como resolver questões de matrículas. Algum erro deve estar acontecendo, pois no diário de classe publicado no sistema acadêmico consta que você foi aprovada na disciplina de Metodologia para estudo de caso.

Atenciosamente,

"Professor 5".

'assinatura institucional'

Mensagem enviada por: "Aluno 53" KURT

Professor

Obrigado pela resposta. vou definir o tema ainda hoje. Peço desculpas mas não tenho muito conhecimento do mundo acadêmico e preciso fazer mais algumas perguntas para minimizar a chance de erros. Na material didático está a orientação de que a introdução do estudo de caso deve ser uma das últimas etapas, e agora, na AD2 se pede isto como o início dos trabalhos, pergunto se esta introdução não corre o risco de não ter a objetividade necessária? Quanto à divisão dos tópicos desta AD, da introdução à conclusão, devem ser já digitados como títulos em separado como recomenda a metodologia ou estamos falando basicamente de um resumo, uma síntese inicial?

Olá "Aluno 53",

Estou sempre pronto para auxiliá-los nesta caminhada de pensamento para elaborar futuramente um estudo de caso.

Em um trabalho de estudo de caso, a Introdução deve mesmo se a última coisa a ser feita. O que eu me refiro na AD2 é ao texto - com introdução, desenvolvimento e conclusão -, o qual quera um paper. Não gostaria de ler paper em tópicos, mas sim em um texto dissertativo. Coloquei um texto informativo no mural para facilitar o entendimento do conteúdo do paper. É uma idéia inicial, uma reflexão sobre o tema do futuro trabalho. Uma redação reflexiva do aluno.

Um abraço,

"Professor 5"

Mensagem enviada por: "Aluna 54"

Oi, prof. somente tive acesso a internet hoje, estou com pouco tempo, pois tenho trab. bastante... e minha profissão não ajuda muito ,pois sou comissária de bordo, tenho me esforçado nos meus pernoite mas o tempo ainda é muito curto,mandei AD 1 e para falar a verdade não estou entendendo a disciplina e o porque da AD 2? Bom, farei o possível para enviar amanhã a avaliação. Grata!

Olá "Aluna 54",

A Ad2 é o início do pensamento de seu estudo de caso do curso de tecnologia.

Com o paper você poderá apresentar o seu tema e problematização que deseja trabalhar no estudo de caso da próxima disciplina do seu curso. É uma construção do processo científico.

Abraço,

"Professor 5"

Mensagem enviada por: "Aluna 55"

Oi prof. Errei a questão 1 da AD1 e realmente fiquei até agora sem entendê-la... o senhor pode esclarecer-me?

Pois para mim:

"Fenômenos da natureza: São das manifestações resultantes do movimento do planeta no espaço. Ex. as tempestades, os eclipses, as marés." (texto extraído da internet).

Acredito que a ciência investiga mais que isso, como citei no trabalho os fenômenos da mente humana, paranormais, neurológicos, etc... e estes últimos não são fenômenos da natureza...

Obrigada.

Att.

Olá "Aluna 55",

A ciência pode investigar mais que isso, porém, "Pode-se dizer que ciência é o conhecimento sistemático dos fenômenos da natureza e das leis que o regem, obtido pela investigação, pelo raciocínio e pela experimentação intensiva.". A questão elaborada pelos conteudistas do livro usa a expressão Pode-se dizer. E é correto esse tipo de pensamento de conhecimento. Para tanto os conteudistas no gabarito consideram a questão verdadeira e pedem para o acadêmico verificar nas páginas 17, 18 e 19 algumas possibilidade da ciência.

Atenciosamente,

"Professor 5"

Mensagem enviada por: "Aluno 56"

"Professor 5".

A minha Ad foi avaliada, porém não consegui ver nenhum comentário ou nota. Como faço?

Grato.

"Aluno 56"

Verifiquei que você já encontrou.

"Professor 5"

ANEXO F – Outras mensagens de e-mail “Professora 6”

Enviado em 17/10/2008 22:59

oi professora.. apenas gostaria de saber, da primeira palestra que nos passou sobre um cara que era camelo e tinha uma banca, qual é o link e o nome da palestra, para eu poder assistir de novo..

desde ja obrigado

“Aluno 57”

Oi “Aluno 57”... O site é: www.endeavor.org.br. Se vc colocar "David" como palavra chave, creio que **vc** encontra a palestra (no link "vídeos"); ou se não, na seção de marketing. Abraços,
“Professora 6”

Enviado em 15/09/2008 09:07

Oi Professora! tudo bem?

enviei a minha resenha sobre o texto Brand Naming para o seu email.. por favor me confirme o recebimento.

beijos

“Aluna 58”

Ok, recebido. **Att.**, “Professora 6”

Enviado em 17/10/2008 10:18

Olá professora tudo bem aqui é o “Aluno 59”, a nossa equipe do trans ,eu, a ‘X’ e o ‘Z’ estamos com muita dificuldade de encontrar conteúdo relacionado com as promoções comerciais de Marketing do Brasil com o Chile , país que escolhemos, por isso gostaria que a senhora pudesse dar uma ajuda para nossa equipe.

Obrigado em nome da equipie

Atenciosamente “Aluno 59”!!

Ok, "Aluno 59"... **vcs** já tentaram o site da Apex? Conversamos mais **hj** à noite... **Att.**,
"Professora 6"

MSG 35 - P

MSG 40 - P

Enviado em 05/08/2008 20:40

Olá Professora!

Eu não consigo ter acesso ao material. No ícone unidades consta 1 mas ao clicar aparece uma mensagem que o material ainda não foi enviado. E em midiateca também não consta nada está vazia.

Grata

"Aluna 61"

Olá... O problema já está resolvido. Veja ferramenta MEDIATECA novamente. **Att.**,
"Professora 6"

Enviado em 07/08/2008 15:29

Oi Professora muito obrigado por esclarecer minhas duvidas... um grande abraço

Oi "Aluna 62"... Tudo certinho? Tenho o maior prazer em lhe auxiliar! Qualquer coisa, escreva novamente! Grande abraço, "Professora 6"

Enviado em 14/08/2008 23:46

Professora obrigada pela preocupação, ainda estou com dificuldades,hoje eu comecei a fazer novamente a AD,porem ainda estou com duvida na questão 3(AD),a questão pergunta o mercado- alvo,bem ao meu entender defino como usuarios e não- usuarios,a minha definição esta correta?

Até mesmo porque o texto cita a probabilidade de crescimento da empresa vigente,no meu raciocinio para uma empresa crescer ela tem que vender e para ela vender alguem tem que comprar consumir. Desde de ja agradeço sua atenção!

Oi "Aluna 63"... Tudo jóia? Bom, não desanime!! Vamos em frente!!!

O seu raciocínio na questão 3 está correto, mas aprofunde a sua resposta... quais são as características desse mercado-alvo? Fale mais sobre isso... Abraços e sigo à sua disposição!
"Professora 6"

Enviado em 17/09/2008 10:50

Olá Professora!

Gostaria somente de divulgar uma matéria que li esta semana e que aborda exatamente o que estamos estudando na 2 unidade

<http://cio.uol.com.br/estrategias/2008/09/12/pesquisa-mostra-distancia-entre-metas-de-negocio-e-estrategias-de-ti>

Este site tem conteudo relacionado ao estudo desta disciplina. Vale a pena conferir!

Oi "Aluno 64"!!!!!! Valeu pela dica, meu caro! Otima iniciativa! Vou agora mesmo dar uma olhadinha e divulgar para os seus colegas! Abraços, "Professora 6"

MSG 12 – V

É isso aí, minha cara! Grande abraço, "Professora 6"

MSG 14 - V

MSG 15 - V

ANEXO G – Outras mensagens de e-mail “Professor 7”

Enviada em: 21/11/2008 00:02

Olá “Professor 7”, MUITO INTERESSANTE A METÁFORA DA CAVERNA (PLATÃO)! No livro didático, em relação à Platão - página 116 - você poderia me explicar o último parágrafo - estou com a seguinte dúvida: Por que Platão considerou que já nascemos com as idéias universais e verdadeiras das coisas e por outro lado as coisas que vemos e sentimos no mundo concreto são consideradas ilusões? Essa visão ainda persiste? Por quê? Fineza exemplificar. Obrigada, Abraços, “Aluna 13”. (BH/MG)

MSG 23 - V

MSG 20 – V

“Aluna 13”,
o uso da razão no caso dos pré- socráticos refere-se a forma de estabelecer conjecturas e refutações e não a escola racionalista de René Descartes.
A comparação e a análise crítica decorrem do uso da racionalidade humana (razão).
A expressão maçante constante do livro didático tem o sentido de afirmar que os pré-socráticos não viam como maçante fazer conjecturas e refutações, mas que envoviam-se nesse exercício como mentes curiosas e juvenis que querem sempre ir mais adiante.

Atenciosamente,
“Professor 7”

Enviada em 25/10/2008 07:59

Bom dia Professor!
Nas pesquisas que fiz e no livro didático a definição de filosofia é sempre muito semelhantes, e porque existe diferença na definição quando é voltada pra grupos de pessoas, empresas, famílias? Não deveria ser da mesma forma que estudamos?
“Aluna 65”

“Aluna 65”,
fico bastante feliz pela sua dedicação e interesse pela disciplina.
Com relação a definição de Filosofia, podemos dizer que é difícil encontrar uma definição fechada, como um grande guarda-chuva, onde seja possível colocar todas as situações possíveis. Por isso, encontramos diversas variações na forma de enunciar uma possível definição. Mas, de maneira geral é

possível afirmar que FILOSOFIA é a busca "amorosa" da verdade. No amor, o ser humano vai as últimas consequências, é rigoroso e exigente. Busca a essência do outro de todas as maneiras possíveis e imagináveis.

O fazer filosófico é assim. Uma boa definição para Filosofia deveria conter esses ingredientes.

Atenciosamente,
"Professor 7"

Enviada em 01/09/2008

Ola!Professor!

To com duvida na questao 01 da AD, todos os artigos q li, nenhum fala de semelhanças ente eles, e sim da diferença de pensamento q eles possuem em determinado assunto. Como vou elaborar esta questao, no livro tem pouco assunto sobre estes dois conhecimentos. Vc pode me explicar melhor estes conhecimentos?

Obrigado pela atenção.

"Aluna 66",

o conteúdo do livro didático e o texto da questão devem ser suficientes para você elaborar a resposta. Mas, você encontrará muito mais documentos sobre o tema na biblioteca virtual da Unisul e também no google acadêmico (<http://scholar.google.com>).

Se as indicações acima não forem suficientes, entre em contato novamente.

Atenciosamente,

"Professor 7"

"Professor 7", SEGUNDO MEUS "PARCOS" CONHECIMENTOS, A FILOSOFIA É "RAZÃO PURA". AS COMPETENCIAS TÍPICAMENTE FILOSÓFICAS SÃO: SENSO CRÍTICO E PROMOÇÃO DA AÇÃO CRIATIVA. SE A FILOSOFIA ESTÁ FUNDAMENTADA NA RAZÃO, COMO PODE PODE PROMOVER A CRIATIVIDADE, QUE É JUSTAMENTE O OPOSTO DA RAZÃO? AGUARDO SEU RETORNO, MUITO OBRIGADA. ATENCIOSAMENTE, BH/MG

"Aluna 13",

a criatividade não é antagônica da razão. A razão é apenas um instrumento de raciocínio através da lógica que pode ser formal ou dialética. A razão filosófica é um encadeamento de argumentos válidos que buscam desvelar a verdade. A capacidade crítica decorre do conhecimento da realidade e através da razão busca alternativas e propõe soluções.

Atenciosamente,
"Professor 7"

Solicitação:

Olá "Professor 7",

Estou procurando e não acho o plano de ensino - ementa de metodologia da pesquisa, se o Sr. puder me ajudar queria perguntar para o coordenado do meu curso, se será possível validar essa matéria.

Obrigada,

Até 4°.

Resposta:

"Aluna 67",

estou enviando o plano de ensino como documento anexado.

Atenciosamente,

"Professor 7"

Solicitação:

Caro acadêmico,

o artigo sobre a evolução do Direito no Brasil deve ser enviado para este e-mail (nononono@xxxxx.com). Importante: Observar as normas metodológicas trabalhadas em sala e o caderno de normas da UNISUL.

Atenciosamente,

"Professor 7"

Resposta:

Boa Noite Professor, estou lhe enviando o trabalho como solicitado, espero ter cumprido todas as suas exigências.

Atenciosamente,

"Aluno 68"

Solicitação:

Professor, estou encaminhado o projeto de pesquisa da equipe, estamos com problema de paginação, tentamos de todas as formas possíveis para paginar a partir da parte introdutória do projeto, madei o projeto via e-mail para o 'Y' ele vai tentar mais uma vez. Mas, o caso é que quero aprender como se faz. quanto ao artigo individual que o senhor pediu, fique na dúvida

quanto a formatação se coloco ou não com sub-título: Introdução; desenvolvimento; conclusão e bibliografia.

Teria como o senhor me responder pelo e-mail: 'nononono@xxx.br'.

Resposta:

"Aluna 69",

O artigo deve ser produzido apenas com: Título e sub-título (se houver), autoria (coloque o seu nome e titulação), Resumo, palavras-chave, introdução, desenvolvimento, conclusão e referências bibliográficas. Veja o texto trabalhado em sala de aula.

Qualquer dúvida, estou a sua disposição.

Atenciosamente,

"Professor 7"

Solicitação:

Professor, dê uma olhada no meu projeto e veja se necessita alguma modificação.

"Aluna 70"

Resposta:

"Aluna 70",

estou lhe enviando o projeto com as observações que você solicitou.

Lembre-se, as observações introduzidas no projeto, são apenas, sugestões. Refaça e reorganiza da forma que você achar melhor.

Atenciosamente,

"Professor 7"

Solicitação:

Olá "Professor 7"

Estou lhe enviando em anexo, a parte que consegui fazer até agora. Estou na parte teórica e enquanto isso gostaria que **vc** olhasse como está!

Obrigada!

"Aluna 71"

Resposta:

"Aluna 71" estou devolvendo o trabalho, com as correções de sábado.
Somente hoje consegui fazer a análise do seu trabalho.

Atenciosamente,
"Professor 7"

ANEXO H – Outras mensagens de e-mail “Professor 8”

From: “Aluna 6”
To: “Professor 8”
Subject: ENC: Resenha
Date: Sun, 14 Sep 2008 17:12:39 -0300
Olá professor,

Já havia enviado minha resenha para o Sr. Na quinta feira, entretanto não recebi nenhuma confirmação de recebimento. Como o prazo é amanhã estou reenviando-a.
“Aluna 6”

MSG 25 – P

MSG 9 – P

From: “Professor 8”
To: “Aluna 6”
Subject: RE: RES: ENC: Resenha
Date: Sun, 21 Sep 2008 10:48:44 -0300

Oi “Aluna 6”,
Acabei de publicar as notas no Sistema Acadêmico.
Você ficou com média 9,8
Atenciosamente,
“Professor 8”

From: “Professor 8”
To: “Aluno 72” e outros
Subject: não teremos data-show

Atenção grupos que apresentarão seminário em maio:
Infelizmente não foi possível reservar o data-show para as apresentações de seminário que ocorrerão no mês de maio.
Teremos retroprojeto à disposição.
Lamento,
“Professor 8”

From: “Aluno 72”
To: “Professor 8”

Subject: RE: não teremos data-show

então reserva o retroprojeter, que vamos conseguir um PC.

From: "Professor 8"

To: "Aluno 72"

Subject: RE: não teremos data-show

Oi "Aluno 72",

O PC não é o difícil de conseguir.

O problema é o data-show (que projeta a imagem na parede).

Vamos ter à nossa disposição um retroprojeter, que é um equipamento que utiliza transparências (lâminas de plástico transparente).

É preciso imprimir as lâminas ou fazê-las no xerox.

um abraço,
"Professor 8"

Date: Mon, 1 Dec 2008 05:53:32 -0800

From: "Aluna 73"

Subject: Filosofia unisul

To: "Professor 8"

Bom dia Professor!

Gostaria de saber sobre a recuperação de Filosofia, pois minha média no sistema está insuficiente, apesar de não ter a nota da primeira avaliação. Gostaria de saber qual a minha situação, se o último trabalho foi aceito, se com todas as notas eu tenho condições de passar direto..

Aguardo a resposta do senhor se possível.

Att, "Aluna 73"

Oi "Aluna 73",

Acabei de acrescentar no Sistema Acadêmico as notas que estavam faltando.

Você está aprovada na disciplina de Filosofia.

Atenciosamente,
"Professor 8"

MSG 10 – P

From: "Professor 8"
To: "Aluna 7"
Subject: RE: texto para o trabalho
Date: Mon, 1 Dec 2008 08:14:59 -0200

Oi "Aluna 7",
Estive olhando as suas notas e lá está registrado 9,5!
Você tem 8,6 é na prova 2.
Qualquer dúvida, apareça lá na nossa sala de aula na sexta de manhã.
Atenciosamente,
"Professor 8"

MSG 27 – V

Oi "Aluno 74",
Pergunta complicada hein!
No geral está correto: Kant aponta algumas inconsistências na *metafísica realista* e, a partir de uma "revolução copernicana" propõe uma concepção *metafísica idealista transcendental*.
Sob este aspecto, também está correto colocar "no mesmo saco" a metafísica aristotélica e a metafísica dos empiristas britânicos.
Por outro lado, essas generalizações **super**-abrangentes só são válidas de forma contextualizada e fazendo-se um **monte** de ressalvas.
Por exemplo:
1- Por que os racionalistas não foram citados (nem Platão, nem Descartes, Espinoza, Leibniz, etc)?
2- Não se dá destaque ao caráter histórico dessa comparação entre 2 projetos teóricos. Dá a impressão de que um deles simplesmente foi substituído pelo outro. De fato, ambos tiveram seus dias de glória, ambos receberam duras críticas e ambos sobrevivem ainda hoje na discussão filosófica.
Para uma pergunta tão genérica como essa que você fez, acho que é isso que dá para responder.
Abraço,
"Professor 8"

MSG 36 – V

MSG 37 – V

Enviada em: 10/10/2008 17:48

Professor,

Vou ter que reler várias vezes, com a cabeça fria, para tentar entender efetivamente.

Mas, vamos lá.

Temos duas situações diferentes:

- 1) Nem todo atleta pode ser incluído na categoria dos esforçados (algum atleta não é esforçado)
- 2) Os atletas não são esforçados sempre, o tempo todo (eventualmente, fazem "corpo mole")

Dizer que a frase "Os atletas nem sempre são esforçados" só tem "uma leitura aceitável", que é a (1) não é forçar a barra, ou seja, forçar o freguês a entrar num terno muito apertado, apenas para seguir uma regra?

Não quero cometer nenhuma heresia - veja bem, tudo isso para mim é absolutamente novidade, nunca estudei Lógica antes e comecei a ficar empolgado achando que, com ela, poderia desenvolver alguma habilidade para não comprar tanto gato por lebre -, mas, dessa forma, começo a duvidar disso, pois a própria lida com a Lógica me obriga a "forçar" uma situação que, para mim, é flagrantemente contra a realidade? Apenas para me ater a um figurino?

Desculpe a insistência. Não é, de forma alguma, pelos pontos que isso possa significar na AD, mas é porque realmente gostaria de entender - e ser convencido racionalmente, sem ter meus neurônios fritos.

Abraço.

Oi "Aluno 75",

Note que eu não disse que só tem uma leitura aceitável.

O que eu disse é que, devido as restrições impostas pela estrutura formal das proposições categóricas "*só resta*, então, *uma* leitura aceitável". As outras leituras existem, mas precisam ser descartadas pois não cabem no modelo.

O próprio Aristóteles percebeu as limitações desse modelo e, inclusive, propôs alguns complementos à teoria do silogismo categórico.

Estamos lidando com um problema de *tradução* de uma linguagem para outra. E nem tudo o que é possível dizer em uma é possível dizer na outra com uma correspondência perfeita.

A Lógica é um instrumento muito útil, mas não se aplica a tudo.

O mundo é muito mais complexo que a lógica.

Abraço,

"Professor 8"

MSG 38 – V

MSG 39 – V

Enviada em: 08/10/2008 07:55)

"Professor 8" do céu! Isso eu sei. Só queria saber qual a "denominação de cada uma"? Mas acho que vc me ajudou a achá-las. "Aluno 76"

Viva o trocadilho!

Se precisar de mais alguma ajuda ainda sobre este assunto, reformule a questão.

Abraço,

"Professor 8"

ANEXO I – Outras mensagens de e-mail “Professor 9”

De “Aluno 77” para “Professor 9” em 27/11/08

OK, obrigado.

Abs.

De: “Professor 9”

Enviada em: quinta-feira, 27 de novembro de 2008 10:04

Para: “Aluno 77”

Assunto: Re: Prova e 2a chamada - Análise de Custos - ADM PB

Olá “Aluno 77”

Na quarta-feira da semana que vem

Abraços

“Professor 9”

Bom dia, “Professor 9”.

Eu vou fazer a 2ª chamada da 1ª prova, gostaria de confirmar com você a data em que ela será realizada.

Pode fazer a gentileza de me passar?

Obrigado.

Abs.

Olá “Aluna 78”,

Realmente temos que utilizar o valor dos estoques do balanço anterior e deste que foi montado.

Abraços

“Professor 9”

Olá professor, obrigada pelas resoluções. Só uma duvida..eu tava a ver o cálculo dos indicadores, e no indicador e) giro dos estoques, e f) prazo médio de estoques, o professor utiliza como valor de estoque o do balanço final. Mas na apostila diz que é o prazo médio de estoques..nao deveriamos somar o valor do balanço inicial com o final e dividir por 2?

Muito Obrigada
“Aluna 78”

Date: Mon, 17 Nov 2008 09:00:32 -0200
From: “Professor 9”
To: “Aluna 78”
Subject: Re: resolução exercicio

“Aluna 78”

Segue em anexo

“Professor 9”

Olá professor. Só para pedir a resolução do caso dois, se possivel.
Muito Obrigada

“Aluna 78”

MSG 7 – P

MSG 6 – P

De “Aluna 79” para “Professor 9” em 02/11/08

Olá professor, **td** bom??

Podemos nos encontrar nessa próxima quarta-feira??

Fico no aguardo

De “Professor 9” para “Aluna 79” em 03/11/08

Olá “Aluna 79”,

Combinado, quarta as 18:15 na sala dos professores ou após a aula

“Professor 9”

De “Professor 9” para “Aluno 80” em 03/11/08

Olá “Aluno 80”,

Vimos o cálculo dos indicadores econômicos, até a página 28 da apostila, não foi entregue nada

“Professor 9”

Boa tarde professor

Não poderei ir na aula de hoje.

Teremos matéria nova? O que será trabalhado?

Se tiver algum trabalho e puder me passar por email te agradeço.

“Aluno 80”

‘assinatura institucional’

MSG 22 – V

Olá "Aluno 15",

Normalmente se diz que o FCS é o ponto que vai diferenciar largamente a empresa em relação aos concorrentes e se bem administrados pode ser o fator de desequilíbrio frente ao concorrentes.

Abraços

"Professor 9"

Enviado em: 21/02/2009, 09:46

Oi "Professor 9", tudo bem?

Olha recebi sua **mss** sobre minha AD, não sei se vai adiantar o novo preenchimento porque, só vi agora dia 21, pois no dia vinte aqui onde moro, não tinha energia o dia todo, e a noite fui ver o carnaval, então não tive acesso ao **pc**, por conta da falta de energia durante todo dia, então não sei se vai dá pra considerar, de qualquer maneira muitíssimo obrigado.

Abraço

"Aluna 81"

Olá "Aluna 81",

Realmente fica fora do prazo mesmo. Mas agradeço sua presteza

Abraços

"Professor 9"

Enviado em: 24/02/2009, 08:28

Bom dia, Caro "Professor 9", não tenho entendido muito bem sobre a parte da análise SWOT neste caso da AD, gostaria se possível que **vc** fizesse uma simulação de qual seria a resposta certa para esta pergunta usando os dados que temos da empresa Draulius, pois re-li as pgs 72 e 74 e mesmo assim fiquei confuso em relação a resposta e gostaria de sua ajuda para que eu não viesse a errar novamente na AP. Segue abaixo sua resposta sobre minha AD: Muito Boa sua AD, porém faltou o cruzamento de dados na análise SWOT, mostrando as situações de alavancagem, limitação e problema. (página 72-74 do material). Acho que não me fez entender da outra oportunidade, porém gostei bastante de suas explicações sobre o porque considerasse algo como ponto forte ou fraco. Mas na análise SWOT é necessário a análise das situações de alavancagem, limitação e problema. Muito obrigado pro sua ajuda **att** "Aluno 82"

Ola "Aluno 82",

Após a montagem de um quadro SWOT nós fazemos a análise dos dados levantados. Ou seja, situações de alavancagem, limitação, etc... Esta análise surge por meio do cruzamento dos dados entre os fatores positivos e negativos e/ou do ambiente interno e externo. Assim, como um ponto forte da empresa pode fazer com que a empresa aproveite uma oportunidade de mercado, ou um ponto fraco possa inviabilizar um oportunidade de mercado, etc...

Abraços

"Professor 9"

MSG 21 – V

Olá "Aluno 14",

A sua AD foi avaliada e pedi para que você refizesse uma questões. Podes observar que sua nota e observações de modificações. Peço que vejas as sugestões que lhe fiz e reenvie a AD refeita.

Abraços

"Professor 9"

Enviado em: 30/01/2009, 09:57

Oi "Professor 9", tudo bem?

A avaliação da unidade 1, consta para ser publicada no FORUM, mais ate agora não tem nenhum fórum postado, qundo vamos poder responder?

Grata

"Aluna 83"

Olá "Aluna 83",

Publiquei agora o fórum para vocês.

Abraços

"Professor 9"

